

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



**PEDAGOGIA DE ESPORTE: ASPECTOS MOTRIZ DE
APRENDIZAGEM EM HÓQUEI EM PATINS, CRIANÇAS
DE OITO A DEZ ANOS**

CRISTIÁN LUARTE ROCHA

**CAMPINAS, S.P.
2004**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Cristian Eduardo Luarte Rocha e aprovada pela Comissão Julgadora em 16/07/2004.

Metodologia da Investigação.

ORIENTADOR : PROFESOR DR. HUGO ARÁNGUIZ ABURTO

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

L96p

Luarte Rocha, Cristián Eduardo

Pedagogia de esporte: aspectos motriz de aprendizagem em hóquei em patins, crianças de oito a dez anos / Cristián Eduardo Luarte Rocha. - Campinas, SP: [s.n], 2004.

Orientador: Hugo Augusto Aránguiz Aburto

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Metodologia. 2. Esportes para crianças. 3. Jogos. 4. Hóquei sobre patins. I. Aránguiz Aburto, Hugo Augusto. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

DEDICADO:

Minha esposa Ximena e filhas Francisca e Camila, pelo seu grande amor, afeto e entendimento.

Meus páis Hernán e Magaly, minha irmã Pilar, pelo seu apoio e afeto permanente.

A memória de meu inesquecível irmão Patricio.

A memória da minha querida e inesquecível avó Georgina inspiradora dos meus estudos.

AGRADEÇO:

Deus, sempre estar em tudo aquilo que eu empreendi.

Professor Dr. Hugo Aránguiz Aburto por sua visão, conhecimento e orientação deste estudo.

Professor Dr. Roberto Rodrigues Paes, por seus ensinamentos fundos e sábios.

Professor Dr. Miguel Cornejo A. por sua preocupação e disposição na coordenação deste Mestrado.

Professor Dr. Edison Duarte, por sua preocupação e disposição na coordenação deste Mestrado.

Professores Universidade de Concepción e UNICAMP pela ajuda a crescer profissionalmente.

Amigos, por apoiar os meus estudos.

RESUMO

O estudo presente nos esboça uma reflexão sobre a metodologia que é aplicado na fase de iniciação desportiva em hóquei em patins. Considerando que o tratamento que é usado a balança nacional, é com guia para a procura de uma especialização precoce, é tentado demonstrar que enquanto nos métodos tradicionais, as situações de aprendizagem estão compostas de assimilação e de aplicação de destrezas individuais, nos métodos globais são de situações lúdicas na qual se acha alguma solução de motriz na procura de problemas esboçados pelo próprio jogo. As expressões técnicas são, então, a partir da real situação de jogo que propicia uma Pedagogia de Esporte sem estabelecer aproximações gerais de efetividade estandarizadas. Do ponto de vista estatístico você chegou ao resultado seguinte, para o teste " t " para amostras não independentes: Para o teste de coordenação de óculo-pedal a razão " t " é: 17.40, Teste de coordenação óculo-manual a razão " t " é: 3.43 e Teste de jogo simples a razão " t " é: 10.67. Se precisa de um valor é de: 1.7613 de forma que o " t " seja significativo ao valor 0.05 e de: 2.624 de forma que isto são significantes ao valor 0.01. Isto significa que a diferença entre as duas meia é significativa aos valores 0.05 e 0.01. Então a conclusão é que a hipótese de investigação foi aceita e a hipótese nula é rejeitada.

Palavras de chave: Metodologia, Iniciação Desportiva, Jogos, Pedagogia do Esporte.

ABSTRACT

The present work sets an insight about the present methodology applied at early stages of the approach learning of hockey. Considering the used nation wide is oriented to the search of an early expertise. It tries to demonstrate that with traditional methods the learning situations are made up of assimilation and application of individual capacities, in the pro-active methods we find ludic situations focused on the search of a motrix solution to said problems into the game itself. The technic expressions are, this, obtained from the real game situation giving room to a Spoils Pedagogy, without setting standarized general criteria of efficiency. Desde el punto de vista estadístico se llegó al siguiente resultado, para la prueba "t" para muestras no independientes: For the óculo-pedal coordination test, ratio "t" is:17.40., for the óculo-manual coordination test, the ratio "t" is: 3.43 and for the simple game the ratio "t" is: 10.67 you need a value of 1.7613 so that the "t" would be significant to the value of 0.05 and of 2.624 so that the "t" would be significant to the value 0.01. This means that the difference between the two medias is significant to the values 0.05 and 0.01. Therefore, a summary, the research hypothesis is accepted and the nule hypothesis was rejected.

Key Words: Methodology, Introduction to Sports, Games, Sports Pedagogy.

ÍNDICE

CAPÍTULO I

| | |
|---|-----------|
| 1. Introdução | 1 |
| 1.1. Planificação do Problema | 1 |
| 1.2. Objetivos da Investigação..... | 4 |
| 1.2.1. Objetivo Geral | 4 |
| 1.2.2. Objetivos Específicos | 4 |
| 1.3. Identificação das Variáveis | 4 |
| 1.3.1. Variável independente | 5 |
| 1.3.2. Variável dependente | 5 |
| 1.4. Fundação Teórica | 5 |
| 1.5. Delimitação do Estudo..... | 7 |
| 1.6. Formulação de Hipótese..... | 7 |
| 1.7. Justificação a Relevância | 8 |
| 1.8. Limitações do Estudo..... | 9 |
| 1.9. Pergunta em Estudo | 9 |
| 1.10. Definição de Condições | 10 |

CAPÍTULO II

| | |
|---|-----------|
| 2. MARCO TEÓRICO | 14 |
| 2.1. Relação existentes fatores de execução e fator perceptivo motriz..... | 14 |
| 2.1.1 Estrutura geral da resposta motriz | 16 |
| 2.1.2 A função de ajuste | 20 |
| 2.1.3. A função de interiorização..... | 22 |
| 2.1.4. A percepção e a representação mental do espaço..... | 23 |
| 2.1.5. Percepção temporária | 24 |
| 2.1.6. A percepção e o treinamento integrado das habilidades visuais..... | 25 |
| 2.1.7. Fatores que afetam à expectativa do rendimento motor | 26 |
| 2.1.8. Aprendizagem motor e esporte educacional..... | 29 |
| 2.1.9. Diferentes tipos de automatismos..... | 30 |
| 2.2. Aprendiagem de iniciação | 31 |
| 2.2.1. Fases da iniciação desportiva | 38 |
| 2.2.2. Princípios gerais do treinamento desportivo | 46 |
| 2.2.2.1. Princípios biológicos | 46 |
| 2.2.2.2. Princípios pedagógicos..... | 50 |
| 2.3. Aprendizagem Globalizado..... | 55 |
| 2.4. Aprendizagem de Especialização..... | 62 |

| | |
|---|----|
| 2.5. História do enfoque da Aprendizagem com relação ao Hóquei em Patins | 68 |
| 2.6. Descrição da Experiência que se deseja desenvolver | 77 |

CAPÍTULO III

| | |
|--|----|
| 3. Metodología | 80 |
| 3.1. Metodología do estudo | 80 |
| 3.1.1. Administração do instrumento..... | 80 |
| 3.1.2. Fases de aplicação dos instrumentos | 85 |
| 3.2. Universo, Amostra..... | 85 |
| 3.3. Características da inovação | 86 |

CAPÍTULO IV

| | |
|---|-----|
| 4. Análise dos resultados | 88 |
| 4.1. Análise estatístico..... | 89 |
| 4.1.1. Estatística Descritiva | 89 |
| 4.1.2. Análise dos resultados Bateria Teste de Motores e Jogos Simples..... | 92 |
| 4.1.3. Análise dos resultados Teste Jogo..... | 95 |
| 4.1.4. Prova “t” para amostras não independentes | 101 |

CAPÍTULO V

| | |
|--|------------|
| 5. Discussão e Conclusões | 103 |
| Revisão bibliográfica | 107 |
| Anexos | 113 |
| Anexo – 1 | 114 |
| Anexo – 2 | 140 |
| Anexo – 3 | 151 |
| Glossário..... | 152 |

ÍNDICE DE TÁBUA

| | |
|---|-----|
| Tábua 1: Resultados Estatísticos descritivos do Teste: C. O. P. - C.O.M. Teste de Jogo Simples | 89 |
| Tábua 2: Resultados Estatísticos descritivos do Teste: C. O. P. - C.O.M. Teste de Jogo Simples | 90 |
| Tábua 3: Resultados Bateria de Teste Motores e Jogo Simples | 91 |
| Tábua 4: Tabula Teste de Jogo Simples Ataque..... | 93 |
| Tábua 5: Tabula Teste de Jogo Simples a Defesa | 94 |
| Tábua 6: Interpretação qualitativa do Ataque | 95 |
| Tábua 7: Interpretação qualitativa da Defesa | 98 |
| Tábua 8: Resultados Prova " t " Teste de: C. O. P. - C.O.M. Teste de Jogo Simples | 103 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1: Pre-teste e Pós-teste de Ataque..... | 96 |
| Gráfico 2: Pre-teste e Pós-teste de Defesa..... | 99 |

ÍNDICE DE TÁBUAS

| | |
|---|-----|
| Tábua 1: Característica da Inovação..... | 84 |
| Tábua 2: Progressão dos fundamentos em Hóquei em patins | 152 |

CAPÍTULO I

1. - INTRODUÇÃO

1.1. POSIÇÃO DO PROBLEMA

A iniciação cedo em toda atividade física e em disciplinas de esporte está sem lugar a dúvidas, muito benéfico para todo o indivíduo, o problema que parece ser centrado nos objetivos que são procurados com este começo de iniciação desportiva. O tópico em estudo foi, é e será muito controverso por todas as implicancias que supõe no campo das ciências aplicado ao esporte.

No ambiente nacional, estou ligado a uma disciplina desportiva bonita que é o “Hóquei em Patins”, porém tendo reiterado ocasiões eu pude verificar por: bibliografia, congressos, seminários e meios audiovisuais que não existem acordos em nossa especialidade a balança nacional, por respeitar os princípios pedagógicos e biológicos na iniciação organizam e a evolução deles, para os aplicar dentro de um plano nacional de trabalho, quer dizer, nós faltamos uma proposta tendente metodológico para equipar funcionalmente aos menores por meio de lúdicas ações que o envolve referenciais metodológico e também sócio-educacional, também quando revisando a literatura existente na área acham-se livros, publicações e folhetos relativos ao desenvolvimento de qualidades do biocinéticas, (valoração e as diferenças da condição física) técnico-táticos, aspectos psicológicos como também meios de aprendizagem da técnica, mas você falha o processo metodológico inteiro em iniciação para a disciplina. Por outro lado, o processo de ensino-aprendizagem fundamentalmente é com guia para *“Uma aprendizagem técnica individual exigindo sucessões de expressões técnicas que usam muito tempo o ensinando técnico e muito pouco no jogo propriamente tal”*, Gréhaigne & Guillon, 1992, (mencionado por Graca - Oliveira 1997, p.12). Esta carreira desproporcionou para obter rendimentos e resultados prematuros geraram uma obsessão para os aspectos do ensino e a aprendizagem centrado obsesión por los aspectos de ensinar e o aprendizagem centrado na técnica individual o que pode nos gerar que a soma de todas as causas de ações individuais provoquem um risco qualitativo no

time. Porém, na atualidade se participa em campeonatos nacionais com crianças de oito a dez anos que lutam a morte para os pontos sem respeito aos procedimentos e mecanismos que deveriam ser tidos presente em um processo de aprendizagem de iniciação, quer dizer nós faltamos uma metodologia que enfoca a resolução de problemas por meio de ações lúdicas global.

Na frente deste problema nós deveríamos ter presente que, o fato de aplicar uma metodologia em função de uma técnica individual, pode faltar uma série de fatores que cumprem com o desenvolvimento dentro de um processo de aprendizagem, por dar um exemplo: "A dimensão social" que supõe o aparecimento de laços afetivos, aprendizagem social e descobrir ao outro. Esta dimensão social deveria ir acompanhada pelas Capacidades Motrizes e as Capacidades Cognitivas.

Os antecedentes prévios fazem necessário para levar a cabo um estudo que permite clarificar as questões seguintes:

- O aprendizagem no hóquei em patins devia estar fundada principalmente no desenvolvimento da técnica individual de expressões consecutivas?
- No processo de ensino-aprendizagem o jogo se desperta a capacidade criativa no menor?
- Qual é a média de horas dentro de uma sessão de treinamento que nós dedicamos ao jogo?
- Uma pedagogia ativa por meio de jogos causa no menor uma motivação alta?.

Se referindo a esta última questão Piéron Maurice (1999, pág. 13) mostra: "Durante a última década, a expressão pedagogia do esporte se estendeu cada vez mais, provavelmente baixo a influência do Congresso Científico Olímpico que usou isto de um modo regular para definir o propósito de um de suas seções". O anterior me leva formular o problema central da investigação que é expressada na questão seguinte:

- Existe alguma diferença na aprendizagem do hóquei - Patim, entre as crianças que aprendem por um método globalizado com estratégias lúdicas e aqueles que dão prioridade ao ensino centralizado na técnica individual tradicional?

Por isto é importante se lembrar de que um modelo de aprendizagem lúdico globalizado não deveria ser usado só como uns meios para o desenvolvimento de habilidades e capacidades variadas, simultaneamente, é necessário ensinar esses mesmos jogos, com sua lógica particular, as normas, regras e seus códigos, como referências importantes de uma pedagogia desportiva, deste modo estará dando para o desportista uma formação para o desenvolvimento pessoal dela.

Então o problema que guia esta investigação poderia ser expressado do modo seguinte:

"Estratégias lúdicas globalizadas em hóquei em patins causam rendimentos motrizes significante do aprendizagem desportiva inicial em crianças de oito a dez anos".

O estudo presente nos esboça uma reflexão sobre a metodologia que é aplicado na fase de iniciação desportiva do hóquei em patins. Considerando que o tratamento que é usado a balança nacional, é com guia para a procura de uma especialização precoce, se intenta demonstrar que enquanto nos métodos tradicionais, as situações de aprendizagem estão compostas de assimilação e de aplicação de técnica individual, em uma metodologia globalizada são situações lúdicas das quais se procura alguma solução motriz a problemas esboçados pelo próprio jogo. Os gestos técnicos são, então, deduzidas a partir da real situação do jogo que propicia uma pedagogia desportiva sem estabelecer criterios gerais de efetividade unificadas.

1.2. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Eu considero importante para o estudo presente pensar no seguinte objetivos gerais e específicos de investigação.

1.2.1. Objetivo Geral

- Analisar, se por um modelo lúdico globalizado, é facilitar o aprendizagem inicial desportiva do hóquei em patins, nos quais o jogo passa para ser constituído como elemento central do processo pedagógico - aprendizagem; avaliando se tem rendimento motores significantes na aprendizagem de crianças de oito e dez anos.

1.2.2. Objetivos Específicos

1. Determinar que a experiência relacional de dentro do grupo de aprendizagem evolui de forma harmônica com respeito ao desenvolvimento funcional, pela criatividade, uma motivação alta, liberação de tensões, espontaneidade e aparecimento de laços afetivos.
2. Determinar o grau de influência das ações lúdicas na motivação e no de desenvolvimento motor do menor.
3. Avaliar a atitude no trabalho, e a tomada de decisões no menor.

1.3. IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS

VARIÁVEIS E CONCEPTUALIZAÇÃO: Uma variável é: uma “propriedade que pode variar e esa variação é suscetível de ser medido " (et de Hernández. para o um. 2.000, pág. 75).

Para o estudo presente foi determinado como variáveis, o seguinte:

1.3.1. Variável Independente: Corresponde à metodologia usada, entendido isto como as estratégias ou métodos que nós deveríamos usar para alcançar os objetivos propostos. "*São a condição ou causam para um certo efeito ou consequência, é o incentivo que condiciona uma certa resposta*" (Díaz Otañez J. 1983 p.42).

Neste propósito para o seguinte estudo foi considerado variável independente:

X: Estratégias Lúdicas Globalizadas.

1.3.2. Variável Dependente: É medido para ver o efeito que a manipulação da variável independente tem dela. " É aquele fator ou propriedade que é o efeito na relação causa-efeito. " *É o que aparece como resultado, resposta de algo que foi estimulado* ". (Díaz Otañez J. p.42).

A partir da definição prévia foi considerado como variável dependente o seguinte:

Y: Melhora a aprendizagem desportiva inicial do Hóquei em Patins em crianças de 8 a 10 anos.

1.4 FUNDAÇÃO TEÓRICA

Os trabalhos contemporâneos puseram em evidência que o desenvolvimento metódico dos fatores de execução: força ou resistência, não adquire significado até a puberdade. Antes deste período, o trabalho metódico da "condição física", de acordo com a concepção madura da preparação desportiva, longe de favorecer o desenvolvimento, esboça uma grande quantidade de problemas patológicos no menino. J.Le Boulch (1991, p.22). No entanto, a atividade física em geral e a educação desportiva pode levar, antes da puberdade, um papel essencial na evolução do esboço corporal, que deveria alcançar sua maturidade estrutural neste período do desenvolvimento.

Porém, ao analisar a metodologia aplicada ao processo que ensino-aprendizagem na disciplina em estudo que nós encontramos com uma grande problemática como é: " as estratégias de aprendizagem que são usado na iniciação desportiva em hóquei em patins ", desde que, estes estão guiados na "procura de aprendizagens por meio de métodos tradicionais, construídos na base do treinamento desportivo e guiaram para uma especialização precoce", a especialização precoce, quer dizer, avançado no tempo, tirando proveito desde cedo, concretamente da infância, qualidades e destrezas. Este problema é uma realidade, que é um fato que tem naturalidade na maioria dos países do mundo apesar de todas as condenações que pertence a doutores, pedagogos, os psicólogos etc. e que na atualidade apesar do cepticismo de muitos, se impõe o critério de uma grande maioria no sentido de que é uma correta " seleção de talentos ", com todas as garantias que exige isto, e uma aprendizagem precoce da técnica como também uma racional planteamento do treinamento, adaptada à idade biológica do menino, pode melhorar os benefícios futuros e assegurar, na medida do possível, rendimentos desportivos de nível alto pelo tempo, que seria duvidoso você adquiere com uma recente iniciação na disciplina desportiva. Eu considero que não tem impedimentos categóricos contra a especialização cedo, tanto do ponto de vista psicológico, médico, e pedagógico, contanto com a seleção e a dedicação desportiva futura das crianças, apóie de fato na eleição das corretas bases metodológicas ou método aprendizagem, a racionalização dos programas de treinamentos, a motivação, excitação e compensações de esporte que deveriam ser projetadas corretamente e sabiamente dosado no tempo, guiado entre outros fatores, para o desenvolvimento da inteligência múltipla. É por isto que deveria ser dirigida a aprendizagem no hóquei em patins em sua iniciação, para o ensino dos jogos desportivos em estratégias lúdicas global. Relativo a este problema alguns autores como: Galilea - Muñoz, Estruch - Massana (1986 revista apunts, vol de XXIII. p.23). eles afirmam: "*Nós não deveríamos esquecer que o menino desdramatiza o fato desportivo, e o fato de ganhar ou perder, - embora quer a primeira coisa mais que ele segundo - não tem o mesmo significado que no adulto*". Com o resultado que tudo aquilo supõe desviar a intencionalidade educacional-formativo que deveria presidir em cima da atividade desportiva no menino, deveriam ser rejeitado, assim como tudo aquilo tenta contra sua liberdade e contra a felicidade saudável e a competição limpa que são inatos ao esporte praticadas por crianças. Na base destas palavras é necessário sobressair que, do ponto de vista psicológico, fica preciso que o esporte em sua iniciação tem um caráter eminentemente educacional, e que os sistemas de treinamento e o fato

competitivo, com suas rampas de sucesso e fracasso, que eles deveriam se adaptar na mentalidade e todos os interesses dos menores. Com respeito a esta posição os mesmos autores mostram: "*É de sobra conhecido que a primeira e mais forte motivação do menino antes do esporte são a necessidade de movimento, que no começo terá um caráter somente lúdico isto pára depois, ao surgir a tendência natural na superação de si mesmo e dos outros, soma um caráter competitivo*".

1.5 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O estudo presente de investigação será levado a cabo, com quinze desportista em fase de iniciação desportiva cujas idades fluuam entre os oito e dez anos. Os estudantes são desportistas que pertencem à Associação de Hóquei do Clube Desportivo Huachipato, estes desportistas serão sujeitados a uma bateria de teste para determinar o grau de motor de rendimento que é alcançado depois de aplicar um tratamento durante seis meses. O plano ou estratégia concebera para responder às perguntas de investigação, quer dizer, o “desenho” de investigação para este estudo é de tipo **Quaseexperimental**, expõe ao grupo de estudantes à presença de um tratamento baseado em um Tratamiento Lúdico Globalizado.

1.6 FORMULAÇÃO DE HIPÓTESE

As hipóteses indicam o que nós estamos procurando ou estamos tentando para provar, Hernández (1998, p.74 -79) os define do modo seguinte: “Explicações tentativas do fenómeno investigado formularam na maneira de proposições tentativas sobre as possíveis relações entre dois ou mais variável.

Hi: ESTRATÉGIAS LÚDICAS GLOBALIZADAS NO HÓQUEI EM PATINS, CAUSA RENDIMENTOS MOTRIZES SIGNIFICANTE MELHORANDO A INICIAL O APRENDIZAGEM ESPORTIVO COMEÇADOS EM CRIANÇAS DE OITO A DEZ ANOS.

Ho: " Estratégias Lúdicas Globalizadas no hóquei em patins, não causa motivo motriz significativa na aprendizagem inicial desportiva em crianças de oito a dez anos ".

1.7 JUSTIFICAÇÃO E RELEVÂNCIA

Devido à escassa bibliografia e trabalhos de investigação científica na especialidade, é sugerido ao tratar do estudo, provavelmente a partir da investigação a pessoa poderá criar um multiplicador de efeito deste esporte, porque os procedimentos ou estratégias atuais de aprendizagem no hóquei em patins estão baseado na sucessão de expressões técnicas o que gerou o desencanto e deserção prematura de grande quantidade de menores. Os métodos tradicionais de treinamento não motiva o interesse das crianças, desmotivando-se facilmente pela mecanização de uma expressão técnica, também limitando a criatividade e espontaneidade nos movimentos.

Por outro lado quando levando a cabo uma pesquisa dirigida aos professores que trabalham na iniciação desportiva eu achei a necessidade para afundar no tópico porque existe uma grande inquietude por parte dos professores por aplicar uma metodologia mais atraente, de tal um modo, motivar aos menores na prática desportiva com que aumenta a minha motivação pela realização do estudo atual. Provavelmente, os resultados que são obtidos eles poderiam ajudar resolver os problemas de encinar para todos a disciplina, e poderiam aplicar uma metodologia ativa por meio de ações lúdicas que é atraente para o menor com respeito aos procedimentos do ensino com o que entenderia ou a pessoa terá consciência por parte de organizações diretas e técnicas que não podemos confundir a aprendizagem na iniciação desportiva, com a competitividade prematura guiada para a procura de rendimento e especialização precoce, também, poderia terminar unificando aproximações em quanto ao aprendizagem nesta fase e o seu posterior plano de desenvolvimento, todo o intento de deserções produto de uma competição que pode ser estresante para o menor.

1.8 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Se nós entendemos como variável intervinente “aquela que aparece entre a variável independente e a dependente em um problema determinado que produz então, um efeito na relação existente entre ambos ” (Díaz Otañez J. P, 43). É considerado que o estudo presente pudesse ser limitado para:

- A influência dos estados emocionais na atividade em função do rendimento, a experiência prévia dos desportistas, os diferentes graus de maturação e desenvolvimento que correspondem ao alcance de idade, as características psicológicas dos menores, é preço para dizer; " *A ansiedade que pode-se mostrar pelo desenvolvimento de afetos negativos, de sentimentos de apreensão e tensão, associou a um nível alto de ativação do organismo* ". Martens, Vealy e Burton, (1990, mencionados por Famose, 1999 pág. 254). Também, outra característica seria a motivação e suposição do risco, a atenção ou a inibição do treinamento.
- Outra variável para considerar pertence a frequência irregular dos menores às classes e as lesões que podem acontecer em um certo momento. Também é muito importante ter presente que no processo de adaptação físico técnico (p.a.f.t.), os estudantes mantêm uma regularidade na frequência para classes.

1.9 PERGUNTA EM ESTUDO

Os antecedentes antes descritos nos fazem analisar e afundar no seguinte:

- Influencia na iniciação desportiva do hóquei em patins de ações lúdicas como atos inteligentes que implicam mecanismos de percepção, decisão e execução.
- Propiciar situações de aprendizagem tendientes para melhorar cada um destes aspectos dentro do formato do jogo global.
- Fomentar uma pedagogia desportiva na iniciação para esta disciplina com uma intencionalidade educativo-formativa.

1.10 DEFINIÇÃO DE CONDIÇÕES

Adaptação : Qualidade dos organismos vivos que, pelo desenvolvimento corporal, formas funcionais, rendimento, comportamentos e demandas diversas podem estabilizar as condições de existência. Manno (1992, mencionados por García 1996 Submisso, p.27).

Aprendizagem motor : É a aquisição, afinação e estabilização das destrezas motoras, quer dizer, das destrezas de técnico-esporte no treinamento, representando um processo ativo consciente dirigido para um certo objetivo. Meinel e Schnabel (1976 mencionados por Harre, pág. 191).

Amostra : Grupo de pessoas, fatos ou situações que são parte de representativa de uma população ou universo. Díaz Otañez (1983, pág. 123).

Avaliação : Processo de avaliação de resultados e aceitação de valores específicos e uso de diversos instrumentos de observação e medição. Díaz Otañez (1983, pág. 123).

Competição : É um processo no qual a comparação de um rendimento individual é feita com um padrão qualquer em presença de pelo menos outra pessoa que está atento da comparação de aproximação. Martens (1976, p.14, mencionados por Famose 1999, p.34).

Especialização precoce : A seleção de indivíduos, avançou pelo tempo por uma concreta e específica modalidade desportiva, seleção baseou-se quase exclusivamente em fatores biológicos (qualidades) e técnicos (destrezas), concretamente na infância. Galilea-Muñoz, e col. (1986, revista apunts, vol de XXIII., p.15).

Estratégias Lúdicas Globalizadas : Grupo de instrumento guiado para resolver os problemas de aprendizagem, equipando o menino no seu plano funcional por meio de ações lúdicas, globais no que se procura a solução motriz para os problemas esboçados no próprio jogo.

Feedback : Retroação. Efeito de retorno exercido em um organismo por seu próprio funcionamento. Rigal (1987, pág. 646).

Habilidades motrizes : Programas motores que representam uma série de comandos musculares que são estruturado previamente à iniciação do movimento, e permitem a execução do grupo da sucessão motriz, até mesmo em ausência de informações que vem da periferia sensorial. Keele (1988).

Hipótese : Enunciado de uma suposição ou declaração, dedicado para ser provado por um estudo, que pode ser enunciado em forma afirmativa, negativo ou interrogativo. Díaz Otañez (1983, pág. 123).

Iniciação desportiva : É o processo que vai do momento que começa a aprendizagem inicial e seu progressivo desenvolvimento posterior até que o indivíduo possa aplicar o aprendido a uma real situação de jogo com nível global de efetividade. Delgado M.A. 1994, (mencionado por Romero Granados 1997, pág. 29).

Jogo : Etimologicamente vem da voz latina “iocus”, que significa, ação e efeito de jogar, sendo sua derivação semântica o que corresponde a diversão ou exercício recreativo sujeito a certas regras” Martínez, 1965 (mencionado por Bravo Berrocal 1999, pág. 21).

Motricidad : Grupos de funções que eles permitem os movimentos. Rigal, (1987, pág. 648).

Método : Procedimento sistemático e planejado de ordenação dos conteúdos da preparação de um desportista, da organização dos objetivos parciais, dos modos de organização, das interações treinador-atleta, da eleição dos meios de trabalho e sua dosagem, tudo com o propósito de alcançar os objetivos marcados de antemão. García Manso (1996, p.16).

Metodología : Ciência do método. Díaz Otañez (1983, pág. 123).

Modelo de Treinamento : Processo planejado e complexo para aumentar o rendimento desportivo, ajudando a uma série de fases ou etapas, nas quais aplicando umas premissas metodológicas concretas, devem ser adquiridos metas de intermédio. Delgado, Gutiérrez & Castillo, (1995, mencionado por Cardenas Vélez, 2000, pág. 87).

Método tradicional : Situações de aprendizagem que estão composto de exercícios de assimilação e de aplicação de destrezas, baseado na técnica individual.

Motivação : Fatores de personalidade, variáveis sociais e cognitivas nos que entram em ação quando uma pessoa faz uma tarefa na qual se avalia, entrando em competição com outros ou intentando alcançar certas normas de excelência. Piéron (1999, p.205).

Paradigma : São realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante certo tempo eles provêem modelos de problemas e soluções para uma comunidade científica. Bizquerra, (1986 p.45).

Pedagogia desportiva : É o estudo científico na organização das situações de aprendizagem de um esporte, para alcançar um objetivo cognitivo, afetivo e sociomotor.

Praxia : É um sistema de movimentos coordenados em função de um resultado ou uma intenção. Castañer - Camerino (1996, pág. 126).

Preteste : Procedimento na administração de uma medida prévia para outros testes de investigação. Díaz Otañez (1983, pág. 124).

Postest : Procedimento na administração de uma medida ao término de outros testes de investigação. Díaz Otañez (1983, pág. 124).

Princípios Desportivos : Processo pelo qual o desportista sofre certas cargas de treinamento, guiadas ao conseguimento do estado de um modo ideal, deve respeitar um grupo de

procedimentos cujo propósito é obter a máxima efetividade com os mínimos possíveis riscos. Cárdenas Vélez, (2000, p.94)

Quaseexperimento : Não acaba sendo experiência. Algumas variáveis são manipuladas. Díaz Otañez (1983, pág. 121).

Rendimento motor : É o resultado de uma atividade, com forte componente motriz. Jean-Pierre Famose (1999, p.32). Colocada em prática dos movimentos na produção de resultados. Parlebas (1981, mencionado por Famose 1999, p.33).

Teoria : Declaração das relações ajudadas entre os conceitos ou constructos. Díaz Otañez (1983, pág. 124).

Técnica desportiva : Forma de executar um exercício desportivo. Starosta (1991, mencionado por García Manso, 1996, p.460). Processo ou grupo de processos, que se aprendem pelo exercício, os quais permitem levar o mais racional e economicamente possível e com a máxima efetividade uma certa tarefa de movimento. Manno (1991, mencionado por García Manso, 1996, p.460).

Variable : Propriedade ou características das pessoas ou fenômenos que têm de variar. Díaz Otañez (1983, pág. 124).

CAPÍTULO II

2. MARCO TEÓRICO

2.1. RELAÇÃO EXISTENTES FATORES DE EXECUÇÃO E FATOR PERCEPTIVO MOTRIZ

Por muitos anos, e até mesmo por nossos dias, foi difícil de achar a franja que define onde se acha a sensação e onde a percepção. Normalmente foi considerado que as sensações eram experiências básicas, causadas por incentivos simples, relacionados com a atividade dos receptores sensoriais. Goldstein (1992, mencionado por Cárdenas Vélez 2.000, p.35). Para autores como Forgas (1982) e Mayoral (1982), a sensação é compreendida como: "*Uma mera recepção da informação que oferece o meio, então, representa a fase pela qual o sujeito captura a energia física pelo diferentes organs sensoriais, que traduzida a incentivos nervosos denominado aferentes, é transmitida às áreas do córtex cerebral, que se encarregará do seu código e interpretação*". Sabemos o que acontece ao lado da gente e em nós mesmos, por meio de receptores sensíveis. Estes receptores são divididos em exteroceptores, proprioceptores ou interoceptores, como eles transmitem as informações nascidas em meios externos ou internos. O influxo aferente chega nas áreas receptoras ou sensitivas corticais a partir das quais começa o processo de descodificação do impulso nervoso que conduz às percepções. Rigal (1987, mencionado por Cárdena Vélez 2.000, pág. 35).

Em quanto à percepção, se pensa que são experiências mais complicadas, resultado de processos de ordem superior para integração ou adição de sensações Goldstein (1992). Por outro lado, Mayoral (1982) explica que a percepção é composto por átomos de sensação, correspondendo ao mecanismo pelo qual tudo aparece diferente à soma de suas partes. De acordo com Rigal (1987, mencionado por Cárdenas Vélez 2.000, p.36): "*As percepções são elaboradas a partir de dados sensoriais e estão sujeito a um certo número de leis ou particularidades fisiológicas como a natureza do sistema sensorial, o estado fisiológico do sujeito, a idade ou as*

áreas corticais gnósicas; psicológicas como a motivação, a última experiência, a atenção, a emotividade, a cultura etc., ou mecânicas como a aleijamento do objeto, as condições físicas dos meios, etc. "

Alguns autores como Mayoral (1982 mencionado por Cárdena Vélez, 2.000, pág. 36), descreve a percepção como: "*Um processo integrador no que se vê algumas fases temporárias, entendendo que a percepção continua à sensação e é a que está a cargo de originar formas mentais no cérebro que supõem as representações internas do mundo externo e tornam possível o conhecimento "*.

Nesta linha nós podemos falar de um sistema sensorio-perceptivo no qual podem ser distinguidos duas fases:

- a. A recepção dos incentivos para trabalho dos órgãos das sensações.
- b. O análise das sensações que estão baseado nos dados da memória e graças à motivação.

Estes dois momentos são inseparáveis na prática, porque a análise continuaria imediatamente à recepção. Pittera & Riva, (1980).

Roca (1991), mostra que o melhor modo para entender o que a percepção surge de tomada o critério do comportamento como critério de organização da natureza humana. Para este autor, perceber é um comportamento como é o sentir, e ambos são aceitações da natureza humana. A sensação descreveria a reatividade das sensações para a mudança da energia, e a percepção descreveria a condicionalidade que reativa em função da história individual de excitação.

A percepção, então, supõe uma sucessão de eventos que começam com a energia física ou incentivo que ativa os diversos receptores sensoriais, depois do qual se produz a transmissão da informação pelas vias sensoriais até os níveis superiores do sistema nervoso central. Neste processo de transmissão se torna energia propia de cada sensação na corrente electroquímica

propria do impulso nervoso. Se o indivíduo está em um estado de ativação ou vigília adaptada, a mensagem alcança o nível cortical onde é levado um processo de recepção, seleção e reorganização da informação. Chegado a este ponto, o ato perceptivo se torna em um ato pessoal que transcende a sensorialidade e é intrinsecamente subjetivo e humano. Finalmente, o ato perceptivo termina com a resposta do sujeito ao incentivo. Esta resposta pode modificar a situação do subsequente ato perceptivo e modificar de modo a natureza da relação (Corbella 1994, mencionado por Cárdena Vélez 2000, pág. 37).

Não podemos nos estabelecer com o mesmo rigor a evolução das percepções, como as dos desenvolvimentos tanto ao nível fisiológico, anatômico e também cognitivo das diferentes fases evolutivas. O que sim nós podemos verificar, é que as percepções elaboradas a partir de dados sensoriais, e sujeitas a um certo número de particularidades fisiológicas e psicológicas, são melhores com a idade, ao ficar rico com as experiências. Neste sentido Rigal (1987), estabelece a idade como uma das particularidades fisiológicas, junto com a natureza do sistema sensorial, as áreas corticais gnósticas e o estado fisiológico do sujeito, que podem agir sobre as percepções e fazer que eles são diferentes de um indivíduo para outro. De acordo com este autor, em quanto a particularidade para a idade, as percepções são mais completas e seletivas a medida que o sujeito vai fazendo maior e os receptores vão sendo aperfeiçoados.

2.1.1. ESTRUTURA GERAL DA RESPOSTA MOTRIZ

O sistema nervoso é dividido em duas partes grandes: o sistema nervoso central (S.N.C.) e o sistema nervoso periférico (S.N.P.). O primeiro é a combinação essencialmente do encéfalo e da medula espinal, e está localizado na caixa craniana e no canal raquídeo que o protege. O segundo se estende as continuações nascidas do primeiro, os nervos cranianos e raquídeos, que asseguram a conexão entre o sistema nervoso central e os efeitos musculares ou glandulares, e os receptores sensoriais.

Dois grandes estruturas governam a operação geral do sistema nervoso: os centros nervosos, que formam a substância cinza, e as vias nervosas que formam a substância branca,

constituídas pelas fibras nervosas saídas dos corpos celulares das neurônas reagrupadas na substância cinza. Uma união funcional existe entre ambos.

Os sistemas nervosos funciona graças ao impulso nervoso. As vias que transportam o impulso nervoso dos centros para a periferia se chamam descendentes, motrizes ou eferentes; são divididos em vias somáticas destinadas aos músculos esqueléticos e em vias autônomas que vão para os músculos planos, órgãos, glândulas e músculo cardíaco. As vias autônomas consta dos sistemas simpáticos e parasimpáticos. As vias que, em sentido contrário, dirigem ao impulso nervoso da periferia para os centros nervosos que são denominados para ascendentes, sensitivas ou aferentes: reagrupam as vias somáticas, viscerais e sensoriais das sensibilidades exteroceptiva (vindo dos meios externos), propioceptiva (nascido dos ossos, articulações e músculo) e interoceptiva (vindo da vísceras). A atividade neural central transforma as aferências em eferências por meio de tratamentos sucessivos e integrado com o propósito de adaptar a ação para as características do meio, ou também os usa em alguma atividade intelectual.

O sistema nervoso central é a intermediária entre os órgãos sensoriais e os efetores musculares. Pode ser considerado um canal de comunicação cuja efetividade depende da quantidade e da organização dos circuitos sinápticos.

No recém-nascido, o número de sinapsis é considerável, e pela relação do organismo com o ambiente, certa quantidade deles se estabelece como automatismos motores disponíveis. A estabilização funcional dos automatismos instruídos e, principalmente, a possibilidade que estes são novamente usados em outras circunstâncias isto depende da atividade de descoberta do organismo. Por conseguinte, deve permitir-se ao sujeito exercitar a experiência de ajuste para alcançar esta organização. Se estabelece deste modo uma relação entre as partes do sistema nervoso e do corpo que funcionam como um todo na origem do comportamento e do caráter do indivíduo.

Seguindo as contribuições de Le Boulch (1991, p .42) referido nas bases neurofisiológicas do aprendizagem motor: O aprendizagem é o resultado da confrontação do organismo e do ambiente dentro do processo de adaptação. O canal de comunicação é

representado pelo sistema nervoso central, que é o intermediário entre os órgãos sensoriais e os efectores musculares. O processamento da informação sensorial, na origem da resposta motriz, que pode ser localizado em três níveis diferentes de organização, podendo originar três tipos de respostas motrizes: reflexas, automáticas e intencionais.

No ser humano, os automatismos unidos às funções de relação deveriam estar organizados baseado na experiência motriz de cada um. Isto significa que não existe um programa motor estabelecido no nascimento, não simplesmente potencialidades estruturais consideráveis, se lembrando da multiplicidade de relações dinâmicas possíveis. Para isto, e na medida que aumenta a maturação das estruturas, a experiência de adaptação provê ao sujeito de um programa de respostas automáticas que lhe permitem confrontar já vivenciadas globalmente. Nosso objetivo é de especificar o mecanismo de aquisição destes automatismos com o propósito de definir um desenvolvimento coerente da aprendizagem.

Embora as distinções prévias entre sensação e percepção estão bastante claras no papel, na realidade, que esta linha divisória não parece poder ser delimitado com tanta clareza.

A continuação revisaremos algumas aproximações, que os autores fazem do movimento:

O movimento, Wallon disse (1965, mencionado por Lora Precipício 1991, p.49): *“Constitui uma fonte inesgotável de experiências, origem de conhecimentos e afetos que ao exteriorizarem se tornam o primeiro idioma da expressão do homem: idioma que concordando vai aperfeiçoando e enriquecendo e sendo constituído na melhor via de relação com o mundo de seres e objetos”*. Entre os autores que começaram suas atividades no campo da reeducação podemos mencionar Guilmain, quem, seguindo os trabalhos de Wallon, estabeleceu as relações entre a função tônica e as funções cinestésicas, e entre estas e os efeitos do caráter, e definiu tipos de psicotores com relação ao temperamento.

Com relação à marcha pedagógica, Vayer, (mencionado por Lora Risco, 1991, pág. 93) mostra: *“A necessidade para estabelecer uma correspondência larga e funda entre esta e as fases do desenvolvimento do menino. Também, exige a atitude objetiva do pedagogo e estabelece*

regras, leis pedagógicas, psicológicas, leis gerais e específicas da educação psicomotriz ". Finalmente, analisa completamente a ação educacional e as relações entre a atitude do adulto e as necessidades do menino.

Para nosso estudo é sugerido de um modo muito especial para ajudar à visão de esporte educacional que descreve Le Boulch no seu livro “O desportivo educativo” Psiconética e aprendizagem motor.

O esporte educativo está baseado na análise funcional dos fatores que interferem no resultado, neste respeito Ele Boulch (1991 p.21) mostra: Levando como base os testes atléticos (carreiras, salte, lançamentos), a análise funcional baseado em dados biológicos e psicológicos nos permitiu pôr em evidência dois grupos funcionais que intervêm no resultado desportivo:

- Os fatores psicomotrices e os fatores de execução, (elementos efectores da resposta motriz).

Esta análise permite ser distinguida na resposta motriz:

- Um elemento qualitativo, que depende do valor funcional do sistema nervoso central, elemento de elaboração e de decisão do ato motor.

- Um elemento quantitativo de rendimento, representado pelas próprias características de certas funções periféricas,:

- Função de nutrição (digestão, excreção, respiração, circulação) para a resistência em todas suas manifestações.

- Função muscular para a força e para determinados aspetos da velocidade de execução.

Bem-visto que tal distinção não implica que exista uma ruptura entre os dois grupos funcionais. O uso bom dos fatores de execução requer um certo modo de intervenção do sistema nervoso central. Reciprocamente, o nível dos fatores de execução intervem na programação da resposta.

Considerado como um trabalho corporal de base, o esporte educativo mostra Le Boulch (1991, p.26): “*deveria permitir a estruturação do esboço corporal até um nível de organização que torna possível o aprendizagem cognitivo*”. Este desenvolvimento funcional implica a evolução da função de ajuste e a posta em marcha da função da interiorização, que permite passar do estágio de corpo - viveu ao de corpo - percebido, e então para o de corpo - representado. Os jogos de regras deveriam conduzir progressivamente ao menino a reconciliar sua liberdade de ajuste e suas iniciativas próprias, com o respeito necessário para as limitações impostas pelas regras, e então para as demandas da cooperação.

De acordo com o pensamento de Lora Risco (1991,p.47), “*O esporte educativo conserva sua essência lúdica, originado no prazer funcional, no prazer do esforço e em alegria da criatividade, tudo aquilo que surge do natural desejo de superación, quer dizer comete ao ser inteiro, psicobiológico e psicosocial, e com isto o corpo assume a dignidade que o corresponde*”.

2.1.2. A FUNÇÃO DE AJUSTE

A função de ajuste implica de acordo com a concepção de Le Boulch (1991, pág. 27) “ A posta em marcha de uma verdadeira memória do corpo (memória psicomotriz) diferente da memória conceitual “. Este memória psicomotriz é uma função baseado na riqueza de suas vivencias e de seu próprio funcionamento ativo durante as diferentes experiências, o que multiplica suas possibilidades de associação.

Por conseguinte, no curso das atividades específicas, a função de ajuste se exercita e se desenvolve e, simultaneamente, sua bagagem de " praxias " fica rica. Conforme Paoletti, (1979,

mencionado por Lora Risco, 1991 p.63), o conceito de praxia junta os aspectos ideomotor e motor da resposta motriz e faz referência ao mesmo tempo ao aspecto pensado da iniciação e do controle voluntário e para o aspecto automático do desenvolvimento do ato. O motor de aprendizagem consiste em uma melhora cada vez mais de todos os tipos de feed-backs, centrais y locais, que vão instalando, que permitem o desenvolvimento do ato motor com a mínima intervenção da consciência. Acredito então que o menino entende uma situação nova por meio da exploração na prática pessoal, e não por meio de referências das experiência de um adulto.

Com respeito ao mesmo Rigal, (1987, pág. 331), mostra: " *Os movimentos, seria resultado de uma aprendizagem onde o feedback, já seja cenestésico, visual, auditivo, que vem do conhecimento dos resultados jogariam um papel apesar de tudo* ". No princípio, o controle do desenvolvimento de um ato motor novo pede as aferências periféricas. Os centros nervosos superiores estão permanentemente informados do que é executado com relação ao que é pedido de forma que as correções pode ser feitas.

A progressão da aprendizagem faz acessório os longos bucles periféricos que fazem a ordem motriz eferente gerados pelos centros nervosos superiores. Deste modo os desportistas, sabem bem que a partir do momento em que tem decidido e começado sua expressão em função das informações que vem do meio, não poderam modificar isto. Os centros nervosos superiores seriam deste modo capazes de definir as características do movimento e o assegurar o desenvolvimento, depois aprendizagem.

O movimento representa a concreção de uma intenção associado a uma situação particular, debaixo de forma de atividade muscular causada pelo impulso nervoso. É o resultado da atividade de um número variável de estruturas nervosas que combinam em fases coerente intenção, memória e referências em um todo suscetível de conduzir para uma execução motriz adaptada. Esta atividade global e difundida, embora permitiu a colocação em evidência de uma intervenção seqüencial das estruturas nervosas, evita uma localização acentuada dos centros de controle dos diferentes parâmetros do movimento.

2.1.3. A FUNÇÃO DE INTERIORIZAÇÃO

A educação corporal começa do enfoque da educação psicomotriz, em uma primeira parte esta concepção que relaciona a motricidade com a pessoa, teve suas origens na medicina para mais tarde passar ao campo da educação. " *O esquema corporal é a base fundamental da função de ajuste: constitui o ponto de partida de todo o movimento* ". Le Boulch (1991, pág. 28). Porém, o acesso das aferências periféricas de origem proprioceptivo para as áreas de análise cortical é opcional.

Por conseguinte, é possível levar a cabo ajustes excelentes sem entender do corpo. Esta é a razão para a qual esta função perceptiva permaneceu banida dentro dos métodos de educação física que atrai mais para a mecanização que para a compreensão. Para este estudo penso que um dos objetivos da iniciação desportiva consiste em permitir o desenvolvimento normal da função de interiorização. Isto consiste em uma forma de atenção perceptiva centrada no corpo que permite resurgir até o nível consciente, graças ao análise perceptivo, das informações que vem do corpo. De acordo com Wallon (mencionado por Le Boulch 1991 pág. 29), este último permitirá que a imagem visual do corpo e a imagem kinestésica seja redescoberta.

Deste modo, o aspecto operativo da imagem do corpo poderá representar uma verdadeira estrutura cognitiva a partir da qual será possível passar de um ajuste global para um ajuste surtido de uma representação mental. O uso desta função essencial na disponibilidade motriz permite que a pessoa não permanece pegada dentro dos próprios automatismos e que atue intencionalmente para os modificar. Esta aptidão permite se privar de usar os métodos de condicionamiento e descondicionamiento no aprendizagem técnico.

2.1.4. A PERCEPÇÃO E A REPRESENTAÇÃO MENTAL DO ESPAÇO

Qualquer conhecimento do meio exterior, diz Rigal, (1987, pág. 255): “ *Vem da descodificação e da interpretação das mensagens que vêm dos diferentes receptores sensoriais repartidos por todo o corpo humano* ”. Estes impulsos nervosos que, como já mostramos previamente, constituem o que geralmente é designado com o nome de sensações eles dão à luz, por meio de transformações sucessivas, para as percepções que consistem em cair em conta dos eventos externos e eles provêm o conhecimento do ambiente. Toda a ação ou ajuste específico para um meio de comportamento requerem o conhecimento preciso e imediato de nossa situação com relação para os objetos e as pessoas que nos rodeiam e, às vezes, a capacidade para visualizar uma configuração dentro da qual existe um movimento ou um deslocamento dos elementos desta configuração. Estas aptidões funcionais se colocam a prova no esporte coletivo. Na medida em que o trabalho metódico de percepção do espaço foi previamente descuidado, será necessário devolver a situações mais elementares proposto por Le Boulch (1991, p.29). Estas diferentes aquisições implicam a posta em marcha de um grupo de reflexões e de automatismos visuais. “ *O passo de certo modo de atenção focalizada no objeto para uma forma de atenção distribuída depende do controle da motricidad visual* ”. A percepção do espaço de ação será melhor na medida em que esta função pode ser levada a cabo a partir de hipóteses induzidas por formas interiorizadas, especialmente, a realização de uma ação coletiva depende da possibilidade de ser baseado em um esquema coletivo de organização representado por uma certa forma de ocupação do espaço.

Com relação para a orientação espaço-temporal, Le Boulch (1991, p.31) mostra: “ *A estruturação espaço-temporal representa o resultado de um esforço adicional que implica a análise intelectual dos dados prévios de sua orientação*”.

Para poder entrar neste nível de organização, é necessário que o menino tenha cruzado o estágio de descentralização. Isto significa que até este momento o um ponto de referência era o próprio corpo a partir do qual tudo era organizado, e que de agora em diante é necessário que o menino pode escolher outros pontos de referência. Poderá organizar o seu espaço baseado em um

certo objeto (em nossa caso bola) ou em um certo sócio. Neste momento (oito e dez anos), o menino aceita na socialização de tipo coletivo.

2.1.5. PERCEPÇÃO TEMPORÁRIA

Uma parte importante de nossas percepções está relacionada com objetos em movimento. Pode ter certeza que a determinação de sua velocidade de deslocamento assegura nossa sobrevivência: por exemplo; antes de cruzar uma rua nós deveríamos ter uma idéia bastante precisa da velocidade do veículo que vai para nós para decidir se podemos ou não fazer isso. Alguns autores como Rigal, (1987, pág. 286) afirmam “o objeto móvel chama muito a atenção do menino se está apresentado no campo visual periférico; excita então a retina periférica e gera uma resposta visual que parece preceder o que vem da fixação de um objeto estável localizada no campo central ” .

A percepção do movimento pode ser do deslocamento da imagem do objeto na retina, estando o olho fixo, ou até mesmo do deslocamento ou do olho na órbita ou da cabeça para seguir o objeto do olhar enquanto que sua projeção retiniana fica quase estacionário. No primeiro caso o movimento é determinado pelo sistema olho - retina e no segundo para o sistema olho - cabeça. Gregory, (1978, mencionado por Rigal,1987, pág. 287). “ *A percepção temporal do movimento é o esforço da atenção seletiva que permite a análise pensado da rítmica do ajuste motor* ”. Le Boulch (1991, pág. 33). Este aspecto de particular que põe em jogo à função de interiorização, é completado com uma percepção temporal guiada para o exterior e, especialmente, para o análise das sensações sonoras.

Esta interferência entre a sensação audível e o kinestésico de sensação dentro da percepção temporal justificam a importância que é concedida ao trabalho de sincronização de sensorio-motriz. Ao respeito deste mesmo autor mostra: A possibilidade de representação mental de estruturas rítmicas de complexidade crescente, é a base das aprendizagens motores provendo de representações mentais. Este tipo de adaptação é possível ao redor dos nove anos para essas crianças que puderam conseguir aos benefícios de uma educação psicomotriz.

A percepção é para Piaget, (mencionado por Rigal 1987, p.297), um fenômeno cognitivo ativo, com a assimilação da entrada sensorial em um esquema. Os esquemas são constituídos por aprendizagem durante experiências sensoriomotrices.

2.1.6. A PERCEPÇÃO E O TREINAMENTO INTEGRADO DAS HABILIDADES VISUAIS.

A maioria dos jogos esportivos, especialmente os times esportivos, é centrado na capacidade de extrair a maior informação possível do ambiente e processar isto adequadamente. Como sabemos, a coleta da informação é levada a cabo pelos receptores sensoriais especializados, de entre os que devemos destacar a visão como máximo protagonista de busca dos dados no ambiente. Neste sentido, Cárdenas Vélez 2.000, menciona a numerosos autores como: Magill (1980), De Vore & Devore(1981), Revien & Gabor (1981), Mayonal (1982), Keer (1982) Kovner & Dusky (1987), Schmidt (1988) e MacLeod (1991), entre outros, eles descreveram a visão: "*Como o canal que permite saber melhor os eventos a nosso ambiente*". Para Kerr (1982), a visão é o mais ativo e melhor organizado e informativo dos sentidos, e por isso é o que mais ajuda para o conhecimento da realidade.

Se a percepção correta de um incentivo é indispensável para realizar um ato motor em resposta para este incentivo, se esta percepção, em o que refere ao mundo externo nos vem dado em um 80% pela visão e se também, se tem perseverança que são cada vez mais as vezes que sobem e enfatizam a importância que tem a visão no rendimento desportivo, é difícil entender como na atualidade, ainda não se vê integrado nos planos de treinamento das diferentes disciplinas desportivas. O problema desta falta de interesse talvez esteja na concepção que foi dada sobre o conceito "ver bem". Muitos de nós associamos o fato de ver bem com a capacidade para ver longe e claro. Porém, tal critério limita imensamente o que os especialistas entendem por visão, já que baixo este critério tão reducionista, nós estamos ajudando a um dos numerosos componentes que conformam a visão, como é a agudez visual estática.

Para Igrejas & Rodríguez Folgado (1995, mencionado por Cárdenas Vélez 2000, pág. 46), deve-se estabelecer uma clara diferença entre o conceito para “ver” e o conceito de “visão”. Para estes autores, “ver” é a capacidade para discernir nitidamente tudo aquilo que é apresentado antes de nossos olhos, enquanto que “visão”, também implica uma estimacão e uma análise consciente, implica um processo perceptivo muito complexo e muito bem relacionado com o sistema motor e sensitivo de nosso organismo.

Como podemos observar, a visão não é um fenômeno simples como prioridade pudesse parecer. A visão é um fenômeno sensorial complexo, que não só nos informa do mundo externo que nos rodeia, mas que articula esta informação com todos os outros sistemas sensoriais, já sejam propioceptivos ou exteroceptivos, deste modo, fonte primordial para a realização do movimento e, ao mesmo tempo, testemunha da correção e efetividade do mesmo. Plou (1994, mencionado por Cárdenas Vélez 2000, pág. 45).

Banindo a idéia de que “ver bem” é poder ver com a claridade o mais distante possível, e implantando que a capacidade para ver bem deveria implicar a habilidade para capturar de um modo efetivo tudo e cada um das qualidades visuais que o mundo nos apresenta, desde os pequenos contrastes até a velocidade de um móvel, passando pelo alívio, etc., devemos entender que para um desportista o futuro desportista, “ver bem”, pressuporão para obter o máximo rendimento que seu sistema visual lhe permite em todas essas habilidades visuais que seu esporte o exige.

2.1.7. FATORES QUE AFETAM À EXPECTATIVA DO RENDIMIENTO MOTOR

Um fator contextual que tem o impacto de se impôr nas expectativas do sujeito e, por conseguinte, na dedicacão para o objetivo da tarefa está a influênciac social que pode-se contemplar de acordo com várias dimensões: o rendimento do outro, os objetivos dos outros, o compromisso para o objetivo demonstrado pelos outros, os incentivos e a persuasão.

De acordo com as expectativas do rendimento, Famose J. (1999 pág. 135) mostra três classificações:

- Fatores do contexto: rendimento dos outros, objetivos dos outros, compromisso para o objetivo demonstrado pelos outros, incentivos, etc.
- Fatores da tarefa: dificuldade da tarefa, qualidades ou aptidões requereram para a tarefa, esforço que requiere para a tarefa, etc.
- Fatores pessoais: habilidade percebida, atribuições estáveis ou instáveis, auto-estima, control de locus, etc.

Vendo o rendimento dos outros, vários autores demonstraram que conhecer o rendimento do outro influencia o nível de dificuldade dos objetivos que se coloca o praticante (Festinger, 1942; Lewin et al., 1944; Rakestraw e Weiss 1981, mencionados por Famose 1999, pág. 136). Pode ser suposto que a informação buscado sobre o rendimento dos outros influencia na expectativa de alcançar objetivos difíceis ou pelo contrário. Por exemplo, Earley e Kanfer (1985) manipularam os níveis de rendimento obtidos por um modelo. Descobriram que os sujeitos que consideraram que o padrão possuía uma habilidade alta davam amostra de um inversão mais alta para o objetivo de modelo de habilidade baixa.

Do ponto de vista dos objetivos dos outros, Bandura (1977, mencionado por Famose 1999, pág. 136), revelou que os indivíduos fixam criterios altos de rendimento quando vêm adotar aos outros esses mesmos criterios. A expectativa da efetividade do indivíduo para objetivos difíceis é mais alta quando os que estão pertos têm objetivos semelhantes, e mais baixos quando estes últimos têm objetivos fáceis. Com respeito ao nível de inversão, o mesmo autor mostra que o nível de inversão para o objetivo demonstrado pelos outros pode influenciar no nível de inversão para o objetivo da tarefa do indivíduo. Não é muito provável que um sujeito mantenha um compromisso com o objetivo se verifica que a maioria dos seus companheiros abandonam depressa a tarefa.

Os incentivos dos professores ou dos treinadores podem aumentar as expectativas de alcançar o objetivo. Os objetivos difíceis nomeados por eles serão percebidos provavelmente

mais claros e mais realistas, e envolverão uma expectativa maior seguida por um inversão para o objetivo da tarefa mais alta. A persuasão verbal é de acordo com Bandera (1977) um dos fatores mais importantes que afetam na autoeficácia (expectativa) de um praticante. Em o que concerne ao contexto físico, uma característica intrínseca da situação pode ser crucial na determinação das expectativas de alcançar o objetivo. É o grau de acordo com o qual uma certa quantidade de eventos externos podem agir nos resultados da tarefa. Por exemplo, um escalador pode ter confiança nas próprias capacidades para chegar ao ápice de uma parede, mas os perigos de desprendimento podem lhe fazer se render pelas baixas expectativas que envolvem. Peters e O'Connor (1980, mencionado por Famose 1999, pág. 137) sublinharam a influência das tensões de situação nos resultados prematuros, a presença de tais tensões antes de diminuir, de acordo com eles, a expectativa de alcançar o objetivo.

As características da tarefa podem também estar com relação às expectativas do sujeito. Por exemplo, as tarefas complexas ou difíceis, o vínculo entre ação e rendimento não estará tão forte como as tarefas fáceis Famose (1990). Investigações dirigidas por Earley (1985) e Steers e Porter (1974) permitiram destacar esta relação entre as características da tarefa e a expectativa do rendimento. Também, as aptidões ou as qualidades que requerem para a tarefa (esculpe, agilidade, etc.) e o esforço pensado de antemão requereu para a tarefa podem influenciar nas expectativas. Vários autores podem produzir uma maior expectativa do sucesso em presença de tarefas difíceis. Nós vimos que os praticantes têm expectativas relativo ao nível de rendimento que podem alcançar se dedicam bastante esforço ou habilidade. Para criar esta primeira expectativa, consideram as probabilidades subjetivas que têm de alcançar este rendimento nas condições especiais em que se acham. O primeiro determinante desta expectativa é a percepção do praticante de sua própria habilidade motriz. Com respeito à habilidade percebida, certo número de estudos que apóiam-se no modo em que os sujeitos notaram objetivos pessoais da tarefa demonstrou que os níveis destes objetivos estavam em estreita relação com a habilidade percebida (Campion e Lord, 1982; Locke et al. , 1984; Matsui, Okada e Kakuyama, 1982, mencionados por Famose, 1999 p .137).

O segundo determinante é a resistência psicológica sobre o esforço. Quanto mais se acham os sujeitos capazes de desculpar um esforço alto durante um longo período de tempo, mais

altos serão suas expectativas de levar a cabo tarefas que exigem um esforço contínuo. Também existe uma união entre a auto-estima (autoconceito) e a perspectiva do rendimento. Isto é devido ao fato que a confiança em si mesmo que caracteriza as pessoas com alta estima está provavelmente associado a probabilidades subjetivas mais altas de alcançar os objetivos difíceis. A investigação empírica neste tópico demonstrou que uma alta auto-estima está associada na eleição de níveis de objetivos elevados Hall e Foster, (1977).

Finalmente o locus de controle podem ser também uma variável de personalidade com relação às expectativas. Os indivíduos com um locus de controle externo, porque atribuem nas causas do resultado para o ambiente e não são concedidos nenhuma aptidão para controlar isto, dispendo a mostrar expectativas mais baixas e uma dedicação fraca para o objetivo. Por outro lado, os indivíduos com um locus de controle interno, diante de tarefas difíceis, os perceberão como realizáveis embora requerem simplesmente mais esforço.

2.1.8. APRENDIZAGEM MOTOR E ESPORTE EDUCATIVO

Como nós apreciamos na literatura, o aprendizagem motor conduz à aquisição de novos automatismos cuja repetição permite os fixar como comportamentos estáveis: as habilidades de motrizes. A efetividade no esporte consiste no estabelecimento destes programas motrizes, de acordo com Keele (1968, mencionado por Le Boulch 1991, p.37): "*Representam uma série de comandos musculares que são estruturados previamente à iniciação do movimento, e permitem a execução do conjunto de seqüência motriz, até mesmo em ausência de informações que vem da periferia sensorial*". Neste sentido não deveríamos esquecer que o aprendizagem motor tem um dobro significado, de acordo com as contribuições de Le Boulch (1991, p.37):

- Por um lado, termina na aquisição de uma habilidade que nos leva na obtenção de melhores resultados no esporte, (aquisição de um conhecimento).

- Quando o desenvolvimento da aprendizagem segue um certo caminho, o esforço para a aquisição do conhecimento requer a posta em marcha de um conjunto de funções que eles melhoram com a repetição do exercício.

Então no esporte educativo, devemos reconciliar estes dois objetivos, que supõe a eleição de uma metodologia apropriada de aprendizagem.

2.1.9. DIFERENTES TIPOS DE AUTOMATISMOS

De acordo com as contribuições de Le Boulch (1991, p.38), as habilidades motrizes oscilam entre dois polos: rigidez e plasticidade.

À primeira categoria eles pertencem as habilidades motrizes que são de movimentos automatizadas em conseqüências sucessivas e nesses que as relações temporais entre as diferentes partes são fixas. São adaptados a um certo e inalterável objetivo, e são estereotípicos. Estes automatismos podem ser efetivos em certos jogos esportivos cujas condições de desenvolvimento permanecem estáveis.

Dentro da segunda categoria são as habilidades motrizes que ficam bastante subordinadas ao objetivo proposto, mas isso, dentro do desenvolvimento de sucessivas sucessões, permanecem suficientemente móveis, com o propósito de ser capaz de adaptar às condições variáveis que impuseram os meios.

No caso deste estudo a metodologia do aprendizagem motor está guiada para este tipo de aquisição. Relativo a isto Le Boulch (1991, pág. 38) afirma: "*A perfeição do automatismo não consiste na rigidez dos encadeamentos das ações musculares, mas, pelo contrário, em suas possibilidades de reorganização em cada momento de sua execução (plasticidade), e no curso de sucessivas execuções*".

2.2. APRENDIZAGEM DE INICIAÇÃO

Ao analisar e meditar sobre o processo de aprendizagem na iniciação desportiva devemos em primer lugar fazer um intento para definir o termo de iniciação desportiva, deste modo a pessoa poderá entender sua conceptualização.

Revisaremos em primeiro lugar o conceito de iniciação desportiva de acordo com vários autores mencionados por Romero GRanados, (1997 pág. 29):

Sánchez, F. (1986) especifica que um indivíduo está iniciado quando: "*Pode ter um operatividade básica no grupo global da atividade desportiva, em situação real de jogo ou competição*".

Delgado, M.A. (1994) "*Um processo que vai do momento que começa sua aprendizagem inicial e seu progressivo desenvolvimento posterior até o indivíduo pode aplicar o aprendido a uma situação real de jogo com nível global de efetividade*".

Hernández, J. (1988), interpreta a iniciação desportiva como: "*Um processo de ensino-aprendizagem, continuado por um indivíduo, para a aquisição de conhecimento e a capacidade de execução prática de um esporte, desde que toma contato com ele mesmo até que é capaz de jogar ou praticar com adaptação para sua estrutura funcional*".

Blázquez, D. (1986) o define como: "*O período no qual o menino começa a aprender de um modo específico a prática de um ou vários jogo esportivos*".

Como podemos apreciar, o próprio termo dá lugar a muitas interpretações, mas são os profissionais, os que conforme sua formação inicial ou seus interesses, os que guiam os participantes para uma ou outras tendências do esporte, seja esporte recreativo, esporte competitivo ou esporte educativo. Do meu ponto de vista devemos reconhecer que vive na atualidade, uma situação paradoxal em o que se refere ao esporte. Por um lado, da perspectiva social, o esporte constitui um fenômeno cultural universal que define, provavelmente, como a

mais importante atividade física humana. Em oposição, sua inclusão no currículo da educação física, principalmente na educação primária, é questionado desde que a pessoa duvida da conveniência com sua relação aos objetivos educacionais. Porém, muitos reconhecem que o esporte possui uma série de valores educacionais muito interessantes, intrínsecos a sua própria prática que deveriam estar na educação física. Pelo mesmo, é necessário poder beneficiar deles, devemos fazer uma proposta metodológica que se afasta do padrão tradicional de competição.

Como a proposta do ensino é o que define e determina as possibilidades educacionais do esporte, o educador deve meditar antes de começar sua programação em diferentes aspectos que, finalmente eles responderão ao problema .Como ensinar?. Que técnico ou estilo pedagógico, como esboçar as situações pedagógicas, que progressão para continuar no ensino desportivo, como adaptar as tarefas para os interesses e as necessidades do menino, como fazer que estas sejam significantes.

Se entendemos a técnica do ensino de acordo com Delgado (1992, mencionado por Aguila Soto 2.000, revista digital sportquest N° 20, p.3.) como: “ *Os comportamentos do professor que estão relacionados com a forma de dar informação, a apresentação das tarefas e atividades para levar a cabo para o estudante (desportista) e as reações do professor para o desempenho dos estudantes* ”. Devemos então pôr em prática uma técnica que favorece a autonomia e a criatividade do estudante.

Basicamente, a técnica pedagógica está composta de duas partes: a informação inicial da tarefa e o conhecimento dos resultados.

Os métodos pedagógicos tradicionais usam uma técnica dirigida na que a informação inicial supõe uma explicação detalhada da tarefa em quanto a sua execução e o conhecimento do resultado é enfocado à correção do mesmo. Estaríamos falando da técnica de instrução direta, na qual o professor determina os criterios de efetividade que obvia a participação do estudante. Pelo contrário os métodos ativos, propom uma técnica por indagação, já que o professor esboça uma tarefa sem determinar o modo de ser confrontado, que se, guia os estudantes para sua resolução. Nas situações pedagógicas, podemos os definir como essas situações ou variáveis que o

pedagogo administra, bem de um modo isolado ou em interação com outros, para a formação e desenvolvimento de certas habilidades motrizes, Antón e Serra, (1989, mencionado por Águila Soto, 2.000, revista digital sportquest N° 20, pág. 4). Dentro das regras metodológicas para a iniciação para os jogos esportivos coletivos, propõe o mesmo autor: " *O uso do jogo como o meio de aprendizagem* ", mostra, as situações em forma de jogo devem ser praticamente os únicos meios para o ensino dos jogos esportivos coletivos.

Agora então, é necessário se lembrar que na fase de iniciação estamos levando a cabo um treinamento desportivo de infância e provavelmente, o significado mais estendido no conceito de treinamento desportivo é que relaciona isto com o processo levado a cabo para melhorar o rendimento nas competições. Porém, o treinamento desportivo também passa por ser um meio interessante para a formação integral dos jovens, por meio da aplicação de uma metodologia mais educacional.

Existem numerosos estudos fisiológicos, biomecânicos e psicológicos no treinamento com desportistas maduros que contrasta com a escassa literatura nas características que deve juntar o processo da construção inicial do desportista. Tenho a convicção que no treinamento infantil devem ser antepostos objetivos educacionais globais, embora o seu conseguimento é a meio e longo termo, para outros objetivos mais pontuais mas com menos projeção na formação de esporte do menino, desde que esta formação é um processo longo e complexo que não serve para só se apressar em cenceguir o sucesso imediato. Diversos autores propuseram que nesta idade que só se deve planejar um treinamento básico e multilateral, que desenvolve uma base variada e larga nos diferentes esportivos, e a formação de um bom esquema motor, se lembrando de que cada menino tem uma velocidade diferente de aprendizagem, deveria reorientar os conteúdos em função dos seus progressos individuais.

Nesta sentido, Hahn, (1988, pág. 61) mostra: " *No treinamento com crianças, o fim é a expansão de todas as possibilidades motoras para adquirir um repertóriomotor, largo com ajuda de qual poderia aprender formas motrizes específicas, com maior facilidade e velocidade e de um modo mais estruturado* ". O objetivo não é um incremento muito rápido dos rendimentos desportivos, que apesar de ser possível, teriam pouca duração, desde, logo, seria apresentado uma

sobresaturación pelo esporte. Pelo mesmo o mais importante que analisar as qualidades a desenvolver, é oportuno meditar nos meios para usar, e difere entre uma experimentação prática e a reiteração sistemática, que já se tornaria treinando. Deste modo quando o menino salta, está experimentando, mas se nós o forçamos a levar a cabo uma série de X saltos, com a intenção de melhorar a força explosiva, se torna um pliométrico de treinamento pliométrico ou de multisaltos Liarte e Nonell, (1998, mencionado por Águila Soto e Andújar 2.000, revista Efdeportes N° 21, p.3). Da mesma maneira devemos estar conscientes, que existe no curso da vida períodos mais favoráveis que outro para o desenvolvimento motor, em função das características biológicas e psicológicas do indivíduo. Uma vez conhecidas estas, é primordial tirar proveito das fases mais críticas ou sensíveis para o desenvolvimento de uma certa capacidade. Sobre isto Martin (1982, mencionado por Hahn, 1998) mostra: " *Um incentivo apropriado em um companheiro em desenvolvimento faz um maior efeito que sobre um já desenvolvido* ".

Relativo à idade de começo na iniciação desportiva, devemos mostrar que estará em função da sua maturação. A maturação não depende diretamente da idade cronológica do indivíduo, pelo contrário determina sua idade fisiológica. Então a iniciação desportiva seria determinada por um fator interno e genético (maturação) e durante um segundo fator externo que é a aprendizagem. Relativo ao primeiro fator interno Pinillos, (1997, mencionado por Romero Granados 1997, p.30) mostra: Na maturação existem momentos privilegiados que representam o intervalo de tempo ou idade ótima nesse curso, certas respostas são aprendidas de modo mais ou menos irreversíveis com um máximo de facilidade e efetividade ". Daqui que o exercício antes da maturação, pode não produzir efeito na aprendizagem. Para Piaget (1967, mencionados por Romero Granados 1997, p.30), organismo (maturação) e meio (aprendizagem) forma uma mesma entidade. Mostra que para os sete anos é operado no comportamento coletivo infantil uma funda mudança nos que se observa:

- O cumprimento das regras comuns do jogo.
- A diminuição do processo de crescimento intenso.
- O começo de um aumento significativo da coordenação.
- O começo da atenção analítica.

De todo o anterior se diz que a idade e maturação são condicionantes básicos para a prática de qualquer atividade. Como é apreciado no capítulo um, Le Boulch, especifica a necessidade de uma apropriada maturidade psicomotriz como aprendizagem básico para ser mais tarde capaz para, adquirir aprendizagens mais complexas. Agora então, com respeito à aprendizagem, é considerado necessário destacar os fatores que afetam ao mesmo, e que de acordo com Delgado (1994, mencionado por Romero Granados 1997, pág. 32) são:

1. *A motivação. Isto varia de acordo com o indivíduo. Incidirá em que o indivíduo persiste no desejo de aprendizagem aquilo que já começou.*
2. *O nível de aspiração com que recebemos o menino que quer começar, a meta que ele se fixou.*
3. *O conhecimento dos resultados na realização de uma habilidade motriz é um fator primordial do aprendizagem.*
4. *A transferência será a base de nossa programação contanto que deve existir a maior influência positiva entre o que ensinamos agora e o que praticamos amanhã.*
5. *A retenção no princípio da aprendizagem deve seguir alguns pontos tais como a significação da tarefa a aprender, a quantidade de aprendizagens prévias, a gratificação nos momentos iniciais, e sobre o aprendizagem.*
6. *O uso da estratégia de prática, analítica ou global dependerá do tipo de tarefa que realizamos.*
7. *A disposição como período bom obviamente influência em que as destrezas podem se aprender melhor.*

8. *A velocidade e precisão na execução das expressões técnicas deveriam começar tendo em conta o que exige fundamentalmente esta expressão na hora de levar a cabo; sem mudar sua conformação com o suposto desejo de progressão no ensino.*

Também seria necessário mostrar alguns aspectos necessários para começar a iniciação desportiva, como:

- Que a idade cronológica e a idade biológica não coincidem
- A iniciação desportiva leva implícito um princípio de especificidade como base para uma futura especialização.
- As características do esporte concreto pode incidir na idade apropriada para sua iniciação.
- As características individuais das crianças.

Para Freu (2000, mencionado por efdeportes.com revista digital N° 51 p.2) as características que pode e deve ter na iniciação desportiva para contribuir à educação e formação dos companheiros são:

- *Fomenta a autonomia pessoal*
- *Não discrimina e participam todos*
- *Ensina a ocupar o tempo de lazer com atividades físico desportivas.*
- *Oferece diversão e prazer na prática*
- *Usa uma competição enfocada ao processo*
- *Favorece a comunicação, expressão e criatividade*
- *Estabelece hábitos saudáveis de prática desportiva*
- *Ensina a estimar e respeitar as próprias capacidades e as dos outros*
- *Melhora a condição física e as habilidades motrizes básicas e específicas*
- *Permite a reflexão e na toma de decisões.*

É muito importante se lembrar de que cada esporte apresenta uma complexidade completamente diferente. A dificuldade da aprendizagem e a execução da tarefa motriz mantém relação com o tipo e quantidade de informação necessária para levar a cabo esta tarefa. Por isso mesmo deveria ter em mente que a níveis de estrutura não é o mesmo os jogo esportivos individuais onde o desenvolvimento da ação pertence junto com um modelo de ação biomecânica adaptado às técnicas ou modelos de execução (atletismo, natação, ginástica e semelhante) que o dos jogo esportivos de oposição, onde é aplicável a estrutura dos jogos esportivos individuais com a perspectiva ataque / defesa nos que corresponde a confrontação ou enfrentamento entre oponentes. Nos jogos esportivos de time nos que participam cooperando de modo simultâneo vários indivíduos de times diferentes, a análise que pode sintetizar em técnica-tática-ataque-defesa, cooperação-oposição.

Hernández, J. (1994, mencionado por Romero Granados 1997, pág. 35) expõe que os elementos configuradores da estrutura ou lógica interna, comuns à maioria dos esportes e jogos desportivos são os seguintes:

- *Regramento ou regras de jogo.*
- *A técnica ou modelos de execução.*
- *O espaço de jogo e sociomotor.*
- *O tempo desportivo.*
- *A comunicação motriz.*

Dentro dos planteamentos metodológicos da iniciação desportiva, a instrução direta com seus correspondentes modelos foi a prática habitual. Nela o carácter analítico, o directivismo, o produto ou sucesso competitivo eram o importante, neste momento podemos verificar que estas condições, embora criticadas no mundo desportivo, continuam sendo aplicadas; porque o ensino da técnica e tática de um modo analítico com uma disciplina militarista onde os estudantes não podem falar, rir, falar, quer dizer, um treinamento triste sinónimo de seriedade e rigor. Atualmente os métodos ativos concebem a prática desportiva não como uma soma de teorias, mas como um sistema de relações entre os elementos que intervêm o processo ensino-aprendizagem, e seu carácter global-aberto é completamente oposto ao método mecânico do esporte. Potenciará o

lúdico, a criatividade, que lhe dá mais importância para o processo pedagógico que para o resultado. O técnico não será um modelo para imitar, mas um facilitador de situações do processo que ensina - aprendizagem. A iniciação desportiva terá presente as contribuições de psicologia construtivista para o processo ensino-aprendizagem.

2.2.1. FASES DA INICIAÇÃO DESPORTIVA

Levar a cabo uma análise dos modelos de treinamento é um trabalho bastante complexo, já que tem muitos modelos de treinamentos como teóricos neste ambiente. Por tal razão, e com objeto de não dilatar muito no meu estudo, mencionei as características comuns destes modelos.

A grande maioria destes modelos tem uma estrutura piramidal. A primeira fase se torna na mais vasta com objeto que a base da estrutura é a mais sólida possível. Busca-se a formação integral da pessoa e um estabelecimento da consecução dos objetivos de longo prazo, criando uma boa capacidade e disposição pelo rendimento futuro. Nesta primeira fase, Delgado (1995, mencionado por Cárdenas Vélez 2000, pág. 88) nos mostra: "*Deve-se dar mais importância ao desenvolvimento psicomotor do indivíduo que para o próprio físico, tendo um caráter de trabalho genérico como pilar preparatório das seguintes fases*". Se aconselha que a iniciação é polidesportiva, quer dizer, que são praticados vários jogos esportivos simultaneamente, sendo a seleção e descoberta de talentos desportivos as que deveriam guiar fases do padrão. De acordo com Platonov (1988, mencionado por Cárdenas Vélez 2000, pág. 89) a estrutura da pirâmide nas seguintes fases vai estreitando, no sentido de que o trabalho vai se tornando em mais especializado. O cume da pirâmide, representa o maior rendimento que o desportista pode adquirir; é na fase falando mais estreito estruturalmente falando, e só chega os mais qualificados. Nesta fase deveria ser chegada quando o organismo humano pode suportar as demandas físicas máximas, quer dizer, na idade madura ou pelo menos quando se está concluindo a adolescência. Esta fase é caracterizada por ser de especialização máxima e de realização periódica de competições que regulam o sistema inteiro de treinamento, Matveev (1980, mencionado por Cárdenas Vélez 2000 pág. 89), sendo determinado uma preparação específica predominante com

cargas máximas de treinamento, para o que tem que coincidir com a predisposição máxima do organismo para o rendimento.

Com objeto de clarificar como evolue os modelos de treinamento pelo tempo, analisaremos alguns destes, feitos por diversos autores:

De acordo com Sánchez F. (1994, mencionado por Romero Granados 1997, pág. 37): “ *A iniciação desportiva tem dois enfoques, um polivalente e com uma clara intencionalidade educativa e outro, a iniciação desportiva específica, com clara intencionalidade de rendimento desportivo* “. Por outro lado, Blázquez D. (1986) nos propõe o desenvolvimento de um potencial motriz que permite o indivíduo estar em condições de escolher a prática do esporte que prefere. Também, Benilde Vázquez (1992) nos fala que deveria ser evitado que o primeiro contato com o esporte tem um enfoque seletivo de rendimento competitivo e de especialização antecipada da que condiciona a formação do eu.

Ruiz, L.M. (1994) propõe que a iniciação desportiva: “ *Deveria ter um tratamento diferido para descobrir até que atividades desportivas pode ser guiado e pode ser as práticas, considerando das suas possibilidades e as limitações reais para adquirir um aprendizagem adaptado e motivante* ”.

Nas fases da iniciação desportiva, como esteve exposto, existe uma estreita relação entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aquisição do movimento e, por conseguinte, com a aprendizagem de diferentes técnicas e destrezas motoras que imprensam diretamente nas aprendizagens desportivas.

A maioria dos autores coincide em estabelecer três fases no processo de ensino-aprendizagem:

- Iniciação.
- Desenvolvimento.
- Melhoria.

De acordo com Wein (Hernández Moreno, 1994, mencionado por Romero Granados 1997, pág. 40) oferece a seguinte relação:

1º Fase de jogo de habilidade e capacidade básica: 6 a 8 anos.

2º Fase de jogo simplificado: 8 a 11 anos.

3º Fase de Mini - jogo: a partir dos 10 anos.

4º Fase de jogo modificado: a partir dos 11 anos.

5º Fase de jogo total: a partir dos 13 anos.

Por outro lado Díaz, J. (1984, mencionado por Romero Granados, 1997, pág. 41) apresenta enfoques na aprendizagem da iniciação desportiva que pelo seu carácter interdisciplinar e global é aplicável a todos os jogo esportivos, sua proposta é a seguinte:

Nivel I:

- *Domínio das capacidades motrizes, e integração dos elementos técnicos delas.*
- *Execução global dos elementos técnicos sem atenção na sua rentabilidade ou efetividade.*
- *Iniciação para a aprendizagem da tática do grupo ou coletivo.*
- *Conhecimento básico das regras do jogo.*

Nivel II:

- *Consolidação das aquisições prévias, melhorando a formação técnica, e pulimentando que os modelos técnicos aprenderam previamente.*
- *Iniciação para a aprendizagem da capacidade tática individual.*
- *Desenvolvendo tático, sistemas de jogo.*
- *Conhecimento perfeito das regras do jogo.*

Nível III:

- *Melhoria técnico-tática dos diferentes elementos técnicos individuais.*
- *Melhoria tática em ordem para os sistemas de jogo, e fixação de acordo com as características do time.*

Por outro lado Delgado, M.A. (1995, mencionado por Cárdenas Vélez, 2.000, p.89) se estabelece um modelo de treinamento de quatro fases, de estrutura piramidal:

1. *Fase de Fundamentos.*
2. *Fase de Iniciação desportiva.*
3. *Fase de Especialização.*
4. *Fase de alto rendimento desportivo.*

Fase de Fundamentos: Esta fase também denominada fase de formação psicomotriz (Martin, 1982), de formação motora vasta (Pintor, 1989), de preparação básica (Matveev, 1983), de preparação inicial (Platonov, 1993), inclui o fim do segundo ciclo da educação infantil (preescolar), e o começo da educação primária, quer dizer, de 4 a 8 anos aproximadamente. Cárdenas Vélez, 2000, p.91).

Entre os objetivos que são procurados nesta fase, podemos mencionar os seguintes:

1. *Aperfeiçoar e aumentar os modelos motores básicos, os aplicando nas novas situações.*
2. *Desenvolver em forma equilibrada, mas não metodicamente, as capacidades físicas básicas.*
3. *Começar lúdicamente na técnica dos principais movimentos dos jogo esportivos individuais e coletivos, por meio do trabalho das habilidades básicas e genéricas.*
4. *Desenvolver a atitude positiva para a prática de atividade física, reforçando mais a participação no mesmo, que o sucesso.*

Autores como Bar'Or (1983), Hahn (1988), Rowland (1990), entre outros, sustentam que as necessidades mínimas para que o treinamento tenha repercussões benéficas apreciáveis nesta fase, passa por ter três sessões semanais.

Fase de Iniciação Desportiva: Pode-se estabelecer uma aproximação média para o começo desta fase, localizado em um período para vai desde os 8 aos 13 anos, dependendo das características de cada esporte, motivo pelo qual não é fácil estabelecer uma idade exata para o seu começo. Entre os objetivos gerais desta fase (Oña, 1987; Ruíz Pérez, 1987), podemos mencionar os seguintes:

- *Dominar o controle corporal.*
- *Aumentar a motricidade global.*
- *Desenvolver a motricidade analítica.*
- *Evoluir na motricidad lúdica.*
- *Aumentar a motricidade cognitiva.*

Entre os objetivos desde o ponto de vista do treinamento desportivo (Hegedus,1988; Martin,1980 cit. Por Grosser et al., 1988; Plia, 1986), mencionarei:

1. Consolidar o gozo pelo movimento, o jogo e o esporte e, então a atitude positiva para a prática física e desportiva.
2. Dominar e aplicar satisfatoriamente os modelos motores básicos (habilidades motrizes básicas) e as habilidades motrizes genéricas em situações de jogo de diferentes esportes.
3. Desenvolver de um modo específico a técnica das expressões desportivas, por meio de um trabalho de habilidades motrizes específicas que facilitam uma melhoria das qualidades coordinativas.

4. Começar progressivamente o desenvolvimento específico das qualidades físicas, sem esquecer do manutenção do estado apropriado de saúde orgânica, que cria a base para um trabalho mais especializado das habilidades técnicas.
5. Desenvolver em níveis básicos os princípios gerais táticos, levando a cabo um trabalho simultâneo de tática individual, técnica e preparação física.
6. Começar a usar gradualmente a atividade competitiva como propósito do treinamento, mas sempre com um caráter formativo.

A estes objetivos do treinamento desportivo na fase de iniciação deveria acrescentar o treinamento das habilidades visuais com propósitos didáticos que usam o jogo tanto como meio fundamental de desenvolvimento dos parâmetros técnico-táticos, como as próprias capacidades físicas básicas, característica de cada esporte.

Metodologicamente, nesta fase do modelo continua predominando o caráter multilateral do treinamento no unilateral ou especializado, acontecendo um passo gradualmente de modos metodológicos genéricos da fase prévia, à forma mais estruturados e operativas. De acordo com Jiménez & Marcos Becerra (1986) e Tschiene (1983), (mencionados por Cárdenas Vélez 2000, p.93), nesta fase é onde deveria ser começado a usar os métodos de treinamento específico para o desenvolvimento das qualidades físicas básicas.

Nas formas e conteúdos metodológicos aplicados na fase prévia, teremos que acrescentar nesta fase uma série de particularidades que são logo detalhados:

- Aumento notável do trabalho da técnica dos diferentes jogos esportivos nos quais é levado a iniciação desportiva.
- Maior especialidade nas atividades, embora sem abandonar totalmente o componente lúdico do mesmo.
- Passo gradual das habilidades básicas genéricas até as específicas.

- Contínua aplicação dos comportamentos motores aprendidos em situações de jogo de diferentes esportes, com o propósito de desenvolver o componente tático singular. Navieras, (1994, mencionado por Cárdenas Vélez 2000, p.93)

Fase de Especialização: De acordo com Verjoshanski, (1990, mencionado por Cárdenas Vélez, 2000, pág. 93). Esta fase de especialização, localizada um passo mais acima da pirâmide, continuará sua progressão em especialidades e deste modo, tanto a preparação física, técnica, tática, como psicológica, serão levados a cabo de um modo unilateral para o esporte praticado. Esta fase desenvolve normalmente a partir da puberdade, quando o organismo do menino-adolescente se assemelha mais a de um adulto, e facilita trabalhos bem parecido a esses, tanto quantitativamente como qualitativamente. Tschiene, (1990) mostra: "*A competição se torna nesta fase no elemento organizar do treinamento, a partir do qual este é planejado e programado*".

Fase de alto rendimento desportivo: Nesta fase, o trabalho inteiro é centrado em um único esporte, e é usado esporadicamente outras atividades desportivas como elementos de recuperação ativa ou de descarga psicológica, usados preferentemente em períodos transitórios. O grande componente de demanda desta fase, causa que alguns desportistas à alcançam e se mantêm nela.

Como podemos apreciar a rampa de iniciação desportiva adaptada às idades evolutivas da infância que requer para uma fundamentação nesses enunciados, conteúdos e métodos da educação motriz de base. Na educação motriz de base, deveríamos estimular não só as capacidades do menino, mas também deveríamos procurar, e então, conseguir que o menino verifique, a realização de um certo "rendimento", expressado em cada habilidade motriz que vai adquirindo. "*Uma aprendizagem só pode ser levada a cabo quando o menino é inteligente, quer dizer, quando possui e domina o prerrequisitos daquela aprendizagem e a capacidade para os reorganizar*" " Gagné (1968; Magill, 1982; Rarick, 1982, mencionado por Durand, 1988). Guiando-nos para a aprendizagem na fase de iniciação desportiva, podemos dizer que nossa preocupação deveria ser que o menino cresce em uma atmosfera rica em experiências motrizes, multifacetico e motivante, onde desenvolve o seu conhecimento a partir de uma grande e variada

quantidade de incentivos que o fazem adotar múltiplos criterios de resolução, com objeto que amadurece a capacidade de tratar a informação e de operar eficazmente em função daquela processamento.

Fundando-nos em grande parte da aprendizagem é devido à experiência, quantas maiores experiências oferecem nas primeiras idades, maior será o repertório para confrontar novas aprendizagens. De acordo com Cárdenas Vélez, (2000, pág. 87): “ *deveríamos ter presente que a iniciação desportiva e a idade de máximo rendimento não coincidem em todos os jogo esportivos, para o que as estruturas dos modelos de treinamentos não os deveriam entender como estruturas rígidas, já que a lógica de cada fase deveria ser acomodado às peculiaridades de cada esporte* ”. Isto nos conduz à idéia que o período da formação de um desportista pode oscilar entre os dez e os quinze anos. Matveev (1980) e Verjoshanski (1990) (mencionados por Cárdenas Vélez (2000, pág. 87).

2.2.2. PRINCÍPIOS GERAIS DO TREINAMENTO DESPORTIVO

" *Processo para o qual o desportista sofre certas cargas de treinamento, guiadas ao conseguimento do estado de um modo ideal, deve respeitar um grupo de procedimentos cujo propósito é obter a máxima efetividade com os mínimos riscos possíveis* ". Cárdenas Vélez, (2000, p.94), estes princípios facilitam a organização do treinamento, ordenam a fase da adaptação do desportista, e eles determinam as diretrizes para continuar nos métodos de treinamento. Para o presente estudo usaremos uma metodologia contribuída por Navarro (1994, mencionado por García Manso - Navarro Valdivieso - Ruiz Cavallero 1996, p.91). Habitualmente parte de dois grandes blocos que incluem todos os princípios:

2.2.2.1. Princípios Biológicos

Os que afetam aos processos da adaptação orgânica do desportista.

Princípio da unidade funcional: O organismo trabalha como um todo o indissoluble. Lembremos da propriedade funcional da totalidade que devem cumprir todos os sistemas. Cada um dos órgãos e sistemas estão relacionados com o outro, até o ponto que o fracasso de qualquer um deles faz impossível a continuidade no treinamento. Neste sentido é necessário ter presente e nunca podemos esquecer que a aplicação de uma carga concreta pode estar imprensando positivamente em uma qualidade, mas também pode acontecer que está produzindo o efeito contrário em outra qualidade.

Princípio da multilateralidade: Favorece uma preparação multifacéticas para adquirir (em ocasiões) melhores resultados, já que o desportista domina uma quantidade maior de movimentos, tem maior domínio dos comportamentos motrizes e, por conseguinte, está em disposição de assimilar as técnicas e os métodos de treinamento mais complicados que parte do princípio que as aprendizagens nascem nas bases de outros já adquiridos.

Princípio da especificidade: É um dos princípios básicos do treinamento moderno, especialmente entre desportistas já formados. Fauconier (A. Villar, 1981 mencionado por García Manso 1996) considera que no esporte devem ser exercitadas duas condições ou qualidades relacionadas com o resultado desportivo. No primeiro lugar têm que assentar as bases do treinamento pelo desenvolvimento das qualidades físicas básicas, e por outro lado, têm que desenvolver algumas condições específicas de acordo com as características particulares que contém cada esporte. Se comparamos os desportistas de diferentes especialidades (por exemplo um saltador e um jogador), ambos precisarão de grande velocidade, grande poder do trem inferior que lhes permite uma boa capacidade de salto, boa resistência, excelente coordenação, etc. Mas o domínio técnico de suas diferentes especialidades os tem que adquirir cada um deles por diferentes caminhos e por exercícios puramente específicos. Quer dizer, em ambos esportes subsistirá a preparação generalizada, mas não há uma transferência em quanto na técnica levada a cabo. Ambas as especialidades esportivas precisarão de uma aprendizagem separada dos movimentos técnicos para poder obter um resultado concreto.

Princípio da sobrecarga: O princípio de sobrecarga não faz referência a um excesso de trabalho, sinão em um esforço seletivo para estimular a resposta de adaptação desejada sem

produzir esgotamento ou esforço impróprio. Para que pode se produzir um processo de adaptação, a carga de trabalho usada deveria superar um umbral de esforço que é de diferente magnitude por cada sujeito.

Princípio da supercompensação: Com a aplicação de incentivos de treinamento, acontecem alterações estruturais, tanto somáticas como funcionais, que depois do período correspondente de recuperação devolvem aos níveis prévio de rendimento e até mesmo o melhora. O objetivo do treinador é, então, o de alcançar os máximos níveis de supercompensação possíveis.

Princípio da continuidade: Este princípio vem ligado ao de periodização. Deveria ter continuidade de uma carga com respeito ao tempo, tanto para o condicionamento geral como específico, significando que:

1. O processo de treinamento deveria ser planejado na base de um ano inteiro que aduz a um desenvolvimento de muitos anos ou um plano de especialização.
2. Cada unidade de treinamento demanda também que observe o progresso da carga, a mesma coisa é observada que os intervalos de recuperação cujo propósito é assegurar um incremento das aptidões atléticas.

Quando se fala de dinâmica dos esforços de treinamento, sabemos que a inatividade deveria diminuir ao mínimo que pode apoiar o organismo, e ser possível, tentar que o resto é feito de um modo ativo.

Princípio da progressão: O princípio de progressão ou de gradualidade, Harre (1990, mencionado por García Manso 1996, p.105) o define como: "*Da elevação das exigências de carga*". Lembramos que só se produz adaptação se o incentivo de treinamento é o suficientemente forte em quanto a sua carga. Uma vez que um certo incentivo é aplicado um número suficiente de tempos, o organismo se adapta a ele e faz necessário para modificar y/o

para aumentar se queremos que se continua completando o objetivo básico do treinamento: a melhoria progressiva das possibilidades de rendimento.

Princípio da individualidade: Este princípio é determinado pelas características morfológicas e funcionais dos desportistas. Cada sujeito é um tudo, com características totalmente diferentes, desde o ponto de vista antropométrico, desde o ponto de vista funcional, motor, psicológico, de adaptação, etc. Isto implica o fato das diferentes reações do sistema motor e de outros órgãos para as mesmas cargas de treinamento, não só dos diferentes desportistas, mas, até mesmo, do mesmo desportista em diferentes períodos de tempo. A capacidade de reação do organismo é diferente em cada atleta, independentemente dos estados de forma, as modificações da expressão desportiva, e as transformações normais, por exemplo, durante o processo de treinamento e que exercitam uma influência diferente em cada desportista.

Para Nemessuri, (mencionado por García Manso, 1996, p.108) “ *O fato das diferentes reações do sistema motor e de outros órgãos a diferentes cargas, não só de diferentes desportistas mas até mesmo, em diferentes períodos de tempo, nos força a admitir que as modificações da expressão e do resultado desportivo e as transformações hormonais, endócrinas, etc., durante o processo de treinamento, exercitam uma influência importante na capacidade de reação para o esforço do organismo de cada indivíduo* ”.

Princípio dos retornos em diminuição: Este princípio nos mostra a realidade de como vem e desenvolve a capacidade do rendimento de um desportista ao longo de um processo de trabalho de média ou longa duração. Em qualquer modalidade de esporte, o progresso é muito veloz e patenteia no começo da vida desportiva de uma pessoa, e diminui posteriormente a velocidade de melhoria de rendimento.

Princípio da recuperação: Estes princípio postula que o esforço alternado com a recuperação e o descanso é aplicado a todo o treinamento, sem se lembrar dos métodos de trabalho que são usados. Carlisle F. (mencionado por García Manso, 1996, p.111) sustenta: “ *Os períodos de recuperação são essenciais, tanto no curso de uma única sessão de treinamento como durante o ano inteiro. O descanso, com a relaxação física e mental, combinarão*

cuidadosamente com dose de exercício e recuperação. Todos os programas coerentes deixam lugar para o descanso e a recuperação ".

2.2.2.2. Princípios Pedagógicos

Os que de alguma maneira incluem a metodologia usada durante o processo de treinamento.

Princípio da participação ativa e consciente no treinamento desportivo: De acordo com García Manso (1996, pág. 113) o homem é uma alma consciente, estar pensando, racional, ao contrário dos animais que agem para instinto e automatismos inconscientes. É um erro do treinador ou educacional da educação física, ensinar ou treinar por simples repetição, sem saber seus treinados porque fazem tal ou qual tarefa. Os desportistas deveriam elaborar conscientemente a tarefa para desenvolver, devem saber que estão fazendo, como o estão fazendo, e de forma que estão fazendo.

D. Harre (1987, mencionado por García Manso, 1996 p.113) propõe as seguintes regras a continuar para alcançar este princípio:

- *Guiar o desportista para o objetivo do rendimento a alcançar.*
- *Prover ao desportista de conhecimentos estreitamente unidos às tarefas do treinamento.*
- *Formular demandas que requerem reflexão, iniciativa e responsabilidade por parte do desportista.*
- *Fazer participar ao desportista na preparação, estruturação e avaliação do treinamento.*
- *Educar o desportista de forma que pode avaliar seu próprio rendimento.*
- *Confiar em responsabilidades de condição pedagógica para os desportistas apropriados.*

- *Qualificar o desportista para alertar um controle consciente sobre a sua própria sucessão de movimentos.*
- *Levar um contínuo registro dos resultados e os comparar com os planos prematuros e o treinamento real.*

Princípio de transferência do treinamento: Ao realizar exercícios mais ou menos alheio para a própria ação técnica, as modificações que podem ter lugar apresentam uma triple influencia na expressão propia de uma especialidade concreta. Esta influência pode ser: positiva, negativa ou nula. No caso de existir transferência, pode ser positiva ou negativa. É dito que existe transferência negativa quando a aprendizagem ou execução de uma tarefa são razão de interferência relativo à aprendizagem ou execução de uma segunda tarefa. Por outro lado, é dito que existe transferência positiva quando a aprendizagem ou execução de uma tarefa são facilitados pela aprendizagem ou a execução de uma segunda tarefa. García Manso, (1996 p.114). A transferência pode ser também classificada como lateral ou vertical Gagné (1970, mencionado por García Manso 1996). Falamos de transferência lateral quando: "*Um indivíduo pode executar uma tarefa semelhante e do mesmo nível de complexidade, como consequência de ter aprendido outro previamente*". Por exemplo, uma pessoa que aprendeu a patinar em gelo achará mais fácil a aprendizagem da patinagem em rodas. Dizemos que existe transferência vertical quando as aprendizagens levaram a cabo no passado é de aplicação útil para semelhante, mas mais avançadas ou complexas; por exemplo, o mortal em ginástica desportiva é uma boa base para o posterior aprendizagem dos mortais com volta.

Princípio da periodização: A periodização é: "*A forma de estruturar o treinamento desportivo em um tempo determinado, por períodos lógicos que entendem as regulações do desenvolvimento da preparação do desportista*". Forteza e Ranzola, (1988). Este princípio impõe a estruturação do processo de treinamento como um sistema de ciclicidade da carga, alterna e modificada em ciclos periódicos.

O treinamento é estruturado em períodos por dois razões fundamental Forteza e Ranzola, (1988):

1. *O desportista não pode manter durante muito tempo a forma desportiva, por causa das limitações biológicas.*

2. As mudanças periódicas da estrutura e conteúdo do treinamento são uma condição necessária da melhoria desportiva para poder alcançar um novo e o superior degrau no desenvolvimento dos desportistas.

Princípio da acessibilidade: De acordo com este princípio, ao desportista deveria ser esboçado demandas de carga de que pode enfrentar positivamente e que enquanto tenta os dominar que os induzem para mobilizar optimamente seus potenciais físicos, psíquicos e intelectuais de rendimento. Deveria ser evitado tanto as demandas baixas como as sobreexigencias. O princípio está baseado no fato que o homem é desenvolvido pela atividade e esse desenvolvimento é gerado pelas demandas do rendimento e do comportamento que só serão satisfazer com um considerável esforço, quer dizer, mobilizando as reservas de rendimento. Por outro lado, o princípio é definido por meio do conhecimento que a efetividade do treinamento diminui uma vez que foram superadas otimamente as magnitudes de demanda do indivíduo.

Por outro lado Sybold, preocupada pela formação que receberam as crianças, estabeleceu em 1976 um grupo de princípios pedagógicos que serviram de referência para diversos autores, estes princípios são sintetizados em:

Princípio de adaptação para a natureza do indivíduo: Este princípio está baseado na suposição que o sujeito amadurece, através de etapas nas que existe uma certa predisposição para a aprendizagem de certos comportamentos que deveriam ser levados vantagem de pelos treinadores ser períodos críticos; passado este períodos, as possibilidades para alcançar o mesmo nível de aquisição se reduz consideravelmente.

Princípio da sistematização: A complexidade da preparação tática força a estruturar e sistematizar os objetivos e meios do treinamento em ordem lógico que facilita a aprendizagem. A programação do treinamento que organiza pelo tempo a seqüência de atividades em função da

necessidade de interconexão entre os diferentes componentes da formação desportiva, das características dos sujeitos, de seus interesses e necessidades.

Princípio do caráter alternativo das tarefas táticas e os modos de organização: Para Antón (1998, mencionado por Cárdenas Vélez, 2000 p.104): “ *A formação e melhoria da tática grupal e os meios táticos que conformam seu conteúdo só é possível alcançar se as formas de organização da prática e a programação dos objetivos acontecem de um modo alternativo* ”. Isto supõe alterar a procura de alguns objetivos e outros, o tipo de tarefas desde o ponto de vista qualitativo ou quantitativo, o caráter geral ou específico dos exercícios, etc., com o que se pretende dotar os desportistas de uma capacidade de adaptação para mudanças constantes que produzem a realidade da competição.

Princípio da unidade entre a formação tática elemental e a formação tática complexa: A preparação tática complexa deve incluir aspecto do treinamento de um nível tático inferior aperfeiçoar os mecanismos de processamento e ajudar à formação integral do indivíduo.

Princípio da relação entre a formação tática individual e a formação tática grupal e de time: As três grandes parcelas do treinamento tático do ponto de vista numérico ou da relação dos componentes do time, devem ser desenvolvidos de um modo paralelo, embora em função das necessidades peculiares da fase, se otorga um predomínio de uma sobre outra.

Princípio da unidade da formação teórica e a formação prática: A elaboração de respostas apropriadas antes dos problemas que aparecem no jogo real depende em parte do conhecimentos teóricos que é tido sobre as possíveis respostas, as variantes táticas implícitas ou a conveniência de usar alguns ou outros. Esta formação teórica deve pensar aproximadamente de um modo paralelo para a própria experiência prática que viveu para adquirir uma maior transferência, concede para o desportista um esquema de referência válido que junto com o sistema comparador, constituindo pelas experiências armazenadas, permita processar corretamente a informação do meio.

Princípio da síntese ótima indutiva e dedutiva: Consiste em uma conjunção, por uma parte, do método indutivo que é derivado do planteamento que faz o treinador de problemas e de possíveis modos de resolver e, para outro, do método dedutivo para o qual o desportista tem liberdade para explorar e achar novas respostas pessoais. De acordo com este princípio, é conveniente a alternativa entre os estilos de ensino de resolução de problemas e o descobrimento guiado, ou de um modo mais concreto, entre estratégias de prática globais, nas que se pensa em um problema que o menino deveria resolver e as estratégias globais que polarizam a atenção, nas que é guiado o desportista de forma que descobre a resposta esperada.

Princípio do aumento progressivo das dificuldades e as interferências: O esporte pede para os praticantes a resolução de problemas motores que implicam um alcance extenso de dificuldade que vai dos problemas mais simples, para os que o número de incentivos está reduzido, há algumas alternativas possíveis, etc., até nesses que as condições perceptivas ou relacionadas com a tomada de decisões é tremendamente complexo.

Princípio de especificidade e a identidade da tarefa: O planteamento de exercícios dedicada à melhoria tática deve ser levada a cabo na base do respeito nas condições que são determinado na competição. De outro modo não seria possível assegurar a transferência necessária da aprendizagem. Não obstante, este caráter específico das situações de treinamento se refere às diferentes fases do ato tático, de forma que as demandas não só afetam à capacidade para executar, mas que implicam os processos cognoscitivos que requer a tomada de decisões. Porém, em um sentido mais geral convêm que a especificidade seja progressiva ao longo das fases de formação desportiva.

Como podemos apreciar, o desportista funda seu sucesso em um grupo de capacidades muito diversas, devido à mesma coisa devemos ter presente algumas questões . Que, e como trabalhamos?, se lembrando da atmosfera em o qual nós somos. Para Hernández et al. (2000 mencionado por Feu Molina, efdeportes.com 2002, N° 51): “ *Não é o mesmo se a atividade se contextualiza em uma atmosfera educativo como a escola, que em uma atmosfera eminentemente competitiva de rendimento no peito de um clube desportivo, ou uma atmosfera recreativa onde busca estar a carga do tempo de lazer, já que os fins são diferentes e então as características do*

processo de iniciação desportiva devem ser diferentes ". Embora eu e concordo com as intenções de cada contexto se produz desta forma, difiro em que que deva ser levado na fase de iniciação desportiva, embora falamos de interesses muito diferentes estamos convencidos que os fins e intenções educacionais mínimas devem ser comuns a estes contextos durante a iniciação.

De tudo o mencionado, podemos concluir que para adquirir que um processo de iniciação desportiva produz alguns aprendizagens apropriadas e benéficas pela formação e a educação de integral do menino, é necessário em primeiro termo ter essa intenção, e subseqüentemente plantear um processo de ensino-aprendizagem apropriado para essas intenções. Nestas fases o esporte consolida como um meio muito efetivo para educar que pode coexistir com as intenções lúdicas ou recreativas do menino e com as expectativas de rendimento na competição, longo termo, dos agentes com interesses no processo de iniciação desportiva. O menino e a lógica interna do esporte são fatores muito importantes para guiar o processo, mas também o contexto, em um longo sentido, parece ser tão decisivo como os anteriores pois às vezes são fatores circuntanciais, população, clima, instalações, material,.. mas depende das intenções dos agentes implicados na iniciação desportiva. A orientação dos processos de iniciação desportiva pode ser misturada já que podem coexistir nas fases iniciais, intenções recreativas, competitivas com aspirações ao alto nível no futuro e claro que educativas.

2.3. APRENDIZAGEM GLOBALIZADO

Para saber como sería o esporte das cidades primitivas recorremos a teoria de Blanchard e Cheska 1986 (mencionado por Rodríguez López 2.000, pág. 11) em qual menciona que existem dois caminhos; "*O primeiro, seria a investigação arqueológica, que nos dá escassa informação devido a que os materiais usados para jogar não resistiram ao passo do tempo e nas tumbas ou cidades pré-históricas não é conservado. Porém, há uma segunda forma de estudar o esporte pré-histórico muito agradecido que é a observação do jogo-esportivo das sociedades ágrafas atuais ou do século passado, desses que temos bastante histórias, relatórios e investigações "*. Por outro lado, Mandell nos fala em sua história cultural do esporte de uma investigação sobre os

jogos desportivos dos índios da América do Norte, levado a cabo por S. Culin ao término de século passado e começos do presente.

Culin levou a carga, para a Exibição Universal de Chicago 1983, um trabalho-exibição nos “ jogos do mundo ”. Ele pôde concluir o estudo dos jogos dos índios americanos. As conclusões as que se pode chegar é que eles eram apaixonados desportistas, tiveram grande quantidade de jogos de bola (muito típico são esses que consistem em viajar longas distâncias levando a bola batendo-a com o pé). Os materiais usados dardos, palitos, bolas e penas entre outros eram perecíveis e deles não ficou nada. Mandell sugere que talvez todas as cidades primitivas de todos os tempos, poderiam ser tão apaixonados do esporte como os índios americanos, só que não tiveram um investigador como S. Culin que os estudara e apanhara. De acordo com Rodríguez López (2.000, pág. 12): “ *As formas do esporte teriam ido evoluindo e evoluindo nos seus sócios esses princípios de organização social* ”. Mais que uma mudança de uns ao outros jogos esportivos diferentes de acordo com o grau evolutivo do grupo ou sociedade, seria uma mudança nas formas, do mesmo ou semelhantes esportes.

Os eijos evolutivos do esporte seriam para Blanchard e Cheska (mencionados por Rodríguez López (2.000, pág. 12):

- A “ identidade social ”: jogam entre conhecidos, familiares, sem importar em grande parte o sexo ou a idade; nem importa muito o resultado. Essa identidade social vai fazendo menor como evolui a sociedade.

- O “ significado adaptativo ecológico “: é evidente a função dos seus jogos ou esportes. Esta função é econômica (por exemplo melhorar as habilidades de caça, manter em forma física aos membros do grupo para a caça ou para a defesa, integrar aos jovens logo em suas responsabilidades de adulto). O significado adaptativo - dizem - é menos evidente conforma se desenvolvem as sociedades.

- A “ especialização ”: praticamente inexistente nas sociedades mais primitivas, as sociedades de faixas; todos jogam tudo. A especialização desportiva vai e leva importância cada

vez mais e nas sociedades atuais (os eijos evolutivos seriam continuados até o tempo presente) sua importância seria extrema.

- A " quantificação ": mínima nas sociedades mais primitivas e máximas na atualidade.

- O material e time usado, cada vez mais rico e específico, de acordo com o desenvolvimento social.

- A " afastamento social ": se jogam entre si (entre os membros o próprio grupo), não importa o resultado, o importante é passar bem, não há competitividade; se jogam contra outro grupo social semelhante mas rival, o resultado é o mais importante, praticamente o único importante, como para os espectadores, o esforço de competitividade é máximo; se jogam contra outro grupo social mais distante, que não tem as características exigidas para ser " rival ", o competitividade se deteriora e o que impota é o esplendor pessoal dos jogadores.

Aparentemente são numerosos os autores que aproximam a história do esporte baixo uma perspectiva cultural e pedagógica, porém com a intenção de não vaguear do tema em estudo, abordaremos a temática esportiva desde um conceito mais contemporâneo, ou melhor dito desde os problemas que são comprovados na atualidade na formação desportiva, especificamente na fase de iniciação para um esporte coletivo.

Para isto é necessário uma revisão da literatura para conhecer os trabalhos contribuídos por diversos autores no tópico e suas dimensões desde a perspectiva do aprendizagem globalizado. Há não duvide que a temática da iniciação desportiva foi sido e é discutido por numerosos autores, porém, investigações e publicações na disciplina do hóquei em patins e a metodologia usada na fase de iniciação são bastante escassas. Quando fazemos um intento para entender o desenvolvimento das diferentes modalidades desportivas, podemos verificar que estes foram influenciados por diferentes correntes do pensamento e pelos conhecimentos que vem de múltiplas disciplinas científicas. Esses conhecimentos tiveram um primeiro impacto nas modalidades individuais e mais tarde nos jogos esportivos coletivos, pela conversão direta de

meios e métodos, sem ter em consideração a especialidade estrutural e funcional dos grupos de jogos esportivos.

Produto deste longo alcance de diversidade desportiva, muitos pedagogos e técnicos que trabalham nesta fase do processo de ensino, não consideram princípios e procedimentos básicos que deveriam ser usados em todo o processo de iniciação aos jogos desportivos coletivos. Estes desempenhos dirigiram que agora se sentem fortes influências destes métodos, não só no plano estratégico-funcional, mas também no plano técnico - tático. Neste respeito Bonnet, (1983, mencionado por A. Graça - J. Oliveira 1997, p12) mostra: "*Um das conseqüências mais evidentes foi a obsessão para os aspectos do ensino e a aprendizagem centrados na técnica individual, e parte do princípio que a soma de todas de ações individuais causa um risco qualitativo no time e também que a expressão técnica instruída de um modo analítico positivo causa uma aplicação efetiva nas situações de jogo*". Se ha dito que o desportista funda o seu sucesso em um grupo de capacidades de natureza muito diversa:

Este conceito de globalidad é o que permite que as capacidades dos sujeitos unem para a realização de ações motrizes específicas, e manifestam toda a potencialidade do desportista, e não só parte dela. Infelizmente, a falta de desenvolvimento de algumas destas capacidades necessárias poderia ter conseqüências negativas para a obtenção do rendimento de máximo na competição. É necessário destacar que a pedagogia, preocupada por achar o caminho apropriado para ativar o ser total, atraiu à psicologia holística, que observa de acordo com Lora Risco (1991, pág. 72) que: "*Configurações articuladas mostram qualidades que pertencem como totalidades que não podem ser derivadas dos seus elementos parciais*", com o que substitui à psicologia dos elementos e associações.

Aplicando os reconhecimentos e resultados da teoria da totalidade para a educação tornaram possível ao seguimento da educação integrada ou globalizada. Esta teoria é baseada em que a vivencia psíquica sempre é de índice holístico e em que o homem é uma unidade onde corpo e espírito interactúan permanentemente; formula que as didáticas, por alcançar as diferentes dimensões do homem, deveriam ficar conformando uma unidade articulada, e não ser limitado na soma das partes ou construir uma unidade mais tarde, já que uma visão prematura de

tudo pode nomear às partes o lugar que os corresponde. Para isto deveria ser somado que, partindo da vivência corporal, que alcança a totalidade do educar, se chega facilmente na recepção de noções e conhecimentos, como também para o desenvolvimento da comunicação corporal, verbal e estética.

Este novo caminho formativo localiza o menino no mesmo centro da atividade educativa, o faz mais acessível seu encontro com o mundo e o integra como totalidade de acordo com sua própria natureza. A escola ativa, quando bebe destas fontes, contribui para favorecer o desenvolvimento do menino como pessoa que sente, pensa e age com sua mente, coração e mão. Também, por meio do método global mantém a mesma relação objetiva que surge da experiência corporal e que integra os diferentes tipos de informação e comunicação que a escolar oferece para o menino como o centro de toda a aprendizagem e de tudo entender. É desta perspectiva que Lapierre e Aucouturier, (1977, mencionados por Lora Risco 1991, pág. 73) expressam que: "*O ensino não pode continuar projetado em abstrato, tem que partir da vida mesma, da realidade do grupo escolar*". "*Nem os conhecimentos*", agregam os autores mencionados "*descobertos pelo adulto que devem ser aprendidos pelo menino distribuídos em matérias antes que tenha adquirido a organização perceptiva que lhe permite capturar e ordenar mentalmente para entender então*". É deduzido então que em caso contrário, quando não partiu do vivenciado se corre o risco de que os conhecimentos fiquem no ar e desaparecem depressa, enquanto que a vivência corporal possibilita e facilita a intelectualização, ao mesmo tempo que a afiança e consolida ". A educação integrada se torna de educação vivenciada, e coloca o menino em situação ", levando-o desde sua idade mais cedo para a toma de consciência das possibilidades de suas descobertas, do concreto para o abstrato.

Do ponto de vista do pensamento de alguns autores com respeito aos componentes do treinamento, Cárdenas Vélez, (2000 p.108) menciona os seguintes:

Ureña, (1996) quando explica as necessidades de preparação do jogador de voleibol afirma que esse desportivas precisa de uma preparação física especial unido aos desenhos técnicos e táticos. Por outro lado, Chiroso (1996) insiste no fato que se a competição integra numerosos fatores que afetam ao rendimento, o processo de treinamento deve responder a tais

exigências e apresentar um modelo que integra tais aspectos de um modo simultâneo. Para Quadrado, J. (1996) um componente do treinamento por si só, de um modo isolado, não assegura a efetividade do projeto de treinamento, porque é só o vínculo de uma cadeia no que outros vínculos tem de ser semelhantes de consistentes. Seiru-lo (1994), mencionado por Arjol (1997), também reforça este conceito quando afirma que se o objetivo para alcançar é o estado de forma ótima (de acordo com uma série de fatores como momento da estação, momento de sua vida desportiva, rivais, etc.) os meios e métodos de treinamento se deveriam ser adotados e modificar de tal um modo que integram os elementos que vão dirigidos à melhoria de todos os sistemas. Pino e Moreno (1994), une o aspecto do treinamento integrante com a forma em que se manifesta as diferentes capacidades do sujeito na competição: a preparação integral físico-técnico-tático-psicológica consiste em favorecer o desenvolvimento distas capacidades no contexto naquele que intervirám em competição.

Estes planteamentos nos leva à idéia de treinar o grupo de habilidades em idades de iniciação desportiva, de um modo global, em situações de jogo, dando ordens visuais, auditivas etc., correspondendo ao desenvolvimento de cada habilidade, mas sem sacrificar o pouco tempo de prática real com o que conta o menino. Uma vez plateado a necessidade de integrar no treinamento o número maior possível de habilidades e capacidades implicadas na prática desportiva, serve para parar para meditar na forma em que deve ser planejado o treinamento, e deveria ser analisado todas essas considerações metodológicas que facilitam um processo coerente, racional e apropriado às características das crianças.

Neste respeito, Cárdenas Vélez (2000 pág. 110) menciona os seguintes processos do treinamento global:

- ***Selecionar o conteúdo principal de desenvolvimento:*** No primeiro lugar o treinador deveria analisar as características dos desportistas individualmente, ou do ponto de vista coletivo se é um esporte de time, como o momento da temporada e os objetivos que foram marcados para pequeno, meio ou longo termo. Esta análise tem como propósito a seleção coerente do conteúdo ou conteúdos que serão preferentemente no programa de treinamento.

- ***Projetar situações de treinamento:*** Uma vez escolhidos os conteúdos que tentam melhorar, começa o desenho das tarefas de treinamento das seguintes considerações:

- Projetar o exercício que tenta integrar na situação ensino-treinamento o número maior possível de fatores, capacidades ou habilidades que influenciam no rendimento desportivo.
- Sempre deveria ser favorecido o dinamismo dos desportistas, principalmente quando são crianças; é necessário se lembrar das suas características nestas idades é a extraordinária necessidade que têm de movimento. Isto ajudará a aumentar o grau de motivação para o jogo.

- ***Avaliação do processo:*** Durante a colocação em prática dos exercícios projetados, o treinador ou treinadores devem ser muito autocríticos, tentando descobrir possíveis deficiências com relação à adaptação dos mesmos para as possibilidades reais dos desportistas, para os objetivos marcados no planejamento, para o ritmo de aprendizagem, o tempo de participação real dos sujeitos ou qualquer outro fator que influencia do ponto de vista metodológico. Esta avaliação permitirá, no futuro, ajustar e reorganizar os exercícios e, em definitivo, melhorar o processo de treinamento.

Com relação com os esportes de time existem bastante razões que justificam o uso das estratégias globais, já sejam puras, modificando a situação real ou polarizando a atenção. Estas razões foram apanhadas por Sáenz-López 1994 (mencionado por Cárdenas Vélez, 2.000 pág. 119):

- *Facilitam a aprendizagem de elementos úteis pelo jogo real, ao mesmo tempo que lhes permitem desfrutar a atividade.*
- *As aprendizagens são desenvolvidas em condições semelhantes as que são apresentados no jogo real.*
- *É estimulada a capacidade do jogador para resolver problemas motores.*
- *Favorecem a criatividade do jogador durante todo seu processo de formação.*

- *Formam jogadores com uma larga bagagem de respostas motrizes, antes de situações variáveis.*
- *Geram atitudes positivas para o esporte, como a motivação, a diversão e o prazer.*

Tudo isto nos leva a pensar na necessidade de desenvolver a capacidade técnica do menino de forma associada na sua capacidade para resolver problemas de jogo, e não em forma isolada, com o que faltaria sensação prática. O treinamento global tenta ensinar uma expressão técnica em sua totalidade, o que o faz muito efetivo quando o exercício mostra níveis de coordenação, mas em menor grau para o resto de ocasiões que normalmente aparecem no esporte moderno.

2.4. APRENDIZAGEM DE ESPECIALIZAÇÃO

Durante anos fomos testemunha da estrutura de muitos treinamentos no ensino de alguma disciplina esportiva e parece ser que o desejo de especializar tempranamente os menores, cobra cada vez mais seguidores, para isto a didática descansa em uma análise formal e mecânico de soluções prefixadas.

Os métodos pedagógicos tradicionais usam uma técnica dirigida na que, a informação inicial supõe uma explicação detalhada da tarefa para sua execução e o conhecimento do resultado é enfocado à correção do mesmo. Estaríamos falando da técnica de instrução direta na qual o professor determina os criterios de efetividade que obvia a participação do estudante.

De acordo com Verjoshanski, (1990, mencionado por Cárdenas Vélez, 2000, pág. 93): “*Esta fase de especialização, localizada um passo mais acima da pirâmide, continuará sua progressão em especificidade e deste modo, tanto a preparação física, técnica, tática, como psicológica, serão levados a cabo de um modo unilateral para o esporte praticado*”. Esta fase normalmente desenvolve a partir da puberdade, quando o organismo do menino-adolescente se assemelha mais do adulto, e facilita trabalhos bem parecidos aos destes, tanto quantitativamente como qualitativamente. Tschiene, (1990) mostra: “*A competição se torna nesta fase no elemento*

organizar do treinamento, a partir do qual isto é planejado e programado. A competição deve ser desenvolvida ao longo de toda esta fase de um modo regular". Hegedüs, 1986; Pintor, 1989; Platonov, 1988. (mencionados por Cárdenas Vélez, 2.000 p.94).

Do anterior é deduzido que a fase de especialização está próximo relacionada com o treinamento da técnica, já que como mencionamos nos capítulos prévios, é necessário equipar funcionalmente os menores desportistas na fase de iniciação, para então os especializar em uma disciplina desportiva. O treinamento da técnica tem como objetivo a educação do comportamento motor do desportista de acordo com as características objetivas e gerais da técnica standard, a partir das peculiaridades do desportista. Infelizmente, temos que reconhecer que a teoria do treinamento, ao contrário do que aconteceu com o treinamento condicional, ainda não pôde elaborar um projeto claro para o treinamento de técnica.

Neumaier 1995 (mencionado por García Manso 1996, p.463) relaciona o treinamento da técnica desportiva com o grupo de processos e medidas relacionadas com o otimização sistemático da coordenação do movimento que tem como fim que resolve as tarefas de movimento do melhor modo possível, e considera as específicas condições pessoais e de situação. De acordo com o mesmo autor, se considera as exigências e características das tarefas, o treinamento da técnica inclui dois processos de:

1. *A aquisição da estrutura básica.*
2. *A otimização, o qual abarca:*
 - *A melhoria, a estabilização e a automatização.*
 - *A variação.*
 - *A seleção situativa.*

Tudo parece indicar que o treinamento de uma técnica desportiva passa por uma série de fases, que são denominadas de um modo diferente pelos autores que analisaram este tópico. Alguns deste os resume Famose 1992 (mencionado por García Manso 1996, p.463) do seguinte modo:

Fitts (1964) : Estádio cognitivo, estágio associativo e estágio de automatização.

Adams (1971) Estádio verbal motor e estágio motor.

Gentile (1972) : Fase de exploração e fase de fixação-diferenciação.

Paillard (1987) : Fase de elaboração da solução para o problema motor planteado e fase de automatização desta solução.

Um análise destas fases antes mencionadas, levado a cabo por diferentes especialistas do aprendizagem motor, nos faz pensar na existência de pontos comuns:

- Em uma primeira fase / etapa o médico elabora uma configuração motora geral que permite resolver o problema motor planteado. É uma fase de natureza cognitiva.
- A segunda fase / etapa é de toma de consciência com caráter associativo.
- A terceira fase / etapa é de automatização, cujo caráter é predominantemente motor.

Meinel e Schanabel (mencionado por Grosser e Neumaier, 1986) consideram que um movimento é automatizado se decai " *por si mesmo* ", e permite ao desportista estar pendente de outras coisas. A direção e regulação do movimento transcorrem sem participação necessária da consciência. Este estágio implica o domínio e a melhoria da expressão técnica, e determina em três níveis Ozolin (1970 adaptado por Arellano,1994): a capacidade de aprendizagem, o apropriado nível condicional e os aspectos auxiliares e de avaliação. De um modo específico e aplicada ao treinamento desportivo, Starosta 1991 (mencionado por García Manso 1996, pág. 465) divide o processo de aprendizagem e melhora de uma expressão técnica com uma orientação para a especialização, em três fases:

1º Ensino da técnica elemental.

2º Ensino da técnica standard.

3º Obtenção da técnica individual.

Normalmente, estas fases especificam de três fases para sua consecução, que podemos sintetizar do seguinte modo:

A) Excitação difundida dos processos de controle e regulação do movimento. É motivado pelos baixos níveis coordinativos que habitualmente prova o desportista nas suas primeiras fases de treinamento.

B) Melhora da execução da expressão técnica. É acompanhado com uma maior economia da expressão.

C) Estabilização das expressões. São possíveis fazer as expressões de modo estereotípicas, exata e precisa. Se alcança a automatização de expressões, o que permite transferir a atenção para a execução nas situações variáveis.

Na especialização desportiva deve ser considerados os métodos de ensino da técnica, neste respeito Martin 1989 (mencionado por García Manso 1996, pág. 466) diferencia dois tipos de treinamento da técnica integrados de um ao outro: "*Treinamento de aquisição (aquisitivo) e treinamento de aplicação (aplicativo).*"

O primeiro tem como propósito o controle da habilidade desportiva específica. O segundo tem como propósito usar a habilidade desportiva específica adaptada na tarefa motora, de um modo ótimo com respeito à situação, e que também é estável à competição. O treinamento aquisitivo o divide Martin em duas fases cronologicamente sucessivas:

Na primeira fase o objetivo é aprender de acordo com o óptimo biomecânico de modo (ou imagem) externo de uma habilidade (técnica) ideal. Nesta fase são aplicados todos os métodos clássicos do aprendizagem motor, especialmente com ajuda de técnicas audiovisuais que permitem formar a apropriada imagem do movimento. Só no caso de o desportista tem uma imagem correta do movimento, poderá estar em condições de executar corretamente uma técnica. O desenvolvimento de uma imagem de movimento e com a visão do movimento. Para isso devem ser considerados os seguintes aspectos:

1. Formação de uma imagem detalhada do movimento.
2. Execução das primeiras tarefas práticas.
3. Realização de demonstrações e execuções relacionadas com a percepção e imagem do movimento que o desportista possui.

A criação de uma imagem correta do movimento agüenta à execução do apropriado treinamento **ideomotor**, de que consistirá em imaginar a expressão técnica em sua totalidade ou para partes. Por treinamento ideomotor entendemos: "*Todas essas formas de exercitação nas quais tem uma auto-representação mental, sistematicamente repetida e conciente da ação motor, que deveria aprender ser estabilizado ou ser aperfeiçoado, sem que exista uma ejercitação real, visível externamente, de movimentos parciais ou globais*". Frester 1987 (mencionado por García Manso 1996, p.466). O funcionamento do treinamento ideomotor está baseado no Efecto Carpenter, de acordo com o qual, "quando são percebidos, imaginam ou pensam movimentos, e registram o potencial elétrico muscular, pode se demonstrar aquelas fracas ativações nervosas musculares não conscientes, que não podem ver externamente, embora estruturalmente correspondem ao padrão dos impulsos nervosos do movimento percebido, imaginado ou pensado".

A **segunda fase** tenta de afinar a imagem interna do movimento. Aqui predomina o superaprendizaje e o treinamento imitativo. O superaprendizaje aparece necessário para facilitar a abertura de complicados circuitos neuronales e a automatização. O treinamento imitativo entende pela execução repetida de um modelo. O treinamento aplicativo de da técnica é aquele que nas habilidades instruídas treinam variando as condições de execução. A partir disto, Martin 1989 (mencionado por García Manso 1996, p.467) define três objetivos do treinamento:

- a) *Amplificação do espectro executor da habilidade em presença de variações das condições ambientais e de competição.*
- b) *Geração de controle, quer dizer de sua transferibilidade para outras situações.*
- c) *Prontidão geral da qualidade do processo desenvolvido assim.*

Ao término do processo inteiro, é necessário que o desportista alcance da apropriada automatização da expressão desportiva. A condição prévia para ser capaz para acabar automatizando uma técnica passa pelo que Neumaier 1986 (mencionado pelo mesmo autor) denomina repetição múltipla do movimento. Com o tempo, tal e como mostramos quando definimos a automatização, o desportista poderá centrar sua atenção em outros aspectos da atividade desportiva. Embora não é aceitado no mundo inteiro, a repetição múltipla, e então a automatização, fica necessário até mesmo em esportes onde a resolução de uma ação técnica permite para vários caminhos.

Por outro lado, e como mencionamos previamente, não podemos esquecer que universalmente aceitado que existem duas posições metodológicas da aprendizagem da técnica: **global e analítica.**

Alguns autores aconselham aumentar o aprendizagem motor para outros campos desportivos, além do que corretamente se torna o objeto final do treinamento, embora oferecer ser de característica estrutural semelhante, Grossor & Neumaier, 1986; Pintor, 1989; Platonov, 1988. (mencionados por Cárdenas Vélez, 2.000 p.94). Àguila Soto - Andújar Casimiro, 2.000 (revista digital efdeporte N°21 pág. 1-3) nos mostram: " *Todos estamos conscientes que o esporte de competição de alto nível são marcadas metas que cada vez são mais difícil de superar* ". Na briga contra as marcas, o homem elevou tanto ama lista que uma pequena melhoria do rendimento supõe um enorme esforço do desportista e de um time profissional inteiro de apoio. Anos atrás, uma pessoa de caráter atlética, muito talentosa fisicamente, poderia acabar destacando em numerosas disciplinas. Neste momento, esta suposição é imaginada quase impossível em certas modalidades porque a procura do máximo rendimento segue por uma absoluta especialização, já que cada disciplina esportiva precisa de umas de certas capacidades, em alguns casos não compatíveis com outras especialidades. Então, do ponto de vista do rendimento, parece fundamental selecionar e guiar os desportistas para o teste que é mais ajustado às suas características das idades mais jovem. Este é o princípio básico que governa os processos de especialização precoce no esporte, embora este termo não deve confundir com demanda precoce de altos rendimentos. Galilea e col. 1986 (mencionado por Águila Soto - Andújar Casimiro, 2.000 revista digital efdeporte N°21 pág. 1-3). Ao redor desta circunstância, surge a polêmica

sobre a conveniência do treinamento desportivo desde jovem e, em tal um caso, a magnitude e o grau de especialização do mesmo.

Existem numerosos estudos fisiológicos, biomecânicos e psicológicos no treinamento com desportistas maduros que contrasta com a escassa literatura nas características que deve juntar o processo da construção inicial dos desportistas.

Concordo completamente com os autores antes mencionados, que pensam que no treinamento infantil deveriam ser antepostos objetivos educacionais globais, embora seu conseguimento é a meio e longo termo, para outros objetivos mais pontuais mas com menos projeção na formação de esporte do menino, já que esta formação é um processo longo e complexo que não serve para se apressar no sucesso imediato.

Que duvida que ajuste o treinamento que consideramos apropriados para a saúde colide com o que busca o rendimento, desde que será desenvolvido debaixo do prisma do obter de resultados e supõe um trabalho específico técnico e fisicamente, que deveria ser aproximado em fases posteriores. Isto causa que o processo da formação do desportista acelera.

2.5. HISTÓRIA DO ENFOQUE DA APRENDIZAGEM COM RELAÇÃO AO HÓQUEI EM PATINS

As origens do hóquei voltam para o ano 478 (a.c.). Na Grécia, exatamente ese ano, se achou um bajorrelieve que ordenou construir Temistocles em o qual pode observar jogadores que fazem um " bully " ação com que começava um jogo. As origens do hóquei em patins são poucos precisos. Se acha que um jóvem holandês chamado Vanlede, foi o que pôs rodas nos seus patins de gelo em vez de facas. De acordo com Núñez A. (1986, PÁG. 10):” *Os primeiros patins só tiveram uma roda, e a partir de então deixou aperfeiçoando até chegar aos que são usado nestes momentos* ". Ao término do século de XIX, como derivação do hóquei em gelo, surgiu no município de Kent, (Inglaterra) o hóquei em patins. A partir deste momento é onde começa o hóquei moderno.

Depois de alguns anos é feito o primeiro regulamento e começa o primeiro campeonato inglês. O primeiro campeonato internacional foi jogado no hipódromo de Paris em 1910. O primeiro campeonato mundial deste esporte foi levado a cabo em Stoccarda (Alemanha), onde é o campeão da seleção de Grã Bretanha. A partir do ano 1974, Espanha e Portugal dominaram totalmente estes campeonatos. De acordo com as contribuições de Gallén Carles 1991. (revista científica *apunts, educação física Esports*, N° 23 pág. 77-84). As origens do hóquei em patins, como muitos outros jogo esportivos, é necessário os procurado na Inglaterra onde ao término do século de XIX um cidadão deste país, Edward Crawford, com motivo de uma viagem que tinham feito para a cidade de Chicago, trouxe para a Europa uma série de idéias para a prática de novos jogo esportivos desconhecidos naquele continente, Entre eles figurava o "rink hóquei ", uma adaptação do hóquei em gelo para as pistas de chão de madeira que começavam a proliferar em Europa ocidental, onde a patinagem em rodas já teve bastante seguidoras, especialmente na Inglaterra, França e Alemanha. Aquele hóquei primitivo em patins que Crawford inventou adotou alguns sistemas de jogo bem parecido ao hóquei em gelo que foi praticado nos Estados Unidos. Os primeiros praticantes deste esporte Jogaram partidos muito rudimentares em patins de rodas, com uma " stick " ou vara de madeira como o do hóquei de gelo e um " puck " ou disco plano de madeira de ums oito centímetros de grosor em vez da bola da atual borracha. Nas mais de seiscentas pistas de chão de madeira que existiu na Inglaterra no começo do século de XX, teve muitos grupos de amigos apaixonados pela patinagem que jogavam partidos deste rudimentar hóquei, embora de um modo completamente informal, sem existir qualquer tipo de competição.

Pelas publicações, livros e manuais, percebemos que, por muitos anos a aprendizagem desta disciplina foi centrada fundamentalmente em aplicar um treinamento baseado em melhorar a técnica individual, para então passar aos sistemas táticos, o desenvolvimento deste trabalho técnico fez cair reiteradamente aos professores, técnicos e instrutores no consecução dos fundamentos, por expressões repetitivas de uma ação motora. López Carlos (1997, pág. 15) define à técnica como: " *A razão apropriada e econômica do procedimento para a realização de altos resultados esportivos* ". Próximo a esta definição nos mostra: três fases para a preparação técnica, na primeira fase deveria ser criado no estudante o conhecimento teórico de expressões estudadas. Os meios para eles são:

- a) *A demonstração, que deveria estar perfeito e completada com apresentação de material didático (vídeo).*
- b) *A explicação deveria ser breve, expressiva e facilmente compreensível para os praticantes. Em geral é melhor alternar a explicação com a demonstração.*

Subseqüentemente distingue uma segunda fase na preparação técnica do hóquei em patins que mostram dois métodos; o global e o analítico, no primeiro ponto mostra que na aprendizagem da expressão técnica ou trâmite, tais ejercicios, criam a compreensão mais completa na técnica que está estudando, como também uma base sólida para a formação da habilidade motora. Em segundo termo, destaca o método analítico que clarifica que neste método a expressão técnica é dividido em dois ou mais partes. Apenas o nível de execução o permite, o desportista deve praticar a expressão em forma global. Isto permite aprender o ritmo geral da expressão de fato. O mesmo autor nos mostra que em uma terceira fase, é fixar a expressão em situações complexas, os métodos usados são:

- a) *Método de repetições: só a repetição freqüente favorece a formação e o memorização da habilidade motora, quer dizer, a estabilidade e a solidez técnica. Com as variações das condições em que é feita a expressão, é obtida a formação de habilidades elásticas.*
- b) *Execução da expressão em situações complexas.*
- c) *Execução da expressão técnica: em uma total fadiga (ao término do treinamento, depois de exercícios intensos).*
- d) *Execução da expressão técnica contra oponentes (um contra um, etc.).*
- e) *Competições de treinamento.*
- f) *Competições de controle e competições oficiais.*
- g) *Método conetado: permite resolver os deveres na melhoria da técnica junto com o desenvolvimento das capacidades físicas (qualidades físicas especiais).*

Finalmente é incluída uma quarta fase onde é de fixar a expressão na competição, como ponto fixo da capacidade de adaptar as habilidades motoras para as situações mutáveis das competições. Os métodos usados são:

- a) *Análise dos erros do treinamento e em competição com vídeo, comprovando as ações enganadas e as corretas.*
- b) *Exercícios especiais com relação ao treinamento tático.*
- c) *Exercitação e competições de treinamento.*
- d) *Competições de controle e competições oficiais.*

Por outro lado, Marchesini Francesco (1984, pág. 9) mostra: " *Com o progresso da capacidade física, o jogador de hóquei em patins deve destinar sempre de um alto nível técnico e consolidar essa própria habilidade na condição específica da capacidade*".

É difícil de interpretar o pensamento deste autor, já que em uma primeira parte do seu livro mostra a importância do trabalho da coordenação, mas aparentemente os procedimentos usados para o desenvolvimento desta qualidade, está baseado em expressões fundamentalmente analíticas com mira na melhoria da técnica e as mais recentes táticas desse jogo. Este método de trabalho não compartilha isto que, como nós viu previamente devemos respeitar princípios biológicos e pedagógicos com o propósito de equipar funcionalmente os menores e aumentar sua memória motriz, de modo de obter resultados para a idade correspondente para isto. Também é necessário mencionar as contribuições de Velasco Francisco (1982, pág. 15) que mostra: " *Que um dos grandes problemas ou dificuldades que afetam à modalidade do hóquei em patins, tem relação com os técnicos que paradoxalmente é abundante mas, na realidade não existem* ". Também nos dá a saber que apesar de que o hóquei em patins existe já mais mais de meio século, não foi possível masificar a disciplina, devido entre outros casos na escassez de investigações, manuais e livros. Seguramente poderia deduzir que o pensamento deste autor não é modernizado porque seu livro foi publicado faz vinte anos atrás, porém podemos conferir que o panorama não sofreu grandes mudanças, já que ainda a literatura está bastante escassa.

Com relação para a iniciação nesta disciplina o mesmo autor o Velasco Francisco (1982, pág. 31) mostra: " *Que não existe uma idade definida para o começo da patinagem* ". Antes dos

cinco anos é sugerido que seja grátis, essencialmente recreativo, é pedido controlar só os patins, a partir dos seis anos será lógico que a prática do hóquey em patins é introduzida gradualmente de acordo com os progressos na arte de patinagem, com a evolução etária e o desenvolvimento físico do atleta. De acordo com este autor, o passo de uma categoria para outro, seria levado a cabo por meio de um exame e autorização previu a um teste de compatibilidade entre sua constituição física e o intelectual e as exigências impostas pelo grupo etario superior.

No presente estudo, devo mostrar que difiro na proposta antes mencionada, desde no primeiro lugar não existe uma fundação científica, talvez produto do tempo, mas é comprovado que não são respeitados os princípios pedagógicos e dá a impressão que é privilegiado o desportista com mais habilidade nos patins e stick, e deixa a um lado aqueles que levam mais tempo em madurar motrizmente, o fato para ter os desportistas com grandes habilidades nas categorias de iniciação, não significa que eles serão os melhores jogadores no futuro, devemos ter consciência que tudo podem terminar tendo um nível bom e embora o fator genético é importante, nós não devemos falhar a idéia de alcançar bons resultados.

Por outro lado, é necessário mencionar que na bibliografia espanhola da década dos oitenta, achemos alguns manuais elaborados pela delegação de Plano do Coruña (1988) que nos provêem um treinamento eminentemente analítico, neste manual chamado “ Melhoria da técnica “ é apresentado exercicios de trabalho com as crianças de elementos mais simples a elementos mais complexos que seguem uma progressão lógica dentro de cada técnica para aperfeiçoar os elementos básicos e adquirir um bom nível de execução. Estes autores esboçam a necessidade para mostrar os seguintes aspectos de carácter metodológicos:

a) Devemos criar situações individualizadas, e levar a cabo um ou mais sessões nesses nas que lhe ensina os elementos técnicos devemos de ensinar situações diversas para sua execução.

b) Para o ensino das expressões técnicas usaremos meios auxiliares como fotos, diapositivas, vídeo, que dão a forma correta de execução da expressão, aparte de que o treinador os leva a cabo sempre que é possível.

c) *Trabalharemos as duas lateralidades igualmente embora deveria ser impressado na melhor execução no seu lado natural. Uma vez adquirido este objetivo, trabalharemos na correta execução do lado contrário.*

d) *Os elementos técnicos do hóquei em patins podem ser trabalhados inicialmente separadas para trabalhar eles juntamente. Exemplo: Trabalho separado da condução da bola entre as pernas e tiro enrolado para então conjuntarlos em um mesmo exercício.*

e) *Deveria ser considerado que para automatizar um movimento de umas cinco mil repetições. Dependendo do grau de complexidade serão precisarão de repetições mais ou menos.*

Como podemos apreciar nos pontos prévios, uma metodologia de trabalho eminentemente analítica, tradicional, completamente oposto ao que esboçamos neste estudo. Embora é certo que não podemos ignorar algum aspecto que pode ter êxito, difiro do modo que é buscado equipar funcionalmente aos menores, elo mesmo não devemos esquecer que nós estamos começando esportivamente de crianças pelo qual argumentam por que é necessário se lembrar de que aspiramos alcançar um jogo cooperativo, no nos que se incorporam progressivamente os elementos técnicos com sua transferência tática, de modo de evitar o desenvolvimento de uma técnica individual baseado na repetição desproporcionada das expressões técnicas. Também é muito importante para nosso trabalho propiciar laços afetivos no treinamento e estes podem ser alcançados por meio do " jogo " que permite obter como resultado um time aderente no futuro, e podem ser respondidos por unanimidade às demandas desportivas. O indicador desta unificação de modos de comportamento é o que é conhecido como o nível de coesão de um time. Warring Palmi J. (revista científica apunts, Educação Física Esports, N° 35, 1994).

Com respeito ao desenvolvimento das táticas individuais, Trullols Carlos 1991 (revista científica apunts, Educação Física Esports, N° 23, p.7-14) mostra: "*Do simples análise do jogo do hóquei em patins, chega facilmente à conclusão que a totalidade de jogadores (excluiu e portero) levam a cabo ações gerais individualmente diversas: passar, receber e dirigir a bola, lançar a porta, fazer ações de engano para o oponente, ser colocado em posição favorável para apanhar a bola*". Estes grupos de ações pertencem na prática com os respectivos elementos

básicos das táticas individuais, quer dizer, a passagem, a recepção, a condução de bola, o tiro, o finta, a evasiva, o marcaje e o desmarque. Mas como também, em a maioria dos jogo esportivos, os movimentos técnicos de base pertencem junto com regras mecânicas que são normalmente adquirido nos primeiros momentos da evolução biomecânica da pessoa (correr, apressar com a mão, para receber, bater com o pé, etc.), nesta disciplina, a ação mecânica precisa indispensavelmente um aprendizagem no ambiente técnico de caráter estritamente específico, relacionado com as características, dos meios característicos para usar, quer dizer, patine com rodas em vez de pés e stick em vez de mãos e braços. Para isto, não desfrutarão dos movimentos técnicos básicos no hóquei em patins, na sua fase inicial, das facilidades inatas desses das que tem benefícios do esporte e, por conseguinte o processo evolutivo técnico da situação interativa das circunstâncias do jogo, quer dizer, para as táticas individuais, será aconselhável aplicar isto, no ambiente educacional a partir da idade de 9 ou 10 anos, tudo aquilo que nos levam a reafirmar a idéia difundida que esta modalidade de esporte é um desses de mais complexidade para o nível de assimilação em sua fase de aprendizagem.

Como já mostramos previamente, existem alguns estudos relacionados com o hóquei em patins, mas geralmente guiados para a alta competição, neste respeito Hernández Vázquez, 1991(revista científica apunts, educação física esports, N° 23, p.15-28) afirma: "*A maioria dos jogo esportivos estão baseado em um conhecimento empírico e são poucos os que têm estudos sobre sua especialidade*". Os jogo esportivos que desfrutam um maior número de estudos sentam as bases não só para eles, mas também de algum modo, influenciam nos outros. O hóquei em patins não é uma exceção e grande parte de seu conhecimento são característicos de outros que têm um especialidade diferente.

Acho que é necessário aproxima os aspectos psicológicos, já que de alguma maneira uma preparação multilateral com estratégias lúdicas, poderia contribuir significativamente nos aspectos mentais dos futuros desportistas, quer dizer, na infância propiciará o treinamento alegre. Neste respeito o Palmi Joan (revista científica apunts, educação física esports, N° 23, p.45 - 50) menciona alguns aspectos psicológicos da especialidade, e mostra entre as características mais excelentes os seguintes:

1. **Deporte coletivo:** Cinco jogadores em pista mais cinco jogadores depois da barreira que podem ser trocados sem limitações de quantidade. Isto nos tem que fazer pensar que temos que ter bem preparados - em o que concerne às habilidades psicológicas – a escala individual dos 10 jogadores, além de ter compensado bem o time como tal. É um esporte com a colaboração de sócios - de acordo com a terminologia usada por Joan Riram (1985) - para o qual corresponde uma preparação diferente a dos jogo esportivos individuais. Indubitavelmente, o treinamento psicológico para este modelo é muito mais complexo.

2. **Esporte com contrários:** Os desportistas / jogadores do outro time usarão todos seus recursos técnicos y/o táticos para não nos permitir desenvolver o jogo que nos interessa; isto significa que é um esporte com oposição de contrário que dificultará o rendimento de nossos jogadores. O treinamento psicológico tentará prever estas situações para ser capazes a preparar e treinar antes do partido - características psicológicas dos contrários, análise da situação competitiva... -, para adquirir que o efeito prejudicial do outro time não quebre facilmente a concentração dos desportistas que treinamos para o jogo.

3. **Importância do material desportivo:** A complexidade técnica da patinagem posta em função de um rendimento competitivo dá lugar a uma sofisticação do material desportivo - giros, botas de patim, joelheira, sticks, luvas, guardas, peitoral e as máscaras do portero, etc. - que deve ser analisado e deveria ser introduzido dentro do treinamento psicológico (importância da relação e percepção jogador-material, hábitos precompeticionales...)

4. **Importância do terreno de jogo:** Como em qualquer esporte, a pista tem uma grande repercussão em referência para o rendimento, já que é o meio onde desenvolverá suas ações o desportista, mas muito mais no caso do hóquei, porque este esporte implica uma grande habilidade técnica para poder obter uma efetividade desportiva, desde que uma pista mais rápida ou mais lenta pode favorecer um tipo de jogo. Também, as condições da pista podem dar causa para duvida que afetará negativamente à segurança e fluência do jogo de algum certo jogador.

5. **Esporte dinâmico:** Geralmente é observada uma grande velocidade de jogo - desde que é desenvolvido com patins e o contra-ataque é um fator muito importante de face ao

resultado final - que implica transições rápidas de defesa e ataque e de posição estática para saída rápida com velocidade. Este tipo de transição rápida defesa-ataque com pouco espaço e com os mesmos jogadores que intervêm supõe uma mudança rápida de modelo de concentração-atenção, principalmente em certas táticas defensivas, deveria ser treinado psicologicamente para facilitar que o jogador muda mais facilmente o enfoque de atenção. Nideffer, (1989).

6. ***Terreno de jogo relativamente pequeno:*** Pode considerar o terreno desportiva " pista " em proporção ao número de jogadores, enfileiram antihockey e velocidade do jogo, é pequeno o que implica por um lado uma grande importância da precisão na passagem, e por outro, que a presença do contrário pode ser mais opressivo que em outros jogo esportivos, principalmente quando é apertado ou faltam alguns minutos para o fim com um marcador incerto.

7. ***Esporte minoritário:*** Em referência na repercussão social que representa com relação a outros jogo esportivos, pode considerar o hóquei em patins como um esporte minoritário; isto pode agüentar, às vezes, uma escassez de recursos e um pouco incidência na imprensa, o que pode diminuir os níveis de motivacionais de algum jogador.

8. ***Antecedentes prósperos:*** Este esporte tão arraigado em Catalunha (Espanha) proveu muitas vitórias no ambiente de clube e de seleção nacional, o que dá lugar a umas expectativas de sucesso e então para algumas demandas de vitória que pode ser estresantes em um jogo em que tem pouco para ganhar e, por outro lado, muito para perder.

9. ***Alto nível socio-cultural:*** A medida do nível socio-cultural dos jogadores está em cima da de outros jogo esportivos. Esta realidade, arraigada através de tradição ou para o custo relativamente alto dos materiais para a prática, facilita o trabalho de assimilação do treinamento psicológico no bloco geral de treinamento por parte do jogador.

10. ***Deporte com contato físico:*** A velocidade e o uso do stick como forma de controle da bola dão lugar a sucessivos contatos entre jogadores. Cada vez mais o regulamento diminui a legalidade destes contatos físicos, destas cargas, embora às vezes permanecem à interpretação subjetiva do árbitro. Esta subjetividade - tão comum, infelizmente em alguns regulamentos de

esporte - dá causa de dúvidas, interpretações ruins que podem afetar o grau do controle de um jogador, principalmente se isto está em condições de tensão.

2.6. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA QUE SE DESEJA DESENVOLVER

Para nosso estudo é considerado necessário guiar esta revisão da literatura para o conhecimento do esporte educacional na sua iniciação ou usando um termo mais contemporâneo e sem lugar para dúvidas próximamente relacionado com este estudo, para uma **pedagogia do esporte** na fase de iniciação para os jogos desportivos coletivos. A aprendizagem de cada um dos jogos esportivos coletivos constitui uma parte das propostas necessárias de forma que, em situação de jogo, os participantes podem resolver os problemas que são colocados no contexto específico. Para isto a característica de nossa inovação envolve condições gerais o desenvolvimento das inteligências múltiplas, o autoconcepto, aprendizagem motor e respeitar princípios biológicos e pedagógicos. Tudo isso é apresentado por meio de estratégias com métodos lúdicos globais no desenvolvimento das capacidades físicas, habilidades técnicas e sistemas táticos de jogo de iniciação, considerando que desta maneira se produz o desenvolvimento de laços afetivos entre seus pares e professor - o desportista, quer dizer, a realização de referenciais metodológicos e referencias sócio-educativo necessários na formação do desportista. Reconhecendo que o jogo está raizado dentro da cultura propia de cada sociedade, é um espelho social e cultural. "*É por meio dele que o menino começa nas regras da vida social, regras que são sempre peculiares do grupo que pertencem*". Parlebás, (1975, mencionado Castañer-Camerino, 1996 p.123). O jogo é o eixo vertebrador no qual giram todas as ações e vivencias infantis. Com o jogo, o menino desfruta, se diverte, distrai, cria e recreia, trabalha, relacionado com outras crianças, ele vive intensamente sua realidade como ser inteligente. Daí, que pode ser concebido como as fundações da sociedade futura.

O jogo pode ser entendido como a atividade natural mais importante na vida do menino, porque na sua prática traz movimentos globalizados nos que precisa de intuição, destreza, equilibrio e uma contribuição de energia que facilita sua realização. " É, também, o exercício que

melhor se adapta ao espírito de evolução, para a auto-expressão e suas condições físicas, por não entender combinações anormais e por contribuir à aperfeiçoar tudo esses que ele mesmo vai conhecendo, desenvolvendo a aprendizagem ". No jogar usa um lugar destacado na emoção. A emoção diz Elías e Dunning (1986 mencionado por Pavía Victor 2.000. Nº 25, p.3): “ *É o que dá sabor a todos os prazeres relacionados com o jogo* ”.

Para Huiziuga, (mencionado por Ferrarese - Milanessio - Precioso, 2.000, Nº 22, P.1-6): “*O jogo é o originador da cultura da humanidade. Os Cosmos é um grande jogo no qual os seres humanos jogam igual aos Deus, mas existe um jogo que se vê, de acordo com Fink, e outro que você não vê, que é os dos Deus. Este só fica visível nos ritos. O jogo têm ficado perdendo seu verdadeiro rol " lúdico" na sociedade ocidental do século XIX no que começou a ser proibido e resurgido secretamente* ”.

Da perspectiva da educação, o pedagogo, tem que harmonizar dois espaços claramente diferenciados, pois, por uma parte, é educador geral, mas, para outro, é também particular ou especial. Daí, que terá que pensar, no seu trabalho educacional, como conjugar estas duas vias com relação ao menino. Em geral, o menino joga ao que quer, e é responsabilidade do educador, provêr os meios para sua realização. Por outro lado, se é considerado ao jogo como meio da Educação Física, a responsabilidade do professor descansa, em que isto serve como vínculo que conecta o menino com o adulto que pratica jogos esportivos, e tenta que o jogo tem uma estrutura, esquematizada próximo às técnicas desportivas. Deste modo, o menino não poderá jogar, só, no que quer, mas que deve ser sujeitado a um plano prefixado.

O jogo infantil deve favorecer a naturalidade e a espontaneidade do menino. Para isto o pedagogo ao analisar ele como expressão genuinamente infantil, em vez de imaginar o menino pelo comportamento dele antes de jogos impostos, terão que fazer isto por meio do menino que joga espontaneamente ao do que ele gosta e decide livremente. Para isto, se o pedagogo força o menino para a prática de um jogo, pode acontecer, não só, que produz uma situação de rejeição, mas que não adapta às características bioquímicas ou temperamentais do sujeito. Isto pode acontecer quando o professor, antes de um repertório longo de jogos, seleciona esses que lhe propõe um autor, sem se lembrar das peculiaridades dos seus estudantes, para que aquele queas

outras crianças foram do seu prazer. Com este desconexión que foi determinado chamando “*imaginar o menino por uma imagem do jogo*” Fernández Martínez, 1965 (mencionado por Bravo R. 1999, PÁG. 22), é conseguido que o menino jogue ao que é indicado, mas não o que espontaneamente quisesse desejado.

Porém, é diferente observar o menino que joga, para apreciar o padrão de jogo que pode criar, ou estabelecer a semelhança com alguns desses que são oferecidos. Daí, que o jogo emerja do menino por ser um sócio biológico disto e não uma aderência imposta desde fora. Deste modo, é concebido imaginar ao jogo a través do menino e não ao contrário. Esta concepção é válida para o pedagogo, embora, possivelmente, não seja para o técnico, cuja perspectiva é centrada em ensinar a forma, procedimento, estilo, etc. do jogo.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

3.1. MODELO DE ESTUDO

O Desenho a usar para nosso estudo é do tipo Quaseexperimental apresentado por Campbell e Stanley (1966, mencionados por Hernández, 1998, pág. 171) consiste em aplicar ao grupo em estudo um Pre-teste, então solicitar a inovação em estudo para finalmente aplicar um Pós-teste. Os Quaseexperimentos alcançam validade interna na medida que demonstre a equivalência inicial entre os grupos participantes e a equivalência no processo de experimentação.

Quaseexperimental G1 O1 X O2

| | | |
|------------------|------------------------------|-------------------|
| PRE-TESTE | APLICAÇÃO DA INOVAÇÃO | PÓS-TESTES |
|------------------|------------------------------|-------------------|

3.1.1. ADMINISTRAÇÃO DO INSTRUMENTO

Previamente para a aplicação de A Primeira Bateria de Teste, os estudantes levaram a cabo um processo de nivelador que chamarei P.A.F.T. (Processo de Adaptação Físico Técnico.) O Processo de Adaptação Físico Técnico, tem como objetivo para prover aos menores uma adaptação com os elementos do jogo e deste modo poder levar a cabo os comportamentos de entrada necessárias para aplicar a inovação em estudo. O P.A.F.T. será levado a cabo em um período de 3 (três) semanas com duas sessões semanais, com o que o estudante poderá ter um controle mínimo do implementos de jogo neste caso Patins e Stick.

Para o estudo deste trabalho, aplicaremos um Pre-teste e um Pós-teste que serão determinados por:

BATERIA DE TESTE MOTORES:

- ✓ Coordenação Óculo-pedal.
- ✓ Coordenação Óculo-manual.
- ✓ Jogo de Iniciação Desportiva.

Esta Bateria de teste selecionada para determinar os níveis do desenvolvimento motor, estará relacionado com a coordenação (geral, e específico) como elemento que condiciona o aprendizagem motor.

Teste de Slalom com bola e stick.

Sua aplicação tem como objetivo medir a coordenação do trem superior e inferior.

Descrição.

- A. - Materiais: Serão usados seis cones de 1.20 mt. de altura e 0.20 mt. de diâmetro inferior. Os cones serão separados a uma distância de 2.00 mt. O teste será levado a cabo em uma superfície de parquet, e será usado como instrumento de medição um cronômetro manual.
- B. - Os estudantes estarão com o time de jogo e serão localizados atrás da linha de partida em posição preparado para correr, ao som do apito eles patinarão levando a bola com o stick e dando voltas ao redor dos cones. O trajeto é de ida-e-volta, o executante não deveria parar na linha de chegada. Registrará o melhor em dois intentos, o tempo será medido em segundos e décimos de segundos.

Teste de Coordenação Óculo-manual (domínio aereo da bola com o stick)

A aplicação tem como objetivo a medição da coordenação do trem superior.

Descrição.

A. - Materiais: Será usado um stick e uma bola, o executante será com todo seu implemento de jogo.

B. - Desenvolvimento: Quando o candidato está preparado, erguerá a bola e começará a bater com o stick fazendo saltar sobre este, contará o número de golpes evitando as quedas da bola. Escreveram o melhor em dois intentos.

CONTEÚDOS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Coordenação Óculo-pedal.

Executar exercícios que envolvem a relação entre um elemento e os membros inferiores.

Coordenação Óculo-manual.

Executar exercícios que envolvem a relação entre um elemento e os membros superiores.

Jogo de Iniciação Desportiva:

A iniciação para o jogo tem como base um grupo de competições por parte dos estudantes, para os quais chamaremos " requisitos prévios " e que obrigatoriamente deveriam ser observados de certo modo minimamente consistente. Levará como referência a interpretação de cinco fundamentos básicos do jogo, acompanhados por noções básicas de defesa e ataque.

- A) Recepção: Ser capazes de recepcionar a bola, ir para seu encontro quando isto é enviado, conservar sua posição, não precisar olhar a bola quando tem ela recepcionada.
- B) Desmarque: mover-se para qualquer direção, não parando para gesticular e gritar pela bola.
- C) Pase: Poder dirigir a bola deliberadamente para um companheiro.
- D) Dribling: Controlar a bola quando se move, controlar sua parada, estando com sua posição.
- E) Poder chegar com a bola e dirigir ela por meio de golpes de tesoura ou retrocesso para a porteria.

- Condução: Poder levar a bola em diversas situações tendo o controle prolongando o campo perceptivo e dando-a quando é necessário.

Levarám um registro tendo presente as características mínimas para jogar e o sentido da progressão, facilitará o seguimento deste estudo, por conseguinte poderá comprovar os avanços dos menores individualmente.

NOME :
 IDADE :
 DATA :

Tábua 1 : Progressão dos fundamentos do Hockey em Patins

| | MINIMOS PARA JOGAR | PROGRESSÃO | PONTO PRE-TESTE | PONTO POS-TESTE |
|--------------------------|--|--|-----------------|-----------------|
| RECEPÇÃO | * Recepiona a bola * Não olha a bola quando já a tem no stick | * Vai ao seu encontro * Olha antes de driblear * Recebe e protege | | |
| DESMARQUE | * Se deslaza para liberar-se da marca | * Fica mais perto e mais longe da bola até que a recebe * Corre até o arco buscando os espaços | | |
| DRIBLING | * Controla a bola parado e em deslocamento | * Não olha a bola * Olha antes de driblear * Libera-se de olhar a bola e se concentra na ação a empreender | | |
| TIRO | * Se da conta do momento do tiro | * Seleciona a forma do tiro | | |
| PASE | * O dirige até o companheiro | * O dirige adecuadamente | | |
| CONDUÇÃO | * Patina com a bola e stick | * Controla e conduz em diversas situações | | |
| Ponto Alcançado : | | | | |

3.1.2. FASES DE APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS.

A aplicação destes instrumentos será levada a cabo uma vez terminou o P.A.F.T. e consistirá em:

1ª Fase: Será aplicada a Bateria de Teste antes do Tratamento de Estudo.

2ª Fase: Quando concluindo a aplicação do tratamento serão aplicados novamente esta Bateria de Teste.

3.2. UNIVERSO, AMOSTRA

Geralmente o professorado especialista em educação física normalmente cobre preferentemente os cursos mais altos na educação primária, e é, em muitas ocasiões, os mais baixos níveis desconsiderados por falta de horário. Blández Julia (2000, pág. 129). Em nosso caso, acredito que acontece uma situação semelhante, em muitas ocasiões foi priorizada a investigação com desportistas maiores pois os estudos são com guia para a realização de rendimento desportivo.

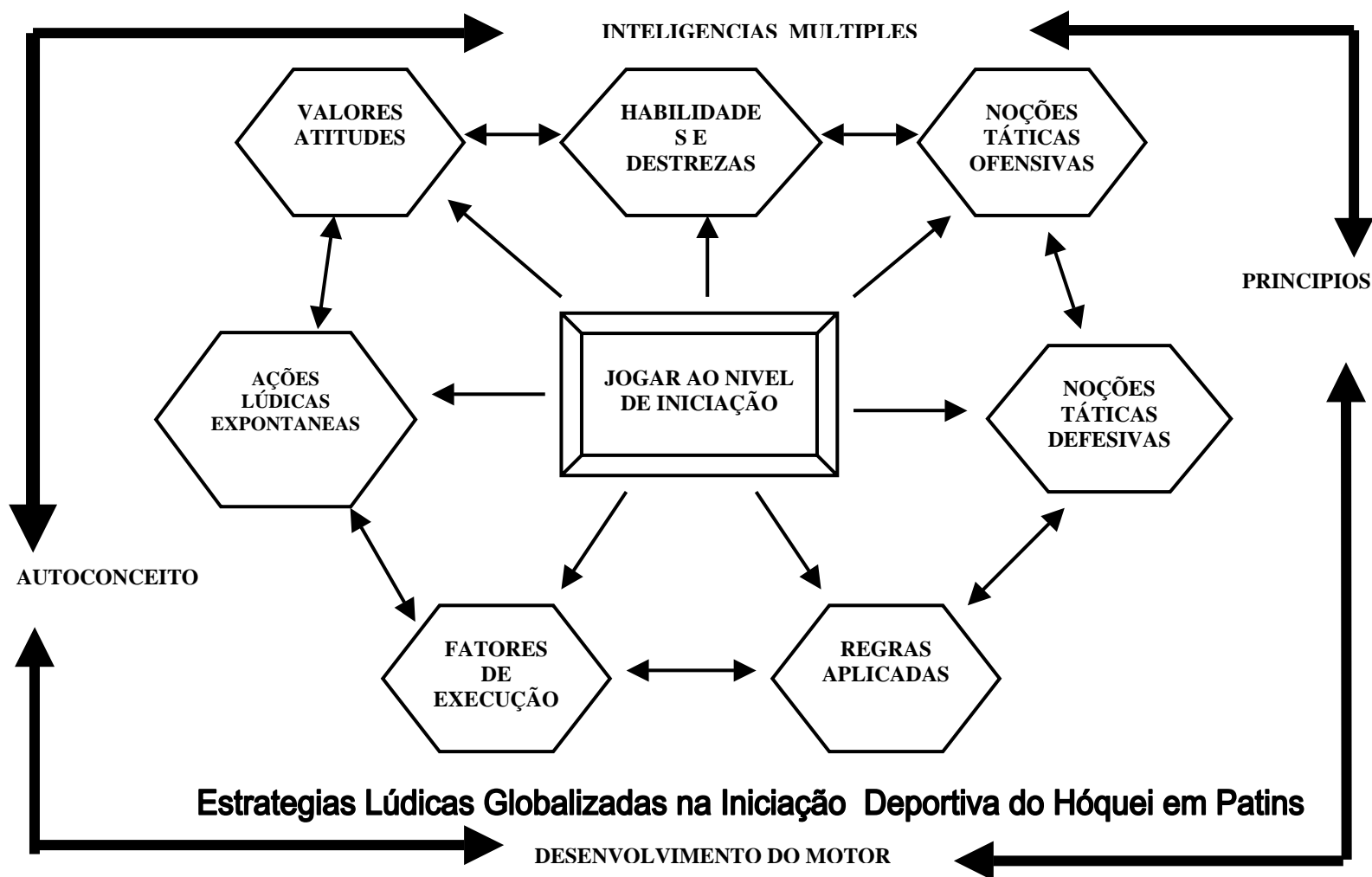
Neste estudo nossa investigação será centrada em menores de primeiro ciclo básico, especificamente entre os 8 e 10 anos, já que acho que os conteúdos, princípios metodológicos e estratégias pedagógicas empregadas na investigação estão mais perto destes níveis. O grupo de crianças que participaram na investigação é o seguinte:

Amostra : Esta determinado pelos 15 estudante-desportistas em iniciação desportiva cujas idades flutuam entre os 8 -10 anos. Estes estudantes pertencem à Associação de Hóquei do Clube Desportivo Huachipato.

3.3. CARACTERÍSTICAS DA INOVAÇÃO

O grupo trabalhará em duas sessões semanais com uma unidade de sessão de 90 minutos cada um. Este grupo receberá um tratamento baseado em Estratégias Lúdicas Globalizadas. A aplicação deste tratamento será levada a cabo por um período de 6 meses, desenvolvendo conteúdos de coordenação geral e específica, como também dos fundamentos do hóquei em patins por jogos, os que propiciaram o desenvolvimento dos elementos técnicos e sua transferência tática.

O tratamento consiste em relacionar todos os elementos e procedimentos que contituem uma Pedagogia de Esporte, não existe uma ordem jerárquica, mas sim uma ordem lógica na sensação com respeito às diferenças individuais, melhorando o desenvolvimento do autoconcepto individual e como time, aprendizagem motor global, fortalecendo e propiciando as inteligências múltiplas, respeitando princípios pedagógicos e biológicos. Os menores vivenciarán e descobrirão novos elementos que lhes ajude a melhorar seu rendimento, desde que é não executar ações lúdicas sem algum objetivo, pelo contario busca-se equipar os menores de forma que eles podem identificar um problema, elaborar soluções e resolver o problema.



Tábua 2 : Característica da Inovação

CAPÍTULO IV

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Inicialmente uma reunião foi coordenada com os pais dos alunos, o objetivo desta era para informar os pai ou responsáveis para obter a permissão e as facilidades para desenvolver a bateria de teste motores incluída na investigação com seu respectivo ajuntamento de dados.

Estando em conhecimento os pais do menor, começou o procedimento de acordo com o seguinte:

- A bateria de teste motores de foi realizada e levada num registro individual de cada desportista.
- Para cada teste deu-se uma instrução específica o mais objetiva possível e demonstrando aos alunos os exercícios para executar.
- Não foi permitido que os alunos ensaiarão em mais que uma ocasião, de modo de não mecanizar o exercício.
- O processo inteiro foi filmado com uma máquina vídeo sony, sem chamar a atenção dos menores.

4.1. ANÁLISE ESTATÍSTICO

4.1.1. ESTATÍSTICA DESCRITIVA

| | | Média | Mediana | Moda | Alcance |
|--|------------------|-------|---------|-------|---------|
| Teste de Coordenação Óculo Pedal | Pre-teste | 20.22 | 19.52 | 20.73 | 8.6 |
| | Pós-teste | 14.73 | 14.23 | - | 8.41 |
| Teste de Coordenação Óculo Manual | Pre-teste | 1.26 | 1 | 0 | 5 |
| | Pós-teste | 7.20 | 6 | 2.6 | 29 |
| Teste de Jogo Simples | Pre-teste | 5.53 | 5 | 3 | 12 |
| | Pós-teste | 23.26 | 24 | 30 | 30 |

Tábua 1: Resultados Estatísticos Descritivos do Teste de C. O. P. / C.O.M. / J.S.

A estatística descritiva nos mostra a progressão que tiveram os sujeitos em função do seu rendimento motor, é como também observamos que, no caso de análise da média nos testes de coordenação óculo-pedal e óculo-manual é comprovado um progresso do rendimento motor, isto é expressado no aumento de 20.22 a 14.73 (melhora o tempo de execução no caso do primeiro teste) e 1.26 a 7.20 no teste de coordenação óculo-manual. A mesma coisa acontece no caso do teste de jogo simples no qual ao melhor sua pontuação no pós-teste, aumenta a média de 5.53 a 23.26.

Devemos ter presente que entende-se por Média: na soma das diferenças, dividida pelo número de sujeitos. A mediana pode-se definir como: o valor que divide à distribuição pelo meio, quer dizer, a metade dos casos debaixo da mediana e o outro meio sobre a mediana. A mediana reflexa a posição de intermédio da distribuição. A moda: é a categoria ou pontuação que acontece com mais freqüência. Finalmente o alcance: que determina a diferença entre a pontuação maior e a média, mais grande é o alcance, será maior a dispersão dos dados de uma distribuição.

| | | Variância | Divergência Estándar | Error Estándar | Valor Mínimo | Valor Máximo |
|--|------------------|-----------|----------------------|----------------|--------------|--------------|
| Teste de Coordenação Óculo Pedal | Pre-teste | 5.65 | 2.37 | 0.61 | 17.24 | 25.84 |
| | Pós-teste | 4.98 | 2.23 | 0.57 | 11.31 | 19.73 |
| Teste de Coordenação Óculo Manual | Pre-teste | 2.21 | 1.48 | .384 | 0 | 5 |
| | Pós-teste | 53.45 | 7.31 | 1.88 | 1 | 30 |
| Teste de Jogo Simple | Pre-teste | 11.55 | 3.39 | .878 | 0 | 12 |
| | Pós-teste | 78.92 | 8.88 | 2.29 | 7 | 37 |

Tábua 2: Resultados Estatísticos descritivos do Teste de C. O. P. / C.O.M. / J.S.

A estatística descritiva expressada na Tábua 2, deduz no caso da Variância que: é a divergência standard ao quadrado, estadisticamente existe progressão dos resultados do pós-teste na bateria de teste inteira. A divergência standard: nos mostra a média de divergência das pontuações com respeito à média, alcanço no teste de coordenação óculo pedal maior distância que nos outros testes, quer dizer, é obtida uma média de: 20.22 e 14.73, para obter uma divergência standard de: 2.37 e 2.23 no pre-teste e pós-teste da coordenação óculo-pedal.

É importante considerar que na tábua 2 nos mostra que no no caso do valor mínimo dos teste de coordenação óculo-manual e jogo simples, não alcançam um valor ou pontuação, seguramente por não ter experiência prévia na disciplina.

BATERIA DE TESTE DE MOTORES

TÁBUA 3 : Resultados Bateria de Teste de Motores

| NOME | PRE-TESTE (JULHO 2000) | | | | POST-TESTE (DEZEMBRO 2000) | | |
|----------------|------------------------|--------------------|--------------------|---------------------|----------------------------|-------------------|-------------------|
| | IDADE | C.O.P Pre-teste | C.O.P Pos-teste | C.O.M. Pre-teste | C.O.M. Pos-teste | Jogo Pre-teste | Jogo Pos-teste |
| 1° SUJEITO 1 | 9, | 18" 84 | 12" 84 | 2 | 6 | 9 | 30 |
| 2° SUJEITO 2 | 9, | 17" 73 | 11" 31 | 0 | 6 | 9 | 30 |
| 3° SUJEITO 3 | 10, | 22" 89 | 17" 89 | 1 | 2 | 6 | 21 |
| 4° SUJEITO 4 | 8, | 25" 84 | 19" 73 | 0 | 11 | 5 | 17 |
| 5° SUJEITO 5 | 10, | 18" 41 | 13" 84 | 3 | 6 | 10 | 30 |
| 6° SUJEITO 6 | 10, | 18" 27 | 12" 27 | 2 | 1 | 5 | 22 |
| 7° SUJEITO 7 | 10, | 22" 52 | 14" 23 | 0 | 2 | 0 | 14 |
| 8° SUJEITO 8 | 10, | 21" 99 | 15" 31 | 2 | 7 | 3 | 24 |
| 9° SUJEITO 9 | 10, | 19" 31 | 14" 01 | 0 | 7 | 7 | 29 |
| 10° SUJEITO 10 | 10, | 17" 99 | 12" 41 | 5 | 30 | 12 | 37 |
| 11° SUJEITO 11 | 9, | 19" 52 | 14" 86 | 0 | 8 | 4 | 22 |
| 12° SUJEITO 12 | 8, | 21" 31 | 16" 05 | 0 | 14 | 1 | 7 |
| 13° SUJEITO 13 | 10, | 20" 73 | 15" 52 | 0 | 1 | 3 | 24 |
| 14° SUJEITO 14 | 10, | 20" 73 | 16" 62 | 2 | 2 | 3 | 8 |
| 15° SUJEITO 15 | 8, | 17" 24 | 14" 19 | 2 | 5 | 6 | 34 |

4.1.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS BATERIA TESTE MOTORES

Teste de coordenação óculo pedal:

Como é apreciado no quadro 3, os menores melhoram seu tempo de jornada, o que evidentemente denota um domínio maior das fundações básicas e domínio de patim e stick, é importante mostrar que durante a aplicação do tratamento os desportistas menores não praticaram o mecanismo do teste antes mencionado, porém devido ao aumento das seus comportamentos motores os 15 estudantes podem melhorar o tempo deles e como consequência melhora o seu rendimento motor. Em termos de numéricos foi obtido um aumento do rendimento motor de 100% dos sujeitos.

Teste de Coordenação Óculo manual:

No caso do teste de domínio de ar, é apreciado que 13 sujeitos superam o rendimento deles no Pós-teste o que representa 86.6% da amostra, podemos comprovar que só um estudante não pode superar o seu rendimento o que representa 6.6% mais um que o mantém. Neste caso seria importante mostrar que pudesse ter afetado a sua concentração e os níveis de ansiedade para superar o teste.

É evidente mostrar que em ambos teste, os menores podem superar o seu rendimento, é o que em minha opinião tem maior valor é que estes resultados são possíveis sem mecanizar a ação motora, simplesmente é o resultado de um tratamento multilateral do rendimento desportivo.

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

SUJEITO 1
9 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|---|-------------|-------------|---|-------------|-------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-test | Post-test |
| A.- Finalizar 1. Tirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de tiro ou remate. | 1 0 | 1 1 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá e tesoura | 1 1 | 2 2 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para se aproximar ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de actuar | 1 0 0 | 2 1 1 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 0 0 0 | 1 2 0 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter aleijado do jogador que têm a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 1 0 | 2 1 | 1. Jogar sem bola com trocos de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos y curtos, parado ou em movimento. | 0 1 | 1 2 |

PONTO PRE-TESTE: 06 pontos

PONTO PÓS-TESTE: 19 pontos

Tábua 4: Tábua de Teste “Jogo Simples” Ataque

| DEFESA | | | | | |
|---|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 1 | 2 | Livre | 0 | 1 |
| B.- Impedir a criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 1 | 1 | Livre / Zona cuadrado | 0 | 1 |
| C.- Dificultar a construção do ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defensivamente 3. Adotar defesa individual | 1 0 0 | 2 0 0 | Livre / Cuadrado Livre Livre | 0 0 0 | 2 1 1 |

PONTO PRE-TESTE: 03 pontos

PONTO PÓS-TESTE: 11 pontos

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 09 PONTOS

PONTO PÓS-TESTE: 30 PONTOS

Tábua 5: Tábua de Teste “Jogo Simples” Defesa

4.1.3. ANÁLISE DOS RESULTADOS TESTE DE JOGO

O propósito deste estudo era verificar se Estratégias lúdicas globalizadas de hóquei em patins, causam rendimentos motores significantes que melhoram a aprendizagem inicial desportiva em crianças de oito a dez anos. Os resultados que foram obtidos estão refletidos nas seguintes tábuas e gráficos.

INTERPRETAÇÃO TESTE JOGO SIMPLES ATAQUE

ASIGNACÃO DE PONTOS

- 2 = Alcançou objetivo
- 1 = Objetivo razoavelmente observado
- 0 = Objetivo não observado

INTERPRETAÇÃO QUALITATIVA DO ATAQUE (Ponto máximo 28)

| Ponto | Interpretação |
|--------------------------------------|---------------|
| Menores a 6 | Muito Baixo |
| Maiores ou igual a 6 y menores a 12 | Baixa |
| Maiores ou igual a 12 y menores a 19 | Normal |
| Maiores ou igual a 19 y menores a 28 | Alta |
| Maiores ou igual a 28 | Muito Alto |

Tábua 6: Interpretação qualitativa do Ataque

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

GRÁFICO ATAQUE PRÉ-TESTE E P-TESTE

| ALCANCE | PRE-TESTE | PÓS-TESTE |
|-------------|-----------|-----------|
| Muito Baixo | 10 | 0 |
| Baixo | 5 | 5 |
| Normal | 0 | 4 |
| Alto | 0 | 6 |
| Muito Alto | 0 | 0 |

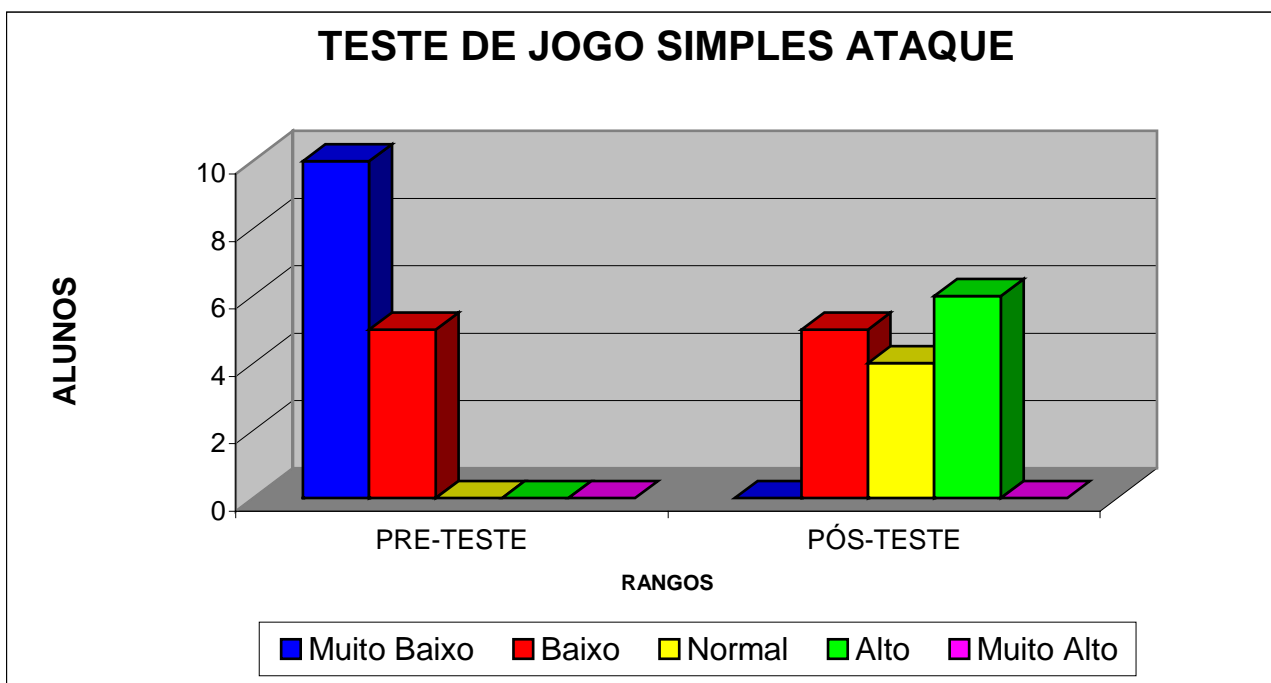


Gráfico1: Pre-teste e Pós-teste de Ataque

Teste de jogo simples

Interpretação Gráfica de Ataque:

Para o caso do teste de jogo simples, é apreciado que os alunos começam o processo com um grande déficit nos aspectos ofensivos, no qual 10 (dez) dos 15 (quinze) alunos estão em um alcance de muito baixo o que representa 66.6% dos sujeitos. Por outro lado, podemos apreciar que 5 (cinco) sujeitos obtêm um baixo alcance o que representa 33.4% do total.

Se lembrando dos elementos técnicos e táticos exigidos no teste, os restantes cinco alunos estão em um baixo alcance, nenhum estudante pode cumprir os elementos mínimos de jogo ofensivo.

Uma vez aplicado o tratamento, podemos comprovar que a grande parte dos estudantes pode melhorar seu rendimento e alcança 5 (cinco) menores uma categorização baixa o que representa o 33.4% do total. O alcance normal foi alcançado por 4 (quatro) o que representa 26.6% do total. Finalmente é apreciado que 6 (seis) os estudantes obtiveram um alcance alto o que representa 40% do total.

Por conseguinte podemos deduzir que havia um aumento importante no rendimento dos estudantes nas noções ofensivas de jogo simples, podendo desenvolver sistemas mínimos de jogo tático como também superar e fortalecer os elementos técnicos.

INTERPRETAÇÃO TESTE JOGO SIMPLES DEFESA

ASIGNAÇÃO DOS PONTOS

- 2 = Objetivo logrado
 1 = Objetivo razoavelmente observado
 0 = Objetivo não observado

INTERPRETAÇÃO QUALITATIVA DA DEFESA

| Pontos | Interpretação |
|--------------------------------------|---------------|
| Menores a 4 | Muito Baixo |
| Maiores ou igual a 4 e menores a 8 | Baixo |
| Maiores ou igual a 8 e menores a 15 | Normal |
| Maiores ou igual a 15 e menores a 20 | Alto |
| Maiores ou igual a 20 | Muito Alto |

Tábua 7: Interpretação qualitativa da defesa

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

GRÁFICO DEFESA PRE-TESTE

| ALCANCE | PRE-TESTE | PÓS-TESTE |
|-------------|-----------|-----------|
| Muito Baixo | 12 | 0 |
| Baixo | 3 | 1 |
| Normal | 0 | 11 |
| Alto | 0 | 3 |
| Muito Alto | 0 | 0 |

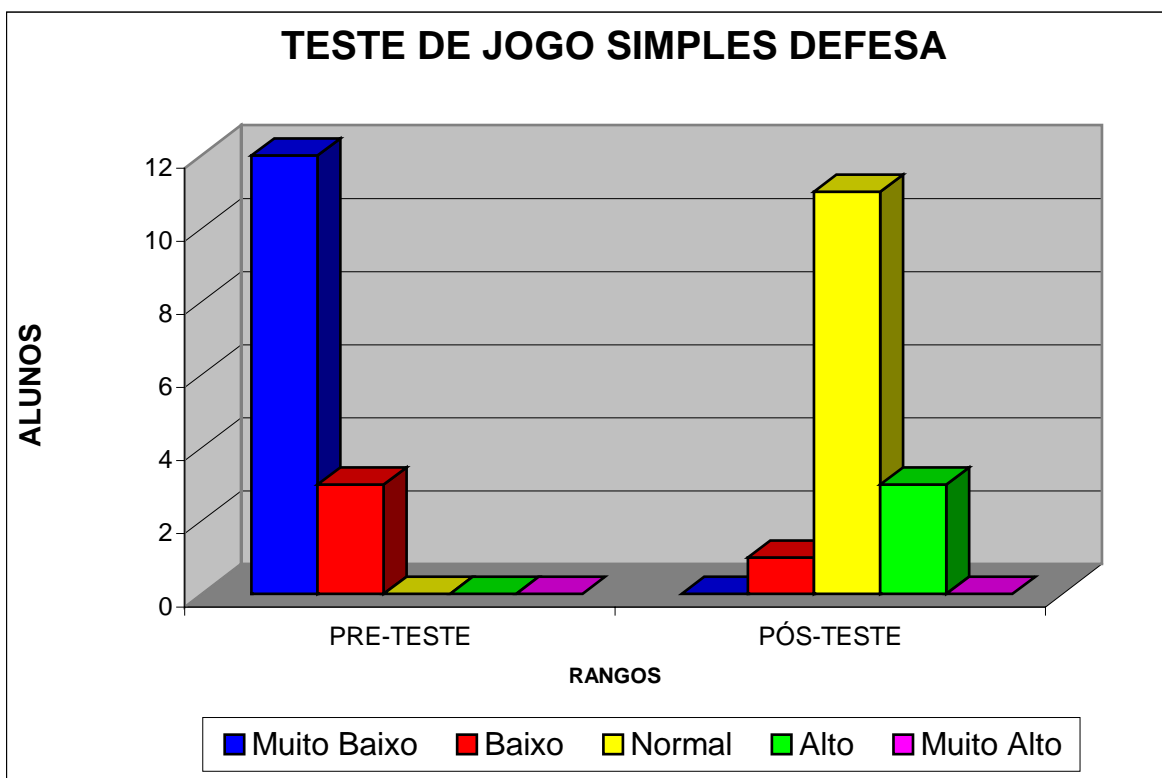


Gráfico 2: Gráfico Pre-teste - Pós-teste Defesa

Teste de jogo simples

Interpretação Gráfico Defesa:

Para o caso do teste de jogo simples, é apreciado que os estudantes começam o processo com um grande déficit nos aspectos defensivos, no qual 12 (doze) desportistas obtêm um alcance de muito baixo o que representa 80% do total dos sujeitos. Por outro lado, podemos apreciar que 3 (três) sujeitos obtêm um baixo alcance o que representa 20% do total.

Uma vez aplicado o tratamento, podemos comprovar que a parte mais grande dos alunos podem melhorar seu rendimento, e alcança 1 (um) sujeito uma categorização baixa o que representa 6.6% do total. O alcance normal foi alcançado por 11 (onze) alunos o que representa 73.3% do total. Finalmente é apreciado que 3 (três) alunos obtiveram um alcance alto o que representa 20.1% do total.

Por conseguinte podemos deduzir que havia um aumento importante no rendimento dos alunos nas noções defesivas de jogo simples, podendo desenvolver sistemas mínimos de jogo tático como também superar e fortalecer os elementos técnicos. " A divisão das tarefas como meios para polarizar a atenção tem aspectos concretos da aprendizagem, impediria a prática global, integradora, de todas as capacidades de um modo simultâneo, pelo que sua prática reiterada poderia desenvolver fatores de rendimento inconexos que teriam pouca transferência ao jogo real "

4.1.4 PROVA " t " PARA AMOSTRAS NÃO INDEPENDENTES

| | Media da Diferença | t (STUDENT) | Grado de Liberdade | Valor Crítico (0.05) | Valor Crítico (0.01) |
|--|--------------------|----------------|--------------------|----------------------|----------------------|
| Teste de Coordenação Óculo Pedal | = 5.48 | = 17.40 | = 14 | =1,7613 | =2,624 |
| Teste de Coordenação Óculo Manual | = -5.92 | = 3.43 | = 14 | =1,7613 | =2,624 |
| Teste de Jogo Simples | = -17.72 | = 10.67 | = 14 | =1,7613 | =2,624 |

Tábua 8: Resultados Estatísticos Descritivos do Teste de C. O. P. / C.O.M. / J.S.

De acordo com o teste " t " para amostras não independentes, para o teste de coordenação óculo-pedal a razão " t " indica que a diferença observada é 17.40 vezes maior que a diferença que seria necessário esperar de acordo com uma hipótese de nulidade. Consultado a tábua de valores " t " para determinar o significado estatístico da razão observada, temos que no teste " t " para amostras não independentes com 14 (quatorze) graus de liberdade, é precisado um valor de: 1.7613 de forma que o " t " seja significantes ao valor 0.05 e de: 2.624 de forma que são significantes ao valor 0.01.

Isto significa que a diferença entre as duas médias é significativa aos valores 0.05 e 0.01. Então a conclusão é que aceita a hipótese de investigação e a hipótese nula é rejeitada.

Para o teste de coordenação óculo-manual a razão " t " indica que a diferença observada é 3.43 vezes maior que a diferença que seria necessário esperar de acordo com uma hipótese de nulidade. Consultado a tábua de valores " t " para determinar o significado estatístico da razão observada, temos que no teste " t " para amostras não independentes com 14 (quatorze) graus de liberdade, é precisado um valor de: 1.7613 de forma que o " t " seja significantes ao valor 0.05 e de: 2.624 de forma que são significantes ao valor 0.01.

Isto significa que a diferença entre as duas médias é significativa aos valores 0.05 e 0.01. Então a conclusão é que aceita a hipótese de investigação e a hipótese nula é rejeitada.

Para o teste de Jogo Simples a razão " t " indica que a diferença observada é 10.67 vezes maior que a diferença que seria necessário esperar de acordo com uma hipótese de nulidade. Consultado a tábua de valores " t " para determinar o significado estatístico da razão observada, temos que no teste " t " para amostras não independentes com 14 (quatorze) graus de liberdade, é precisado um valor de: 1.7613 de forma que o " t " são significantes ao valor 0.05 e de: 2.624 de forma que são significantes ao valor 0.01.

Isto significa que a diferença entre as duas médias é significativa aos valores 0.05 e 0.01. Então a conclusão é que aceita a hipótese de investigação e a hipótese nula é rejeitada.

CAPÍTULO V

5. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Este estudo foi levado a cabo com o propósito de verificar se estratégias lúdicas globalizadas, causam rendimentos motores significantes que melhoram a aprendizagem desportiva inicial no hóquei em patins com crianças de 8 a 10 anos. Em primeiro termo considero que o estudo contribuiu de alguma maneira à disciplina do Hóquei em Patins em sua fase inicial, em função da relevância acho que todo o estudo que significa uma contribuição científica deveria ser considerado significante. Do ponto de vista estatístico chegou ao seguinte resultado, para o teste " t " para amostras não independentes:

Coordenação óculo-pedal a razão " t " é: 17.40

Coordenação óculo-manual a razão " t " é: 3.43

Teste de Jogo Simples a razão " t " é: 10.67

Então, você conclui que no teste " t " para amostras não independentes com 14 (quatorze) graus de liberdade, é precisado um valor de: 1.7613 de forma que o " t " seja significantes ao valor 0.05 e de: 2.624 de forma que são significantes ao valor 0.01. Isto significa que a diferença entre as duas médias é significante aos valores 0.05 e 0.01. Então a conclusão é que aceita a hipótese de investigação e a hipótese nula é rejeitada.

Do ponto de vista do rendimento motor dos alunos conclui que no caso do C.O.P.: um 100% dos alunos obtiveram rendimento motor. No C.O.M.: uns 86.6 dos alunos obtiveram rendimento motor. No caso do teste de jogo simples o 100% dos alunos obtiveram rendimento na aplicação de Pós-teste ofensivo e defensivo.

Agora então, respondendo às perguntas iniciais: A aprendizagem no hóquei em patins deverá estar fundado principalmente no desenvolvimento da técnica individual de expressões

consecutivas?, No processo de ensino-aprendizagem o jogo desenvolve a capacidade criativa no menor?, Uma pedagogia ativa por meio de jogos causará nos menores uma motivação alta?.

Para este estudo podemos deduzir que as diferenças provadamente é devido a que o Jogo como elemento metodológica central possibilita múltiplas possibilidades de desenvolvimento motor nos menores, já que permite por sua plasticidade de movimentos dotar e equipar o menino no âmbito motor. O movimento afirma Wallon que é: " Uma fonte inesgotável de experiências ". Também é necessário deduzir que exista um fator motivacional que fortalece as ações conductuales dos menores, causando uma muito boa atitude de acordo com o treinamento, gerando o desenvolvimento de valores como a responsabilidade, perseverança, respeito e boa atitude ao trabalho, participando ativamente em ações lúdicas espontâneas e dirigidas possibilitando deste modo, o desenvolvimento de referências metodológicos e socioeducativos.

Pela mesma coisa, como se refere no primeiro capítulo: " Relação existente fatores de execução e fator perceptivo motriz ", é importante oferecer aos menores, a possibilidade de aprendizagem com uma diversidade de movimentos que permitem aumentar sua memória motriz, o que permitirá para o menino identificar um problema em uma situação de jogo, elaborar a solução e executar. Rigal afirma que: " *As percepções são elaboradas a partir de dados sensoriais e estão sujeitas a um certo número de leis ou particularidades fisiológicas como a natureza do sistema sensorial* ". Devemos considerar que o primeiro e mais forte motivação em um menino de acordo com o esporte é a necessidade de movimento, que desde o começo deveria ter um caráter lúdico, para mais tarde estar preparado psicologicamente para a competição. Então, pode concluir que a inovação metodológica, se causa rendimentos motores significantes que melhoram a aprendizagem desportiva inicial. Para os resultados obtidos podemos mostrar que na fase de iniciação desportiva na disciplina do hóquei em patins as ações motrizes seriam atos inteligentes que implicam mecanismos de percepção, decisão e execução. As situações de aprendizagem deveriam ir melhorar cada um destes aspectos dentro do marco do jogo global. Também é necessário seguir os procedimentos pedagógicos para definir as estratégias na prática, quer dizer, a forma peculiar de aproximar os diferentes exercícios ou posições pedagógicas que compõem a progressão de ensinar as habilidades motrizes. É necessário equipar funcionalmente o menino seguindo os procedimentos apropriados, "**o jogo**" é a melhor forma de imprimir em sua

capacidade de aprendizagem, já que para o menino a atividade desportiva não é uma forma de vida, mas a manifestação espontânea de uma ação lúdica. Não há dúvida que os jogos são uma das mais importantes manifestações da vida infantil que é analisada desde diferentes perspectivas e em tudo eles destacando seu grande valor educativo. Então a necessidade de fomentar uma Pedagogia de Esporte baseado em ações lúdicas globalizadas.

Devido a estas razões, considero que pode ser inútil e ineficaz a especialização precoce que segue procedimentos analíticos de aprendizagem; por outro lado, seria mais acertado favorecer na construção de novas habilidades motrizes por meio do treinamento dos prerrequisitos que mencionei previamente, baseado em experiências prévias multifacéticas, para que no momento em que a habilidade faz seu aparecimento, isto é desenvolvido em toda sua potencialidade, mais como um montão de fatores que foram considerados, que como um comportamento devido simplesmente nas mudanças neurológicas. Em outras palavras não é que um menino patina aos três anos de idade, mas sim que as experiências prévias ofereceram por multidão de situações, facilitem uma boa maturação do padrão da carreira, que pode pelo dia ser a base para que o menino seja capaz de emular, situações de algum esporte competitivo. De um mesmo modo, podemos apreciar que a rampa de iniciação desportiva adaptou às idades evolutivas da infância requer uma fundamentação nesses enunciados, conteúdos e métodos da educação motriz de base. Na educação motriz de base, nós deveríamos estimular não só as capacidades do menino, mas que também deveríamos procurar, e então, conseguir que o menino verifique, a realização de um certo " rendimento ", expressada em cada habilidade motriz que ele vai adquirindo.

No ambiente metodológico, o presente estudo adota as conclusões seguintes para o desenvolvimento de esporte do menino:

1. O jogo como objeto, método e propósito.
2. O menino participa ativamente: observa, toma decisões, acredite, contribui idéias e críticas elabora estratégias.

3. Começa na realidade, do vivenciado, onde acontecem os aprendizagens significantes para que os conteúdos sejam motivantes e tenham sentido para os alunos.
4. É dada prioridade ao movimento espontâneo, em ações às vezes sugeridas pelo menino, outros pelo professor, de acordo com as necessidades do grupo.
5. O menino pode e deve escolher os caminhos que considera conveniente para resolve os problemas e chega a um reconhecimento de limitações e possibilidades, aceitando as individualidades.
6. É fomentado diversos conteúdos de tópicos transversais: educação para o desenvolvimento de valores tais como a força, perseverança, respeito, obediência, atitude no trabalho etc.
7. Os jogos esboçam um trabalho multifuncional. É facilitada a atenção na diversidade.

Finalmente eu acho que os procedimentos apropriados para uma Pedagogia de Esporte deveriam estar baseado na investigação, porque favorece que os alunos adquirem e entendem os parâmetros de efetividade a partir da totalidade do jogo. O professor deveria fazer um esforço para mostrar regras, indique para o conseguimento do sucesso e não tentar induzir aos alunos nas situações prefixas. As ações motrizes dos jogos esportivos coletivos, são atos inteligentes nos que os mecanismos de percepção, decisão e execução estão implícitas. As situações de aprendizagem deveriam servir para a melhora de cada um destes aspectos na marca do jogo global.

" Um menino me provoca dois sentimentos, o primeiro de carinho para o que é em essência e o segundo de respeito pelo que pode acabar sendo " (J. Piaget.)

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ARY, D. CHESER, L. RAZAVIEH, A. **Introdução para a investigação pedagógica.**

2ª edição México, D.F. 1985

ÁGUILA, C. **Considerações metodológicas para o ensino dos jogos esportivos coletivos em idade escolar.** Revista Digital: [www. Efdeportes. com](http://www.Efdeportes.com) Numero 20. Buenos Aires, 2000.

ÁGUILA, C. ANDÚJAR, C. **Reflexões sobre o treinamento na infância e a seleção de talentos desportivos.** Revista Digital: www. Efdeportes.com Número 21. Buenos Aires, 2000.

ALVES, K. - SANTOS, S. - OTUZI, F. **O Programa sobre Jogos Cooperativos no Cepeusp. Uma Avaliação.** Revista Digital: www. Efdeportes.com Número 13. Buenos Aires, 1999.

ANNEMARIE, S. **Educação Física Princípios Pedagógicos.** Ao Livro Técnico S/A. Rio de Janeiro, 1983.

BASTOS, S. **Informática, ciência e atividade física.** Editorial Shape. 2ª Edição. Rio de Janeiro, 1998.

BENTO, J. - GARCÍA, R. - GRACA, A. **Pedagogia de Esporte Perspectivas e Problemáticas.** Aponte Programa de Magíster em Educação Física. 2001.

BLÁNDEZ, J. **A investigação - ação: Um desafio para a faculdade.** Inde Publicações. 2ª Edição. Barcelona, 2000.

BLÁZQUEZ, D. **Avaliar em Educação Física** Inde Publicações 6ª Edição. Barcelona, 1998.

BRAVO, R. - FERNÁNDEZ, E - MERINO, R. **O Jogo: meio educativo e de aplicação para os blocos de conteúdo.** Edições Aljibe. 1ª Edição. Málaga, 1999.

CÁRDENAS, D. **O Treinamento Integrado das Habilidades Visuais na Iniciação Desportiva.** Edições Aljibe. 1ª Edição. Málaga, 2000.

CASTAÑER, M. – CAMERINO, O. **A Educação Física no Ensino Primário.** Inde Publicações. 3ª Edição. Barcelona, 1996.

CASTELLANI, L. **Os tempos da globalização.** Aponte Programa de Magíster em Educação Física. 2001.

DE MARCO, A. **Fundamentos Neuropsicológicos do movimento humano.** Aponte Programa de Magíster em Educação Física. 2001.

DÍAZ, J. **O Currículo da Educação Física na Reforma Educativa.** Inde Publicações. 3ª Edição. Barcelona, 1998.

DÍAZ, OTAÑEZ J. **Introdução na Investigação em Educação Física.** Edições Jado. 1ª Edição. Córdoba, 1983.

ELÍAS, N. - DUNNING, E. **Esporte e lazer no processo da civilização.** Capital da cultura econômica. 2ª Edição. México 1995.

ELENOR, K. **Educação Física. Esino & Mudaças.** Editora Unijai. 2ª Edição. Ijuí, Rio Grande do Sul -Brasil 2001.

FAMOSE, J. **Conhecimento e Rendimento Motor.** Inde Publicações. 1ª Edição. Barcelona 1999.

FERRARESE, S. - MILANESSIO, A. - PRECIOSO, S. **Criando Jogos. Resultado da investigação-ação participativa: Jogos ecológicos participativos.** Revista Digital: [www. Efdeportes.com](http://www.Efdeportes.com) Número 22. Buenos Aires 2000.

FOX, B. **Fisiología do Esporte.** Editorial Médica Panamericano. 3ª Edição. 1995.

FUSTE, X. **Jogos de Iniciação para os Jogos esportivos Coletivos.** Editorial Paidotribo. 2ª Edição Barcelona 1998.

GALDINO, M. **Pontos e Contrapontos sobre a especialização precoce em jogos esportivos** Aponte Programa de Magíster em Educação Física. 2001. Campinas, Tecnograf, 2000.

GALLÉN, C. **Evolução histórica do hóquei em patins.** Revista Científica Educação Física Esports, N° 23, 1991,

GARGANTA, J. **Horizontes e Órbitas no Entorno dos Jogos Esportivos CEDJD,** Universidade do Porto. 2000.

GARCÍA, H. **A Formação da Faculdade de Educação Física: Problemas e Expetativas.** Inde Publicações. 1ª Edição. Barcelona 1997.

GALILEA-MUÑOZ, J. ESTRUCH-MASSANA, A. GALILEA - Ballarini, B. **Especialização Precoce em Esporte.** Apunt 1986. Vol. XXIH. PÁG. 15-23.

GIRALDES, M. **Metodología da Educação Física.** Editorial Stadium. Buenos Aires, 1976.

GIMÉNEZ, A. **Modelos de Ensino Esportivo. Análise de duas décadas de Investigação.** Revista Digital: [www. Efdeportes.com](http://www.Efdeportes.com) Número 13. Buenos Aires, 1999.

GIL DULCIO, L. **O Lúdico e o Movimento como Atividade Educativa.** Revista Digital: [www. Efdeportes.com](http://www.Efdeportes.com), Número 12. Buenos Aires, 1998.

GRACA, A. - OLIVEIRA, J. **O Ensino dos Jogos Desportivos**. Editorial Paidotribo 1ª Edição. Portugal, 1997.

GREGO, P. - NOVELLINO, R. **Iniciação Desportiva Universal**. Editorial LTFMG. Belo Horizonte, 1998.

GRUPO LA TARUSA. **Educação Física em Primária pelo Jogo**. Inde Publicações. 1ª Edição. Barcelona, 2001.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, R. **Metodología da Investigação**. Editorial Mc Graw-Hill Interamericana 2ª Edição México 1998.

HERNÁNDEZ J. **Evolução, estimacão e diferenciação da condição física nos jogadores de hóquei em patins**. Revista científica Apunts, Educação Física Esports, N° 23, 1991.

HEYWARD, V. **Avaluação e prescrição do exercício**. Editorial Paidotribo. 1ª Edição. Barcelona, 1996.

HÖRST, W. **Quando o menino está pronto para disputar competições organizadas**. Revista Digital: [www. Efdeportes. com](http://www.Efdeportes.com), Número 32 Buenos Aires, 2001.

LE BOULCH, J. **O Esporte Educativo Psicocinética e Aprendizagem Motor**. Editorial Paidós ibérico. 1ª Edição Barcelona 1991.

LORA RISCO, J. **A Educação Corporal**. Editorial Paidotribo. 1ª Edição. Barcelona 1991.

LÓPEZ, C. **Minha vida em oito rodas**. 1ª Edição. San Juan Argentina, 1997.

MANSO, J -NAVARRO-RUIZ. **Bases Teóricas do Treinamento Desportivo**. Editorial Gymnos. 1ª Edição. Madrid, 1996.

MARCHESINI, F. **Hóquei sua pista fundamentos técnicos de base.** Editorial Romana. 1ª Edição. Roma, 1984.

MARTÍNEZ, G. **O jogo e o desenvolvimento infantil.** Edições Octahedro. 2ª Edição. Barcelona 1999.

MORRI, I. **A condição física no portero de hóquei em patins.** Revista Científica Apunts, Educação Física Esports, N° 23, 1991.

PAVÍA, V. **O Modo Lúdico e outros ingredientes.** Revista Digital: [www. Efdeportes. com](http://www.Efdeportes.com) Número 25 Buenos Aires, 2000.

PAVÍA, V. **O Projeto nas Formas Diárias de Jogo Infantil.** Revista Digital: www.Efdeportes.com, Número 5 Buenos Aires, 1997.

PALMI, J. **Aspectos psicológicos do hóquei em patins.** Revista Científica Apunts, Educação Física Esports, N° 23, 1991.

PALMI, J. **A coesão e o rendimento em jogo esportivos de time.** Revista Científica Apunts, Educação Física Esports, N° 35, 1994.

PIÉRON, M. **Para um Ensino Efetivo das Atividades Físico-esportivas.** Inde Publicações. 1ª Edição. Barcelona, 1999.

PONS, M. **Feridas traumatológicas no hóquei em patins.** Revista Científica Apunts, Educação Física Esports, N° 23, 1991.

PLANEJE DELEGAÇÃO A CORUÑA. **Melhoria da técnica do hóquei em patins.** Edições Caixa Galicia. 1ª Edição. A Coruña, 1988

RODRÍGUEZ, J. **Historia do Esporte.** Inde Publicações. 1ª Edição. Barcelona 2000.

RODRÍGUES, R. **Aprendizagem e Competição Precoce**. Editorial UNICAMP. 3ª Edição 1997.

RODRÍGUES, R. **Esporte Competitivo e Espetáculo Esportivo**. Aponte Programa de Magíster em Educação Física. 2001.

RODRÍGUES, R. **Jogos Esportivos Coletivos**. Aponte Programa de Magíster em Educação Física. 2001.

RODRÍGUES, R. **Pedagogia do Esporte e Jogos Coletivos**. Aponte Programa de Magíster em Educação Física. 2001.

RODRÍGUEZ, F. **Estimacão funcional do jogador de hóquei em patins**. Revista Científica Apunts, Educação Física Esports, N° 23, 1991.

ULLOA, J. **Caráter metodológico do treinamento com crianças**. Revista Digital: www.Efdeportes.com, Número 39. Buenos Aires, 2.001.

SASTRE, J.M. **Hóquei em rodas**. Editorial Juventude. Madrid, 1952.

TELMO, X. **Métodos de Ensino Educação Física**. Editora Manole. São Paulo, 1986.

TRULLOLS, C. **Tática e Estratégia no hóquei em patins**. Revista Científica Apunts, Educação Física Esports, 1991.

VALDÉS, H. **Introdução para a investigação científica aplicada à Educação Física e o Esporte**. Editorial Pueblo e Educação. 1ª Reimpressão. La Havana 1987.

VASALO, C. **Competitividade em jogo esportivos infantis**. Revista Digital: www.Sobreentrenamiento. Com, Córdova, 2.001).

VELASCO, F. **Hóquei em Patins**. Editorial Presenca. Lisboa, 1982,

ANEXOS

ANEXO 1

TESTE DE JOGO

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO : SUJEITO 1
 IDADE : 9 ANOS.

| ATAQUE | | | | | |
|---|-----------|-----------|--|-----------|-----------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Tirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade e de tiro ou remate. | 0 | 1 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá e tesoura | 0 | 2 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 1 | 2 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 1 | 2 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se separado do jogador que tem a bola 2. Progressão da bola por pase o por briling. | 0 | 0 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos e curtos, parado ou em movimento. | 0 | 0 |
| | 0 | 1 | | 1 | 2 |

PONTO PRE-TESTE: 06 pontos

PONTO PÓS-TESTE: 19 pontos

| DEFESA | | | | | |
|--|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 1 | 1 | Livre | 0 | 1 |
| B.- Impedir a criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 1 | 2 | Livre / Zona quadrado | 0 | 2 |
| C.- Dificultar a construção do ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 0 1 0 | 1 2 1 | Livre / Quadrado Livre Livre | 0 0 0 | 1 1 1 |

PONTO PRE-TESTE: 03

PONTO PÓS-TESTE: 13

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 09 PONTOS

PONTO PÓS-TESTE: 30 PONTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO : SUJEITO 2
 IDADE : 10 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|--|-------------|-------------|--|-------------|-------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Tirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade do tiro ou remate. | 1 0 | 2 2 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá e tesoura | 1 0 | 1 1 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 1 0 0 | 1 0 0 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 0 0 0 | 1 0 0 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se separado do jogador que têm a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 0 0 | 0 1 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos y curtos, parado ou em movimento. | 0 0 | 0 2 |

PONTO PRE-TESTE: 03 pontos

PONTO PÓS-TESTE: 11 pontos

| DEFESA | | | | | |
|--|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pos-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 0 | 1 | Livre | 0 | 1 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 1 | 2 | Livre / Zona quadrado | 1 | 2 |
| C.- Dificultar a construção do ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 1 0 0 | 1 1 0 | Livre / Quadrado Livre Livre | 0 0 0 | 1 0 1 |

PONTO PRE-TESTE: 03

PONTO PÓS-TESTE: 10

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 06 PONTOS

PONTO PÓS-TESTE: 21 PONTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 3
8 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|--|-------------|-------------|--|-------------|-------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Tirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de tiro ou remate. | 1 0 | 1 1 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá e tesoura | 1 0 | 1 1 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se Ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 1 0 0 | 1 1 0 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 0 0 0 | 1 0 0 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se separado do jogador que têm a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 1 0 | 1 0 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos e curtos, parado ou em movimento. | 0 0 | 0 1 |

PONTO PRE-TESTE: 04

PONTO PÓS-TESTE: 09

| DEFESA | | | | | |
|---|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir o atacante impedindo o tiro | 0 | 1 | Livre | 0 | 1 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 0 | 1 | Livre / Zona quadrado | 0 | 1 |
| C.- Dificultar na construção do ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 1 0 0 | 1 0 1 | Livre / Quadrado Livre Livre | 0 0 0 | 1 1 0 |

PONTO PRE-TESTE: 01

PONTO PÓS-TESTE: 08

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 05 PUNTOS

PONTO PÓS-TESTE: 17 PUNTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 4
: 10 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|---|-----------|-----------|--|-----------|-----------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Tirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de tiro ou remate. | 1 | 2 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá e tesoura | 1 | 2 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 1 | 2 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 0 | 1 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se longe do jogador que tem a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 0 | 1 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos e curtos, parado ou em movimento. | 1 | 1 |

PONTO PRE-TESTE: 08

PONTO PÓS-TESTE: 19

| DEFESA | | | | | |
|---|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 0 | 1 | Livre | 0 | 1 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 0 | 1 | Livre / Zona quadrado | 0 | 1 |
| C.- Dificultar na construção do ataque 1. Defender entre o atacante E o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 1 1 0 | 2 2 0 | Livre / Quadrado Livre Livre | 0 0 0 | 2 1 0 |

PONTO PRE-TESTE: 02

PONTO PÓS-TESTE: 11

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 10 PUNTOS

PONTO PÓS-TESTE: 30 PUNTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 5
: 10 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|---|-------------|-------------|--|-------------|-------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Tirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de tiro ou remate. | 1 0 | 2 2 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá e tesoura | 0 1 | 1 2 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 0 0 0 | 1 1 0 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Pasar e receber 3. Jogar sem bola | 0 0 0 | 1 0 0 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se longe do jogador que têm a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 0 0 | 0 1 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos e curtos, parado ou em movimento. | 0 1 | 0 2 |

PONTO PRE-TESTE: 03

PONTO PÓS-TESTE: 13

| DEFESA | | | | | |
|--|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 0 | 1 | Livre | 0 | 1 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 1 | 2 | Livre / Zona quadrado | 0 | 1 |
| C.- Dificultar na construção del ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 0 0 0 | 1 0 1 | Livre / Quadrado Livre Livre | 1 0 0 | 1 1 0 |

PONTO PRE-TESTE: 02

PONTO PÓS-TESTE: 09

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 05 PUNTOS

PONTO PÓS-TESTE: 22 PUNTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 6
: 10 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|---|-----------|-----------|--|-----------|-----------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Atirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de tiro ou remate. | 0 | 0 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá e tesoura | 0 | 1 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 0 | 1 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Pasar e receber 3. Jogar sem bola | 0 | 1 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se longe do jogador que têm a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 0 | 1 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos e curtos, parado ou em movimento. | 0 | 0 |

PONTO PRE-TESTE: 0
PONTO PÓS-TESTE: 08

| DEFESA | | | | | |
|---|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 0 | 1 | Livre | 0 | 1 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 0 | 0 | Livre / Zona quadrado | 0 | 1 |
| C.- Dificultar na construção do ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 0 0 0 | 1 1 0 | Livre / Quadrado Livre Livre | 0 0 0 | 1 0 0 |

PONTO PRE-TESTE: 0
PONTO PÓS-TESTE: 06

PONTO TOTAL:
PONTO PRE-TESTE: 0 PUNTOS
PONTO PÓS-TESTE: 14 PUNTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 7
: 10 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|--|-------------|-------------|--|-------------|-------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Atirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de tiro ou remate. | 1 0 | 1 1 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá e tesoura | 0 0 | 1 2 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 0 0 0 | 1 1 1 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 0 0 0 | 1 0 0 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se longe do jogador que em a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 0 0 | 1 1 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos e curtos, parado ou em movimento. | 0 0 | 0 2 |

PONTO PRE-TESTE: 01

PONTO PÓS-TESTE: 13

| DEFESA | | | | | |
|---|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 0 | 1 | Livre | 0 | 1 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar los pases | 0 | 1 | Livre / Zona quadrado | 0 | 1 |
| C.- Dificultar la construcción do ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 1 1 0 | 1 1 1 | Livre / Quadrado Livre Livre | 0 0 0 | 2 1 1 |

PONTO PRE-TESTE: 02

PONTO PÓS-TESTE: 11

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 03 PUNTOS

PONTO PÓS-TESTE: 24 PUNTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 8
: 10 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|---|-------------|-------------|---|-------------|-------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Atirar em área restringida 2. Identificar na oportunidade de tiro ou remate. | 1 0 | 2 1 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá e tesoura | 1 0 | 2 1 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de passe 3. Olhar antes de atuar | 0 0 0 | 1 1 0 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 0 0 0 | 1 1 0 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se longe do jogador que tem a bola 2. Progressão da bola por passe ou por dribling. | 1 0 | 1 1 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de passe : longos e curtos, parado ou em movimento. | 0 1 | 2 2 |

PONTO PRE-TESTE: 04

PONTO PÓS-TESTE: 16

| DEFESA | | | | | |
|---|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 0 | 1 | Livre | 0 | 1 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 1 | 1 | Livre / Zona quadrado | 0 | 1 |
| C.- Dificultar na construção do ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 1 0 0 | 2 2 1 | Livre / Quadrado Livre Livre | 1 0 0 | 2 1 1 |

PONTO PRE-TESTE: 03

PONTO PÓS-TESTE: 13

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 07 PUNTOS

PONTO PÓS-TESTE: 29 PUNTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

SUJEITO 9
10 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|---|-------------|-------------|--|-------------|-------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Atirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de tiro ou remate. | 1 1 | 2 2 | 1. Tiro en movimiento 2. Tiro de pala y tijera | 1 1 | 2 2 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 1 1 0 | 2 2 2 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 1 0 0 | 2 1 0 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se longe do jogador que tem a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 0 0 | 0 1 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos e curtos, parado ou em movimento. | 0 1 | 2 2 |

PONTO PRE-TESTE: 08

PONTO PÓS-TESTE: 22

| DEFESA | | | | | |
|---|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 1 | 2 | Livre | 0 | 2 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 1 | 1 | Livre / Zona quadrado | 0 | 2 |
| C.- Dificultar na construção do ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 1 1 0 | 2 2 1 | Livre / Quadrado Livre Livre | 0 0 0 | 1 1 1 |

PONTO PRE-TESTE: 04

PONTO POS-TESTE: 15

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 12 PUNTOS

PONTO PÓS-TESTE: 37 PUNTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 10
: 9 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|---|-------------|-------------|--|-------------|-------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Tirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de tiro ou remate. | 0 1 | 1 1 | 1. Tiro en movimiento 2. Tiro de pala y tijera | 0 0 | 1 2 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 0 0 0 | 1 0 0 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 0 0 0 | 1 1 0 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se longo do jogador que tem a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 0 0 | 1 1 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos e curtos, parado ou em movimento. | 0 1 | 0 2 |

PONTO PRE-TESTE: 02
PONTO PÓS-TESTE: 12

| DEFESA | | | | | |
|---|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 0 | 1 | Livre | 0 | 1 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 0 | 1 | Livre / Zona quadrado | 0 | 0 |
| C.- Dificultar na construção del ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adoptar defesa individual | 1 0 0 | 2 0 0 | Livre / Quadrado Livre Livre | 1 0 0 | 2 2 1 |

PONTO PRE-TESTE: 02

PONTO PÓS-TESTE: 10

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 04 PONTOS

PONTO PÓS-TESTE: 22 PONTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 11
: 8 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|--|-----------|-----------|---|-----------|-----------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Agarrar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de empequenhecer o arco. | 1 0 | 2 2 | 1. Posição do arqueiro 2. Patinagem e regresso | 0 0 | 1 1 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Rechazar dirigindo a bola ao companheiro. | 0 | 1 | 1. Pase com utilização de luvas. | 0 | 0 |

PONTO TOTAL:
PONTO PRE-TESTE: 01 PONTOS
PONTO PÓS-TESTE: 07 PONTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 12
: 10 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|--|-----------|-----------|---|-----------|-----------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Agarrar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de empequenhecer o arco. | 1 1 | 2 2 | 1. Posição do arqueiro 2. Patinagem y regresso | 0 | 2 0 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Rechazar dirigindo a bola ao companheiro. | 1 | 2 | 1. Pase con utilização de luvas. | 0 | 0 |

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 03 PONTOS

PONTO PÓS-TESTE: 08 PONTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 13
: 10 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|---|-----------|-----------|--|-----------|-----------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Tirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de tiro ou remate. | 0 | 1 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá e tesoura | 0 | 1 |
| | 0 | 1 | | 0 | 1 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 0 | 1 | 1. Dribling de progressão e proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 0 | 1 |
| | 0 | 0 | | 1 | 1 |
| | 0 | 1 | | 0 | 0 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se longe do jogador que tem a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 0 | 1 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos e curtos, parado ou em movimento. | 0 | 0 |
| | 0 | 0 | | 0 | 2 |

PONTO PRE-TESTE: 01

PONTO PÓS-TESTE: 11

| DEFESA | | | | | |
|---|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 1 | 2 | Livre | 0 | 2 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 0 | 1 | Livre / Zona quadrado | 0 | 1 |
| C.- Dificultar na construção do ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 1 0 0 | 2 1 1 | Livre / Quadrado Livre Livre | 0 0 0 | 1 1 1 |

PONTO PRE-TESTE: 02

PONTO PÓS-TESTE: 13

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 03 PONTOS

PONTO PÓS-TESTE: 24 PONTOS

TESTE DE JOGO SIMPLES

ALUNO
IDADE

: SUJEITO 14
: 8 ANOS

| ATAQUE | | | | | |
|---|-----------|-----------|--|-----------|-----------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-teste | Pós-teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Finalizar 1. Tirar em área restringida 2. Identificar a oportunidade de tiro ou remate. | 0 | 1 | 1. Tiro em movimento 2. Tiro de pá ou tesoura. | 1 | 2 |
| B.- Criar Oportunidades. 1. Driblear para aproximar-se ao arco. 2. Abrir linhas de pase 3. Olhar antes de atuar | 1 | 2 | 1. Dribling de progressão e Proteção 2. Passar e receber 3. Jogar sem bola | 0 | 1 |
| C.- Continuidade do Ataque 1. Manter-se longe do jogador que tem a bola 2. Progressão da bola por pase ou por briling. | 0 | 1 | 1. Jogar sem bola com alteração de direção e velocidade. 2. Diversos tipos de pase : longos e curtos, parado ou em movimento. | 0 | 1 |

PONTO PRE-TESTE: 04

PONTO PÓS-TESTE: 18

| DEFESA | | | | | |
|---|------------------|------------------|------------------------------------|------------------|------------------|
| Elementos Táticos | PONTOS | | Elementos Técnicos | PONTOS | |
| | Pre-Teste | Pós-Teste | | Pre-teste | Pós-teste |
| A.- Impedir o tiro 1. Seguir ao atacante impedindo o tiro | 1 | 2 | Livre | 0 | 2 |
| B.- Impedir na criação de situações de tiros 1. Impedir / dificultar os pases | 0 | 1 | Livre / Zona quadrado | 0 | 1 |
| C.- Dificultar na construção do ataque 1. Defender entre o atacante e o arco 2. Recuperar defesivamente 3. Adotar defesa individual | 1 0 0 | 2 2 1 | Livre / Quadrado Livre Livre | 0 0 0 | 2 2 1 |

PONTO PRE-TESTE: 02

PONTO PÓS-TESTE: 16

PONTO TOTAL:

PONTO PRE-TESTE: 06 PONTOS

PONTO PÓS-TESTE: 34 PONTOS

ANEXO 2

PLANEJO DAS SESSÕES PRÁTICAS

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|---------|---|--|--|
| 1° - 2° | COORDENAÇÃO Óculo - pedal Óculo - manual Patinagem Dominio de bola com stick Jogo de iniciação | 1.- APLICACIÓN DE PRE-TESTE | BATERIA DE TESTE * Teste de Slalom * Teste de Dominio Aéreo * Teste de Jogo de Iniciação |
| 3° - 6° | COORDENAÇÃO Óculo - pedal Velocidadee de Reação | 2.- Destreza sobre patins a través de Jogos. a) O ladrão e a policia b) O fugitivo c) Os carros 3.- Transportes e giros a) Amuralha b) Corridas com alteração do ritmo e direção c) Cadeias intermináveis 4.- Corridas a) Saltos com e sem desplazamento | Reforzamento e avance Observação Direta |
| 7° - 9° | COORDENAÇÃO | 5.- Destrezas sobre patins a) Fútbol - patím b) A mancha contagiosa dentro da área c) O trem (carros de 3-4) d) Os saltos ao stick e) Os carros marcha atrás f) O congelado (atividades de freiada aos ambos lados) | Reforzamento e avance Observação e registro |

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|-----------|---|---|---|
| 10° - 12° | COORDENAÇÃO * Óculo - manual * Agilidade * Impactos e desvíos * Velocidadee de reação | 6.- Condução a) Seguir o meu companheiro com e sem a bola b) Levanta e rebota a bola sobre o chão c) Encestar a bola em uma lata 7.- Pases a) Bater a bola nos cones b) Seguir o aluno fugitivo e Cazar ele com um golpe de bola contra os patins c) O pase mais longo e mais forte 8.- Tiros a) Trabalho global de tiros | Reforzamiento y avance Folha de Registro |
| 13° - 15° | COORDENAÇÃO GERAL * Óculo - pedal * Óculo - manual * Velocidade * Resistência * Agilidade | 9.- Condução, Pases, Recepção, Dribling a) Conduzir a pelota com stick b) Pases em movimentos; quadrados triângulos, círculos c) Rebote aéreo e encestar em uma lata d) Dribling com proteção e avance 10.- Ações de 1 x 1 na perspectiva do ataque * Criar vantagem sobre o defensor * Aproximar-se ao arco ou portería contraria * Tirar com elevadas posibilidades de éxito * Ações de 1 x 0 + porteiro, em um tempo determinado jogar contra o | Reforzamiento y avance Folha de Registro |

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|-----------|--|--|---|
| 16° - 18° | COORDENAÇÃO * Geral * Dinâmica * Agilidadee * Velocidadee * Resistência | 11.- Ações de 2 x 2 12.- Ações de 3 x 3 * Desarmar a organização defensiva liberando a um jogador da marcagem direta * Fazer rotar a bola aproximando-me ao arco * Dar continuidade ao ataque * Sobrepassar ao defensor e tirar na porteria | Reforçamento e avance Observação Direta Folha de Registro |

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|-----------|---|--|--|
| 19° - 21° | COORDENAÇÃO * Velocidade * Agilidade * Flexibilidade | 13.- Superioridade Numérica Exercício para a transição Defesa / Ataque a) Jogos; Balão-mão com a bola a ras do chão b) Bola aérea e encestar sobre o arco c) Jogos parciais em espaço reducido * Uma bola para tres jogadores, dois atacam e um defende, vam rotando entre os tres * Desmarque e recepção * Alteração de direção e pase, dribling * Jogo de ataques sucesivos em espaços reducidos * Jugar ao robo da bola * Jogo dos dez pases e búsqueda do gol * Desmarque e alteração de direção * Enfrentamento 1 x 0 * porteiro em espaço reducido | Reforzamiento y avance Observação Direta Folha de Registro |

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|-----------|--|--|-------------------|
| 22° - 24° | COORDENAÇÃO * Dinâmica * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade * Resistência | 14.- Resolver situações de superioridade numérica 3 x 2 y 2 x 1 em espaço reduzido. 15.- Regras para melhorar a ação defensiva e ofensiva. a) Jogos: * Quem é o rei de fazer saltar a pelota no aire. * O ladrão de bolas * Corridas com relevos para frente e para atrás. * Corridas dos 100 freiados b) Situação 3 x 2 * Aproximar-se ao arco com a bola, realizando Dribling e pases. * Avançar pelos corredores laterais. * O jogador com a bola tira ao arco e marca a um defensor apoiando ao companheiro melhor ubicado, garantizando uma linha de pase em retorno. * Analizam-se cruces consecutivos Desmarcando-se constantemente. * Todos participam dos rebotes no porteiro. c) Situação 2 x 1 * Fazer avançar rápidamente a bola por pase ou Dribling. * Apartar-se para confundir e dividir defesa | Folha de Registro |

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|-----------|---|---|-----------|
| | | <ul style="list-style-type: none"> * Penetrar e tirar o marcar ao defensor e apoiar. d) Situação 1 x 0 + Porteiro. * Enfrentar em espaço reduzido por intervalos de tempo. | |
| 25° - 27° | <p>COORDENAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> * Geral * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade * Resistência | <p>Organização da Transição</p> <p>Defesa / Ataque.</p> <p>Jogos:</p> <ul style="list-style-type: none"> * Os cervos e o leão * Pósas com relevos / bola e stick * Corridas das 100 freiadas * Quem cheia o arco com bolas. <p>16.- De acuerdo ao objetivo central</p> <ul style="list-style-type: none"> a) Entrada em possessão da bola e saída da área próxima ao pórtilo b) Ocupação dos tres corredores de campo c) Finalização da transição <ul style="list-style-type: none"> * Procurar finalizar rápido em situações de superioridade numérica ou em igualdade, com um número reducido de jogadores (1 x 1, 2 x 2, 3 x 3) e también organização do ataque posicional. d) Formação básica de defesa. (quadrado) <p>Isto permite:</p> <ul style="list-style-type: none"> * Ocupação equilibrada do espaço * Distribuição homogénea dos jogadores nos lados da pista * Jogar em qualquer direção. | |

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|-----------|--|--|--|
| | | e) Ataque: * Fazer progressar a bola invadindo o mediocampo defensivo do adversario * Finalizar o ataque com um tiro ou remate na porteria * Fichar a atenção dos defesores * Invadir / Penetrar la defesa * Passar e desmarcar-se * Driblear e passar | |
| 28° - 30° | COORDENAÇÃO * Geral * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade * Resistência | 17.- Conceptuar a proposta do modelo. Recepção: * Ir ao encuentro da bola * Olhar antes de driblar * Receber, proteger Desmarque : * Chegar perto e longe da bola * Correr até o arco * Aclarar o espaço Dribling: * Olhar antes de driblar * Não olhar consecutivamente a bola Tiro : * Seleccionar a forma do tiro * Aproveitar o momento do tiro * Na sequencia do Dribling Pase : * Dirigir ele até o compañero * Com a força adecuada * Dar continuidade ao ataque | Reforzamento e avance Observação Direta |

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|-----------|---|---|--|
| 31° - 32° | <p>COORDENAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> * Óculo -pedal * Óculo - manual <p>Qualidade Física</p> <p>Desarrollada</p> <ul style="list-style-type: none"> * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade * Resistência | <p>18. -Transição do Pase</p> <ul style="list-style-type: none"> * Pase e Patinar * Pase e buscar desmarcar-se * Pase em busca da área (parede) <p>O Jogo dos dois toques</p> <ul style="list-style-type: none"> * Recepção e pase * Recepção, pase e patinar * Recepção, pase e desmarque | <p>Observação</p> <p>Folha de anotações</p> |
| 33° - 34° | <p>COORDENAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> * Óculo pedal * Óculo manual * Geral | <p>19.- Ações Lúdicas</p> <p>Futebol - Patim</p> <ul style="list-style-type: none"> * Pase com os patins * Recepção e Pase <p>Hockey Invertido</p> <ul style="list-style-type: none"> * Se joga livremente com o stick invertido em espaço reducido | <p>Observação</p> |
| 35° - 36° | <p>COORDENAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> * Geral <p>Qualidades Físicas</p> <p>Desenvolvidas</p> <ul style="list-style-type: none"> * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade * Resistência | <p>20.- Cooperação na conquista e utilização do balão nos espaços livres.</p> <ul style="list-style-type: none"> * Familiarizar-se com as situações de contato * Compreensão do Jogo * Codificação do contato - deveres do jogador. * Impedir a progressão do adversario, adiantando as linhas. * Avança em direção ao jogador com posição da bola. * Avança nos espaços livres ou sobre oposição Direta | <p>Observação</p> <ul style="list-style-type: none"> * Dos comportamentos do grupo e dos jogadores. |
| | | | |

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|-----------|---|---|--|
| 37° - 38° | COORDENAÇÃO * Geral Qualidades Físicas Desenvolvidas * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade * Resistência | 21.- Comportamentos desejáveis * Participa ativamente nas fases de conquista da pelota. * Aceita com o adversario e com o solo. * Compreende o objetivo do Jogo e finaliza * Respeita os amigos, adversarios e ao arbitragem. | Observação Folha de Registro |
| 39° - 40° | COORDENAÇÃO * Geral Qualidades Físicas Desarrolladas * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade * Resistência | 22.- Ações Defesivas * Jogo do cazador e o cervo * Seguir o meu companheiro em toda a pista * Antecipar a recepção da bola por parte do adversario. * Anticipação nas esquinas defesivas * Aproximação ao adversario coletivamente. * Posição defensiva coletiva | Observação Direta |

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|-----------|--|---|--|
| 41° - 42° | <p>COORDENAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> * Geral <p>Qualidades Físicas Desenvolvidas</p> <ul style="list-style-type: none"> * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade * Resistência | <p>23.- Ações Ofensivas</p> <ul style="list-style-type: none"> * Patinar buscando criar espaços livres * Procurar manter a posição da bola, se gira para buscar o meu companheiro. * Libera a bola controladamente. * Apoia ao portador da bola, criando linhas de pase. * Elegir conforme a situação do jogo agrupado o Jogo no ancho. | <p>Observação</p> <p>Direta</p> <p>Folha de Registro</p> |
| 43° - 44° | <p>COORDENAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> * Geral <p>Qualidades Físicas Desenvolvidas</p> <ul style="list-style-type: none"> * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade * Resistência | <p>24.- Ações de Jogo coletivo</p> <ul style="list-style-type: none"> * Presiona ao portador da bola e impide sua progressão. * Coloca-se no ataque e na defesa * Libera controladamente a bola * Executa com correção nas técnicas de hockey. * Executa pases específicos de relação. * Acomoda sua atuação ao objetivo do jogo, nas funções e nos modos de execução técnico-táticas e as normas do jogo. | <p>Observação</p> <p>Direta</p> <p>Folha de Registro</p> |
| 45° - 46° | <p>COORDENAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> * Geral <p>Qualidades Físicas Desenvolvidas</p> <ul style="list-style-type: none"> * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade, | <ul style="list-style-type: none"> * Executa pases específicos de relação. * Acomoda sua atuação ao objetivo do jogo, nas funções e nos modos de execução técnico-táticas e as normas de jogo. | |

| SESSÕES | CONTEÚDOS | ATIVIDADES | AVALUAÇÃO |
|-----------|--|------------------------|-------------------|
| 47° - 48° | COORDENAÇÃO * Öculo-Pedal * Öculo-Manual Cualidades Físicas Desarrolladas * Agilidade * Flexibilidade * Velocidade * Resistência | Aplicação do Pós-teste | Bateria de Teste. |

ANEXO 3

FUNDAÇÕES E PROGRESSÃO

NOME :
 IDADE :
 DATA :

| | MINIMO PARA JUGAR | PROGRESSÃO | PONTO PRE-TESTE | PONTO PÓS-TESTE |
|--------------------------|--|--|-----------------|-----------------|
| RECEPÇÃO | * Recepçiona a bola * Não olhe a bola quando Têm ela no stick | * Vai ao seu encontro * Olha antes de driblear * Recebe e protege | | |
| DESMARQUE | * Se desplaza para librar-se da marca | * Fica perto e longe da bola até que a recebe * Corre hacia o arco buscando os espaços | | |
| DRIBLING | * Controla a bola parado e em desplazamento | * Não olha a bola * Olha antes de driblear * Libera-se de olhar na bola e concentra-se na Ação a emprender | | |
| TIRO | * Nota o momento do tiro | * Escolhe a forma do tiro | | |
| PASSE | * Joga para o companheiro | * O dirige adecuadamente | | |
| CONDUÇÃO | * Patina com a bola e stick | * Controla e conduz em diversas situações | | |
| Ponto Alcançado : | | | | |

Tábua 2: Progressão das fundações do Hóquei em Patins

GLOSSÁRIO

Adaptação: Qualidade dos organismos vivos que, pelo desenvolvimento corporal, formas funcionais, rendimento, comportamentos e diversas demandas podem estabilizar as condições de existência. Manno (1992, mencionado por García Manso 1996, p.27).

Amostra: Grupo de pessoas, fatos ou situações que são parte representante de uma população ou universo. Díaz Otañez (1983, pág. 123).

Aprendizagem motor: É a aquisição, afinação e estabilização das destrezas motoras, quer dizer, das destrezas de técnico-esporte no treinamento, representando um processo ativo consciente dirigido para um certo objetivo. Meinel e Schnabel (1976 mencionado por Harre, pág. 191).

Avaliação: Processo de avaliação de resultados e aceitação de valores específicos e uso de diversos instrumentos de observação e medição. Díaz Otañez (1983, pág. 123).

Competição: É um processo no qual a comparação de um rendimento individual é feita com um padrão qualquer em presença de pelo menos outra pessoa que está atento no critério de comparação. Martens (1976, p.14, mencionado por Famose 1999, p.34).

Especialização precoce: Seleção de indivíduos, avançou pelo tempo por uma concreta e específica modalidade desportiva, seleção basada quase exclusivamente em fatores biológicos (qualidades) e técnicos (destrezas), concretamente na infância. Galilea-Muñoz, e col. (1986, revista apunts, vol de XXIII., p.15).

Estratégias Lúdicas Globalizadas: Grupo de instrumento guiado para resolver os problemas de aprendizagem e equipa o menino no seu plano funcional por meio de ações lúdicas, globais no que se procura a solução motriz para os problemas ditos anteriormente no próprio jogo.

Feedback: Retroação. Efeito de retorno exercido em um organismo pelo seu próprio funcionamento. Rigal (1987, pág. 646).

Habilidades motrizes: Programas motores que representam uma série de comandos musculares que são estruturados previamente à iniciação do movimento, e permitem a execução do grupo da sucessão motriz, até mesmo em ausência de informações que vem da periferia sensorial. Keele 1988, (mencionado por Le Boulch 1991).

Hipótese: Enunciado de uma suposição ou declaração, dedicadas para ser provado por um estudo, pode ser enunciado em forma afirmativa, negativa ou interrogativa. Díaz Otañez (1983, pág. 123).

Iniciação desportiva: É o processo que vai do momento que começa sua aprendizagem inicial e o mais recente desenvolvimento progressivo até que o indivíduo pode aplicar o aprendido em uma real situação de jogo com nível global de efetividade. Delgado M.A. 1994, (mencionado por Romero Granados 1997, pág. 29).

Jogo: Etimologicamente vem da voz latina " iocus ", que significa, ação e efeito de jogar, “sendo sua derivação semântica o que corresponde a diversão ou exercício recreativo sujeito a certas regras” Martínez, 1965 (mencionado por Bravo Berrocal 1999, pág. 21).

Motricidade: Grupos de funções que permitem os movimentos. Rigal, (1987, pág. 648).

Método: Procedimento sistemático e planejado de ordenação de conteúdos característicos da preparação de um desportista, da ordenação dos objetivos parciais, dos modos de organização, das interações treinador-atleta, da eleição dos meios de trabalho e sua dosagem, tudo com o propósito de alcançar os objetivos marcados de antemão. García Manso (1996, p.16).

Metodologia: Ciência do método. Díaz Otañez (1983, pág. 123).

Modelo de Treinamento: Processo planejado e complexo para aumentar o rendimento desportivo, ajudando a uma série de fases ou etapas, nas quais aplicando umas premissas metodológicas concretas tem sido de ir conseguindo metas intermédias. Delgado, Gutiérrez & Castillo, (1995, mencionado por Cárdenas Vélez, 2000, pág. 87).

Método tradicional: Situações de aprendizagem que estão composto de exercícios de assimilação e de aplicação de destrezas, baseado na técnica individual.

Motivação: Fatores de personalidade, variáveis sociais e cognitivas nos que entram em ação quando uma pessoa faz uma tarefa em qual é avaliado e entra em competição com outro ou intenta alcançar certas normas de excelência. Piéron (1999, p.205).

Paradigma: São realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante certo tempo provêem modelos de problemas e soluções para uma comunidade científica. Bizquerra, (1986 p.45).

P.A.F.T.: Processo de adaptação o físico técnico.

Pedagogia do esporte: É o estudo científico na organização das situações de aprendizagem de um esporte, para alcançar um objetivo cognitivo, afetivo e sociomotor.

Pós-teste: Procedimento na administração de uma medida ao término de outros testes de investigação. Díaz Otañez (1983, pág. 124).

Praxia: É um sistema de movimentos coordenados em função de um resultado ou uma intenção. Castañer - Camerino (1996, pág. 126).

Pre-teste: Procedimento na administração de uma medida prévia para outros testes de investigação. Díaz Otañez (1983, pág. 124).

Princípios Esportivos: Processo para o qual o esportista sofre certas cargas de treinamento, guiadas no conseguimento do estado de uma forma ideal, deve respeitar um grupo de procedimentos cujo propósito é obter a máxima efetividade com os mínimos riscos possíveis. Cárdenas Vélez, (2000, p.94)

Quaseexperimento: Não acaba sendo experiência. Algumas variáveis são manipuladas. Díaz Otañez (1983, pág. 121).

Rendimento motor: É o resultado de uma atividade, com forte componente motriz. Jean-Pierre Famosé (1999, p.32). Colocado em prática nos movimentos da produção de resultados. Parlebas (1981, mencionado por Famosé 1999, p.33).

Teoria: Afirmação das relações ajudados entre os conceitos ou constructos. Díaz Otañez (1983, pág. 124).

Técnica desportiva: Forma de executar um exercício desportivo. Starosta (1991, mencionado por García Manso, 1996, p.460). Processo ou grupo de processos, que aprendem pelo exercício, que permite levar a cabo o mais racional e economicamente possível e com a máxima efetividade uma certa tarefa de movimento. Manno (1991, mencionado por García Manso, 1996, p.460).

Variável: Propriedade ou características das pessoas ou fenômenos que têm de variar. Díaz Otañez (1983, pág. 124).